

J514

Revista do **MENSINO**

José Guimaraes



Publicação da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul

SECRETARIA DA S.E.C.

ANO VII — N.º 47

SETEMBRO 1957

Cr\$ 30,00

SALTITANDO



Letra de Edvete da Cruz Machado — Música de Vera Braga Nunes

1- Sal-ti-
2- Três pas-
3- As me-
tan-do , con- ten-te, na
si-nhos pra den - tro da
ni-nas vão tô-das ao
ro-da,
ro-da
cen-tro,
Sal-ti-
Vai a-
Eos me-

tan-do as-
go-ra o par-
ni-nos, a-
sim sem pa-
zi-nho a dan-
trás sem pa-
tar —
çar —
rar —
Sal-ti-
Três pas-
Ba-tem

tan-do,
si-nhos
pal-mas,
pro-cu-
pa-ra
bem con-
ran-do,
fo-ra,
ten-tes,
um par-
Eu-ma
Dão as

zi-nho com
vol-ta no
mãos pra de-
quem dan-
seu lu-
pois vol-
car
gar
tar
Stou a-
Lá-lá-
Lá-lá-
qui —
lá-lá-
lá-lá-
co-le-
lá-lá-
lá-lá-

gui-nha,
lá-lá-
lá-lá-
Es-tou
lá-lá-
lá-lá-
pron-ta
lá- lá-
lá- lá-
pra ser
lá- lá-
lá- lá-
o seu
lá-lá-
lá-lá-
par, —
lá-lá-
lá-lá-

ÍNDICE

COMUNICADO DO C.P.O.E.

Homenagem ao Dia do Professor	2
Homenagem póstuma	3

PROBLEMAS EM EDUCACAO

Educação e Orientação Educacional — Ercilia Pessoa de Mello Ribeiro	37
Problema da Formação dos Professores Primários	39
A Escola e o Trabalho — José Maria Gaspar	54

EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

Da Jardineira para a Jardineira	11
Completar desenhos	12
Perfuração e alinhavo	13
Vamos dramatizar nossas histórias	14

METODOLOGIA

Metodologia da Linguagem — Ofélia Boisson Cardoso	16
---	----

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

O aviadorzinho (Música)	15
Diretrizes da aprendizagem de "Música e Canto Orfeônico" — Maria Gesta	27
Côco da Bahia (Trabalhos Manuais)	34
Alegres Andorinhas (Música)	43
A evolução musical e a evolução social — Durvalina Camargo	62

EDUCAÇÃO FÍSICA

Importância da Educação Física na Elevação Moral do Povo — Otacilio Moura Escobar	21
Vários Jogos	50

ESTUDOS SOCIAIS E NATURAIS

Observações e Experiências	8
----------------------------------	---

DRAMATIZAÇÕES

As Estações — Hélia de Carvalho Armando	26
A Refeição Matinal — Maria Emilia Branco da Costa	59

PLANOS DE AULA

A Árvore — Aurora Josefina Bertuol	22
--	----

BIBLIOTECAS E AUDITÓRIOS

Bibliotecas e Auditórios — Juracy Silveira	23
Livros Infantilis	52

JOGOS

Observando	25
Números no 1.º ano	33

RECREAÇÃO

Poemas	7 — 38 —	55
Brincando com meus alunos — Arlette Pinto de Oliveira e Silva	36	
Exercícios e Divertimentos	56	

EDUCAÇÃO RURAL

Questionário para observações das atividades de uma escola rural — Carmen Pereira Alonso	58
--	----

DIVERSOS ASSUNTOS

Reforma do Ensino Normal — Yandir Martins Santos	4
Ser Mestra — Sinfoniana Remedi	53
Uma Lição Proveitosa — Francisca Montilla	61
Os Direitos da Criança	63

Comunicados do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da Secr. de Educação e Cultura do R. G. do Sul

Homenagem ao Dia do Professor

Alda Cardoso Kremer

Diretora do C. P. O. E.

OFÍCIO-CIRCULAR N.º 218

À Direção e ao Corpo Docente das Escolas do Rio Grande do Sul.

Encaminhamos aos educadores de nosso Estado, o plano didático elaborado com o propósito de prestar ao ilustre e inovável Secretário de Educação e Cultura Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha homenagem que, expressando o nosso reconhecimento pelo magnífico legado que nos deixou sua passagem pela vida pública do Rio Grande do Sul e, em especial, por esta Secretaria, recolha, no brilho de suas virtudes cívicas e morais, de sua inteligência e de sua dedicação ao trabalho, de seu idealismo e de sua reverência à Lei, a inspiração que oriente e fortaleça nossos mestres e educandos na obra de aperfeiçoamento pessoal exigida pela natureza e destinação do homem.

Aquêles que sentiram, no âmago de sua sensibilidade, a perda irreparável de tão grande brasileiro, aceitando os designios da Providência, devem reconhecer a inexgotável fonte de estímulos e exemplos que foi sua breve trajetória entre nós.

Tocado por irresistível vocação de educador, Liberato Salzano Vieira da Cunha soube a ela corresponder, compreendendo em sua magnitude, com profundidade e clareza invulgares, os problemas fundamentais da obra educativa.

Ao assumir a direção desta Secretaria, em seu discurso de posse, definiu, com a firmeza de suas convicções filosóficas e a segurança de sua cultura, os elementos básicos do Processo de formação das novas gerações. A par de uma profissão de fé na Democracia e do exame dos deveres do Estado no tocante à educação, transmitiu ao Magistério sua primeira mensagem, expressando-lhe sua confiança, prometendo defender os seus direitos com invencível dedicação e concitando-o a que, a seu lado, continuasse a tarefa "árdua, incansável, urgente e, sob certo aspecto, de salvação nacional", no propósito de

combater o espírito superficial e irresponsável, sentido em nossos dias. Declarou sua esperança em que, com o auxílio de Deus, os educadores hão de vencer, ressaltando, porém que, para isso, "devemos empregar todo o nosso esforço, toda a nossa dedicação, um incansável zélo e uma doação de nós mesmos, até o heroísmo".

Esta magna tarefa, "tecida de gestos anônimos" há de engrandecer o País e aperfeiçoar nossas instituições. "Assim, teremos diante de Deus e da Pátria a insubstituível tranquilidade de consciência que só o cumprimento do dever nos pode trazer".

E é o mesmo pensamento, repleto de idealismo e combatividade que haveremos de sentir nas outras mensagens enviadas por Liberato Salzano Vieira da Cunha, em diferentes oportunidades, aos professores do Rio Grande do Sul, e que constituem precioso legado para os nossos educadores. No entanto, só alcançaremos o seu significado, integrando em nossos atos, os padrões que nos foram propostos. O exemplo outorgado deve "avançar no espaço, para frutificar no tempo".

SENHORES PROFESSORES

A Personalidade a quem renderemos o preito de gratidão e homenagem é um autêntico paradigma a ser proposto às novas gerações espalhadas por todas as escolas do Rio Grande do Sul

Apresentai-o aos vossos alunos como um homem dos nossos dias e de nosso meio que soube em sua carreira ser fiel ao ideal de brasileiro e de cristão; apresentai-o como filho e chefe de família exemplar, como modelo para o estudante, o professor, o jornalista, o parlamentar, o administrador — pela coerência de seus atos com as suas convicções, pela beleza moral de sua vida, pela sua consagração ao trabalho e ao bem comum, pelo seu amor à Justiça e à Verdade, pela sua fé em Deus e pela sua dedicação à Pátria.

Homenagem Póstuma

(Sugestões para um plano de trabalho a ser desenvolvido nas escolas do Estado)

OBJETIVOS:

- I — Homenagear a memória do Secretário, antes de tudo amigo da educação, tragicamente desaparecido no cumprimento do dever:
 A. Salientando a importância da consideração precipua dos valores da alma, marcadamente objetivados na personalidade do ilustre extinto.
 B. Acentuando, mediante consideração de aspectos de sua vida e sua obra, a coerência dos princípios por ele esposados com suas atitudes e ações.

OPORTUNIDADES	DISCIPLINAS	CONTEÚDOS	HABITOS E ATITUDES A SEREM CRIADOS E DESENVOLVIDOS
<ol style="list-style-type: none"> Leitura de notícias sobre aspectos significativos da vida do homenageado publicadas em jornais, revistas, etc. Conhecimento da biografia do Bel. Liberato Salzano Vieira da Cunha. Entrevistas com pessoas habilitadas a informar os alunos sobre particularidades da vida e obra do extinto. Visitas a repartições: Secretaria de Educação (Capital), Delegacias de Ensino (Interior), com a finalidade de obter informações sobre as realizações do ilustre desaparecido. Assistência (no curso primário, por alunos das últimas séries) a cerimônias religiosas, palestras ou conferências realizadas nas localidades, em homenagem ao desaparecido. Correspondência, com a Secretaria de Educação e Cultura, com a finalidade de solicitar informações. Excursão a locais onde se estejam realizando obras por iniciativa do extinto Secretário (construção de Grupos Escolares, melhoramentos em escolas, etc.) 	L I N G U A G E M	<ol style="list-style-type: none"> Leitura, interpretação e apreciação cuidadosa do material coletado. Cópia de trechos alusivos ao assunto do plano, para a organização de álbuns ou livro de memórias. Redação: <ol style="list-style-type: none"> De pequenos artigos ou notícias para o jornal da escola, quadro de apresentação de trabalhos ou outros. De frases ou lemas. Seleção de artigos, notícias, e principalmente, de frases ou lemas mais significativos por seu valor sentimental, literário e gramatical. 	<ol style="list-style-type: none"> Desenvolver o senso cívico no que concerne ao respeito e reverência a autoridades, pelo conhecimento das obras realizadas e atitudes demonstradas. Fortalecer o hábito de análise objetiva e do julgamento de atitudes próprias e alheias em função de ideais esposados. Enriquecer qualidades de compreensão humana e do espírito de solidariedade, quer material quer espiritual. Levar o aluno ao desejo de um enriquecimento contínuo de virtudes morais.
	E S T U D O S S O C I A I S	<ol style="list-style-type: none"> Estudo da biografia do homenageado, ressaltando o desempenho de diferentes atividades funcionais (professor, jornalista, advogado, legislador, administrador) com as respectivas realizações. Análise dos deveres de cidadania - conhecimento e observância de leis e regulamentos; os atributos do líder (pontos a considerar na escolha dos líderes). Estudo, em especial, da localidade de origem do homenageado e de outras onde ele tenha tido atuação saliente. Consideração, neste estudo, especialmente dos aspectos humanos, isto é, estudo de vultos ilustres que essas localidades e a em que está localizada a escola tenham produzido. 	JÁ PREVISTOS EM LINGUAGEM

SUGESTÕES

1. Confecção de álbuns que tenham por finalidade o colecionamento dos trabalhos realizados, destinados à Biblioteca da Escola.
2. Intercâmbio de trabalhos entre escolas da mesma localidade ou de localidades próximas.
3. Realização de sessão de auditório que tenha como finalidade a apresentação dos trabalhos realizados.
4. Inclusão no jornal da Escola (mural, mimeografado ou outro) de uma página-homenagem ao ilustre desaparecido.
5. Realização de campanhas de caridade como parte da homenagem de que trata o presente plano.

REALIZAÇÕES

1. Adoção da figura do Bel. Liberato Salzano Vieira da Cunha para patrono de uma classe da última série da escola ou de uma sala especial (Biblioteca, auditório).
2. Inauguração, em lugar de destaque na escola, de frase de autoria do homenageado.
3. Idem de frases motivadas pelo trabalho realizado.

SARAH AZAMBUJA ROLLA

Técnico em Educação do C. P. O. E.

Reforma do Ensino Normal no Estado do Rio Grande do Sul

Comentário pela Prof.^a Yandir Martins Santos,
Técnico em Educação do C.P.O.E.

Procuraremos dar, em síntese, por intermédio desta Revista, ao Magistério do Rio Grande do Sul e demais Estados do Brasil, informações exatas sobre o que seja a Reforma do Ensino Normal em nosso Estado, em seus aspectos mais expressivos.

Pela Lei n.^o 2588 de 25.1.55, foram organizadas e fixadas as bases do ensino normal no Estado.

Regulamentou esta Lei, o Decreto n.^o 6004 de 26.1.55 que por sua vez foi alterado em seus artigos 6.^º e 50.^º pelo Decreto n.^o 6071 de 10.5.55.

O trabalho, atendendo às novas diretrizes, foi iniciado no 2.^º semestre de 1955, em caráter experimental, no Instituto de Educação e na Escola Normal Carmen Chacon, ambos nesta capital.

Em 1956, ajustaram-se ao novo Regime de estudos, mais 7 escolas, todas do interior do Estado e no corrente ano letivo, 15 novas escolas estarão experimentando o plano de estudos em aprêço.

O entusiasmo e interesse que vem despertando a Reforma do Ensino Normal, se comprova, através do número de escolas que se propõe espontaneamente, a aplicá-la. Dizemos espontaneamente, porque o próprio Decreto prevê em seu artigo 70.^º que — "A organização prevista neste Regulamento poderá ser adaptada, de imediato, sómente em um ou alguns estabelecimentos, a juízo da administração do ensino, entendendo, gradativamente aos demais".

Passemos, portanto, ao

Regulamento do Ensino Normal OBJETIVOS PRIMORDIAIS da Reforma

- a) Dotar o Estado de um sistema de educação flexível, no qual a par do atendimento dos interesses e das capacidades pessoais dos alunos, se possam preparar professores aptos para solucionarem diferentes problemas de educação primária, de acordo com as peculiaridades das diversas Regiões do Estado;
- b) Reestruturar o Ensino Normal em bases tais, que os diferentes Escolas de 1.^º e 2.^º ciclos oficiais e particulares, possam, por revisões periódicas, ajustar-se, cada vez mais, às necessidades do meio e, assim dar inicio a um sistema de organização mais descentralizado e mais próximo dos desejáveis princípios de administração e organização locais;
- c) possibilitar sempre, ao aluno, oportunidades de certa especialização, de modo que o educando, satisfazendo aos seus interesses profissionais, consiga realizar-se integralmente. Reorganizado nos termos desta Lei será o ensino normal ministrado em escolas de 1.^º e 2.^º ciclos e terá as seguintes finalidades:
 - 1 — formar professores primários e regentes de ensino primário para provimento de escolas urbanas, sub-urbanas e rurais;
 - 2 — preparar administradores escolares supervisores de ensino primário, orientadores educacionais e professores especializados para o ensino primário,

- 3 — proporcionar cursos de formação pedagógica a professores estaduais contratados municipais e particulares que não possuem certificado ou diploma conferido por estabelecimento de ensino normal;
 4 — oferecer cursos de extensão cultural.

Essas finalidades serão atingidas através das Instituições do Ensino Normal que são de três tipos:

- I — Escola Normal Regional que ministrará o primeiro ciclo do ensino normal e formará regentes de ensino primário;
 II — Escola Normal, que ministrará o segundo ciclo do ensino e formará professores de ensino primário;
 III — Instituto de Educação que formará, ainda, administradores escolares, supervisores de ensino primário, orientadores educacionais e professores especializados para o ensino primário.

Além da articulação de cursos que prevê a Lei Federal n.º 1821, de 12.3.53 em nosso Estado, o ensino normal se articulará da seguinte forma:

- a) Escola Normal Regional 1.º grau, (currículo de 4 anos) com o curso primário.
 b) Escola Normal, de 2.º grau (currículo de 3 anos), com o Curso Ginásial e com a Escola Normal Regional.

O ensino nas Escolas Normais de 1.º e 2.º ciclo, obedecerá à seguinte reestruturação:

- I — Departamento de Cultura Geral
 II — Departamento de Cultura Profissional. Constituirão o Departamento de Cultura Geral, as seguintes Divisões.

Escola Normal

- Divisão de Filosofia
 " de Línguas e Literatura
 " de Matemática e Ciências Físico-Naturais
 " de Ciências Sociais
 " de Artes
 " Atividades Econômicas
 " de Educação Física, Recreação e Jogos

Escola Normal Regional

- Divisão de Filosofia
 " de Línguas e Literatura
 " de Matemática e Ciências Físico-Naturais
 " de Ciências Sociais
 " de Agricultura e Zootécnica
 " de Artes
 " de Atividades Econômicas
 " de Educação Física, Recreação e Jogos

Departamento de Cultura Profissional

Escola Normal

- Divisão de Fundamentos da Educação
 " de Direção da Aprendizagem
 " de Adm. de Classes e Escolas

Escola Normal Regional

- Divisão de Fundamentos da Educação
 " de Direção da Aprendizagem
 " de Adm. de Classes e Escolas

Cada uma dessas Divisões oferece um determinado número de unidades de estudos.

No Departamento de Cultura Geral se propõe oferecer, oportunidade de reestudo científico e filosófico do conteúdo programático das disciplinas que integram o currículo do ensino primário.

No Departamento de Cultura Profissional se propõe especificamente o estudo de problemas peculiares à educação de nível primário.

Os candidatos portadores de certificado de conclusão de curso colegial, ou transferidos de uma das séries do curso colegial, serão dispensados de realizar, quando matriculados em Escola Normal, as unidades cujos conteúdos programáticos sejam equivalentes aos dos compreendidos no currículo do referido curso.

Para acesso aos cursos de especialização profissional oferecidos pelo Instituto de Educação, serão exigidas dos candidatos, condições especiais de acordo com o curso a que se destinarem.

Quanto ao número de alunos a serem admitidos às diferentes turmas de cada unidade de estudo, não poderá ser de mais de 30.

As escolas primárias anexas, servirão de campo de prática, demonstração e experimentação pedagógica aos alunos do Curso Normal, obedecendo ao mesmo critério de constituição de turnos, acima estabelecido.

DOS PERÍODOS LETIVOS E DO REGIME DE TRABALHO

O ano letivo nas Escolas Normais de 1.º e 2.º graus e no Instituto de Educação está dividido em 2 períodos: de 1.º de março a 15 de julho e de 1.º de agosto a 15 de dezembro.

Portanto, os períodos de férias serão de 16 a 31 de julho e de 16 de dezembro a 28 de fevereiro.

O tempo mínimo de duração do Curso de Formação de Professores será de 3 anos e o do Curso de Regentes de Ensino primário será de 4 anos.

Estas exigências são para os alunos que têm de ingressar na 1.ª série.

As sessões de estudo devem ter a duração de 50 minutos, com 10 minutos de intervalo.

Este regime de trabalho pretende que se não sobrecarregue os alunos, o que se comprova pelo número de unidades que os mesmos poderão

As unidades não vencidas pelos alunos, serão reestudadas no semestre seguinte em plano especial com duração flexível, que incluirá os aspectos mais significativos e aqueles em que os alunos não tenham satisfeito os objetivos do programa.

Após ter sido verificado pelo professor que houve realmente recuperação por parte do aluno, providenciará aquêle na prova de verificação ou documentação do trabalho, para que seja atribuído a esse a nota que deverá atingir, mesmo na recuperação, o mínimo 60 que dará direito ao atestado de conclusão da unidade estudada.

DOS ATESTADOS E DIPLOMAS

Para que seja obtido o certificado de regente do ensino primário ou diploma de professor primário é exigido do aluno:

- aprovação em todas as unidades previstas em Lei constantes dos Departamentos de Cultura Geral e Profissional;
- comprovante de que houve participação efetiva em atividades programadas em instituições obrigatórias;
- aprovação em projeto realizado após o que se prevê no item c, onde se possa avaliar a capacidade de planejamento, execução e rendimento de trabalho de regência de classe, durante um período de 2 a 3 meses e que dependendo de alteração do Decreto, poderá ser aumentado para um semestre letivo por sugestão dos professores de Didática das E. Normais do Estado.

Serão ainda concedidos atestados e certificados especiais a quem realizar cursos no Departamento de Estudos Especializados ou cursos extraordinários de extensão e aperfeiçoamento.

DAS INSTITUIÇÕES AUXILIARES DA ESCOLA

Funcionarão, em caráter obrigatório as seguintes instituições:

- Serviço de Orientação Educacional com o fim de assistir individualmente os alunos facilitando-lhes o ajustamento às situações da vida.
- Clube de Música, Associação Desportiva e ainda outra instituição escolhida pelos alunos, das quais deverão eles participar efetivamente durante os 4 primeiros semestres, no caso de Escolas Regionais e durante os 2 primeiros semestres, nas Escolas de 2º grau.

Deverão ainda funcionar, nos três tipos de escola, com o propósito de complementar as atividades da escola e contribuir para o desenvolvimento integral do educando várias instituições como: Bibliotecas, Clubes de Estudos Sociais, de Ciências Naturais, de Línguas e Literatura, de Agricultura, Clubes de Mães, etc.

A Educação Religiosa — Será obrigatória de acordo com a confissão religiosa do aluno.

Para o funcionamento e orientação das atividades religiosas será organizada associação de caráter extra-classe, mas curricular e, por isso, obrigatória.

Poderão funcionar, nas escolas, tantas associações quantos forem os credos religiosos reconhecidos nos termos do parágrafo único do art. 20 do decreto n.º 4898, de 13.3.54,

Os alunos que não participarem de nenhuma das associações organizadas nos termos do § 2.º deste artigo, deverão inscrever-se, obrigatoriamente, numa associação que tenha por objetivo o conhecimento e a prática dos valores morais.

Esperamos ter podido dar uma visão geral e clara sobre o assunto que nos propusemos tratar. Outros aspectos da implantação do novo regime de estudo nas Escolas Normais serão, oportunamente, divulgados pelo C.P.O.E.

As avaliações dos resultados desse trabalho experimental, será processada através de pesquisas, documentação e seminários com professores, que o C.P.O.E. e a S.E.N. vêm realizando, pois sendo experiência recente, seria prematuro tirar conclusões.

MINHA PÁTRIA

Vicente Guimarães

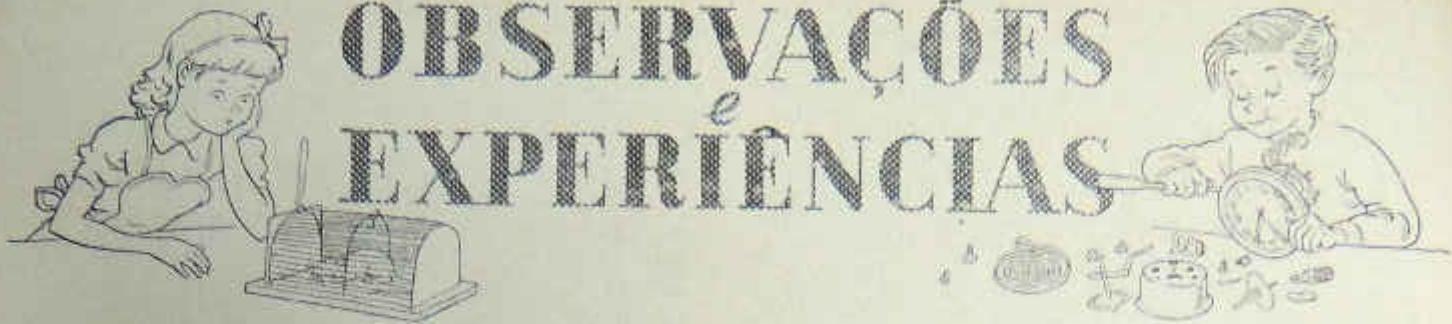
Eu gosto de minha Pátria,
Gosto muito do Brasil,
De seus campos, suas matas,
Deste lindo céu de anil.

Tudo é grande em minha Pátria
Seus pássaros mais cantores,
Sua terra mais fecunda
E mais lindas suas flores

Seus rios são caudalosos
E seu céu é mais azul,
Onde, entre lindas estrelas,
Brilha o Cruzeiro do Sul.

Tudo é grande em minha Pátria:
As cachoeiras cantoras,
As montanhas, as florestas,
As minas de diamantes...

E' muito grande o Brasil,
Não cabe neste salão,
Mas trago-o todo inteirinho
Dentro do meu coração.



OBSERVAÇÕES EXPERIÊNCIAS

O Uso Didático Do Aquário

Prof. Newton Dias dos Santos

Doutor em História Natural. Naturalista do Museu Nacional. Professor da Escola Normal Carmela Dutra. Prof. dos Cursos de Aperfeiçoamento de Metodologia das Ciências, do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

Excerto do livro "Práticas de Ciências", Guia do Ensino Elementar, Editora Olímpica. (Com autorização do autor).

VI

Insetos — A manutenção de insetos aquáticos nos aquários dá graça e originalidade, além de proporcionar interessantes observações. Só conseguiremos manter com facilidade, aqueles que habitam normalmente as águas, pois os que vivem nas águas muito límpidas e correntes dos riachos das nossas serras não sobrevivem muitos dias nos aquários. Um dos insetos mais facilmente mantido, é aquele vulgarmente chamado de "baratinha de água". São besouros aquáticos (da ordem dos coleópteros). (Fig. 1), cujo abdômen é recoberto pelas asas anteriores que formam um forte estojo. Nadando graciosamente por meio de suas pernas, um par das quais possui duas fileiras de pêlos que o transformam numa espécie de remo. Alimentam-se de detritos animais e vegetais. A parte inferior do tórax e do abdômen, contra luz aparece prateada, devido a uma camada de ar de reserva, que é mantida aderente ao corpo por intermédio de pe-

queninos pêlos. Esses insetos, apesar de viverem dentro da água, não possuem respiração branquial, isto é, não respiram o oxigênio dissolvido na água, pois, aproveitam-se do ar, acima mencionado, que fica armazenado na parte inferior do corpo. De quando em vez o inseto vem à tona da água renovar a sua provisão de ar.

Larvas de mosquitos — Nos aquários ou em outros recipientes correspondentes, podemos criar larvas de mosquitos, não só para observar seus hábitos, como para distinguir os que são prejudiciais à saúde. Deixando-se o recipiente ao ar livre, certamente algum mosquito acabará por encontrá-lo e o aproveitará para depositar seus ovos. Convém colocar alguns detritos vegetais ou folhas secas de plantas para servir de alimento às futuras larvas de mosquitos. Observar diariamente o recipiente para descobrir as pequeninas larvas ou os ovos depositados na superfície da água em grupos (espécie de jangadas) ou isolados. A manutenção das larvas dos mosquitos permite fazer as observações necessárias ao reconhecimento das espécies prejudiciais à saúde humana (Fig. 3).

Estas larvas não possuem respiração branquial e por isso elas vêm frequentemente à superfície da água de onde retiram o ar atmosférico.

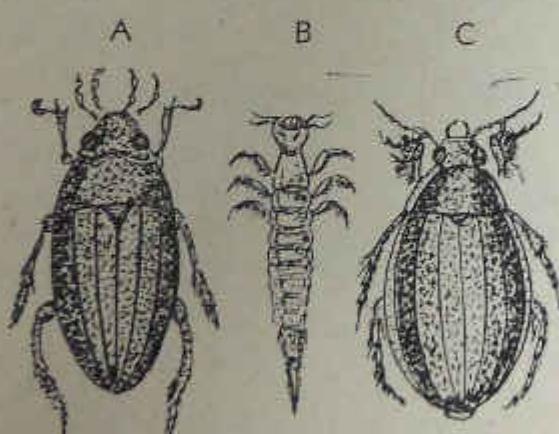


Fig. 1 — A e C — (Baratinhas da água, insetos da mesma ordem dos besouros (ordem dos coleópteros) e que vivem na água. B — a larva aquática desses insetos. (Segundo Turtox').

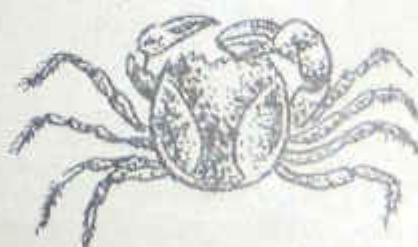


Fig. 2 — Caranguejo d'água doce muito comum nas águas dos riachos das serras do D. F., do gênero *Trichodactylus*. (Segundo R. von Thering).

rico, por intermédio do seu sifão respiratório. Essas larvas de mosquito constituem um bom alimento para peixinhos do aquário, principalmente os lombários.

Larvas de libélulas — Podem ser mantidas em aquários as larvas desses interessantes insetos. Como os mosquitos, as libélulas adultas respiram o ar atmosférico. Embora possam afastar-se das águas, a maioria das espécies anda sempre nas suas proximidades e isto porque elas depositam seus ovos na água. Essas espécies vulgarmente chamadas "lavadeiras" porque parecem lavar a extremidade do abdômen na água, estão na verdade depositando seus minúsculos ovos. Desses, ao fim de alguns dias, saem as larvas que vivem meses e até anos dentro d'água antes de se transformarem em adultos. As larvas das libélulas não devem ser mantidas em aquários contendo peixes ou girinos, isto porque elas os devoram rapidamente sendo consideradas verdadeiras inimigas dos aquários. Todavia, isto não impede que as mantenhamos nos aquários, se desejarmos observar a sua atitude frente aos outros animais. Sendo terrivelmente vorazes, elas comem tudo que se move a sua frente. Podemos alimentá-las com larvas de mosquitos ou girinos. Naturalmente que uma larva de um centímetro não poderá comer um peixe de 10 centímetros, mas elas são capazes de atacar e comer peixes três vezes maiores do que

elas. Há diversos tipos de larvas de libélulas que podemos reunir em dois grupos principais: um formado pelos que contém filamentos ou brânquias na extremidade do abdômen e são frágeis e menos vorazes (fig. 4), outro, de larvas sem tais filamentos, robustas, maiores e vorazes (fig. 4b). Podemos coletá-las nas águas dos riachos, nos pântanos e brejos, raspando o fundo com uma peneira. Não oferecem nenhum perigo ao homem. Ao contrário da maioria dos insetos aquáticos, as larvas da libélula respiram o oxigênio dissolvido na água por intermédio de brânquias.

Outros insetos — Há ainda alguns que podemos manter nos aquários, mas apenas por alguns dias, pois os mesmos exigem condições muito especiais de vida e de alimentação. Podemos aproveitar as oportunidades que se nos oferecem nas excursões, colecionando esses insetos vivos com redinhas de pano em forma de um coador de café e transportando-os em latas ou vidros com água. Assim são capturados certos insetos chamados barata d'água (não confundir com as baratinhas de água mencionadas acima), pertencentes à ordem dos hemípteros, providos de um aparelho bucal em forma de ferro e capazes de nos dar picadas, se facilitarmos. Esses insetos vivem nas águas dos pântanos, brejos e águas geralmente sujas e algumas espécies atingem quase 10 centímetros (cientificamen-

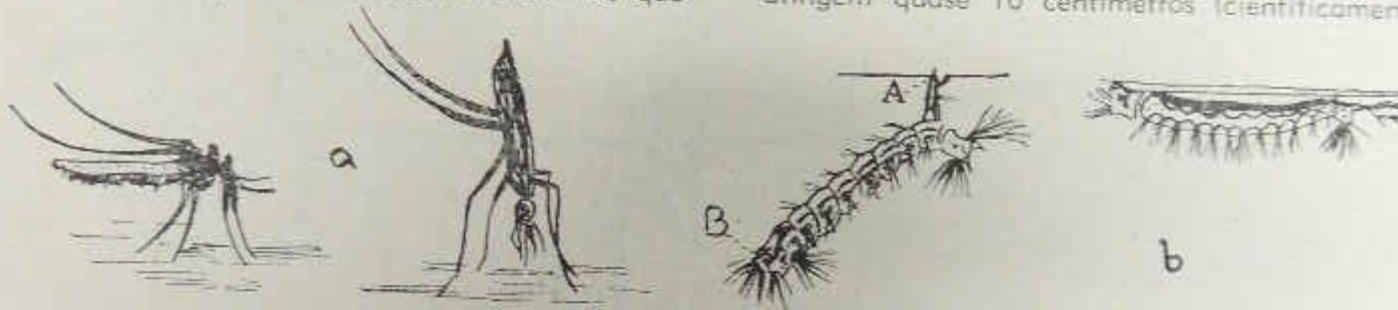


Figura 3

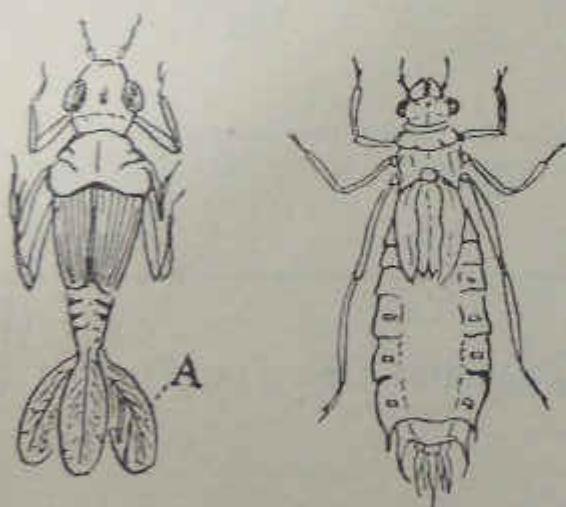


Fig. 4a

Fig. 4 — Larvas de lavadeiras, de vida aquática. a — larvas de lavadeiras de corpo fino e asas estreitas (zigópteros). b — Larvas de lavadeiras de corpo grosso e asas largas (anisópteros). A — Brânquias externas. (Segundo Tillyard).

te classificados no gênero *Lethocerus* (Fig. 5). Os outros hemípteros poderão ser facilmente apinhados nas águas dos riachos do D. Federal e de outros Estados; uns vivem correndo sobre superfícies da água (os gerrídeos, Fig. 6 a), ou mergulhados no seu interior (os notonectídeos, Fig. 6b e corixídeos, Fig. 6c). São insetos provados de tromba picadora e se alimentam de caço a outros animais vivos como peixes e girinos.

Outros animais — Podemos manter nos aquários alguns outros animais como as sanguessugas, minhocas e planárias. As primeiras poderão viver muito tempo nos aquários, mesmo sem alimentação. Poderão ser colecionadas nos riachos ou nos brejos. Os alunos das zonas suburbana e rural facilmente arranjarão alguns exemplares. As minhocas só viverão alguns dias. Ter sempre o cuidado de retirar qualquer animal morto do aquário. As planárias aquáticas são vermes chatos de vida livre que se encontram deslizando nas plantas aquáticas dos riachos e lagoas e também sobre pedras e outros suportes dentro das águas. Podemos ainda manter por muito tempo, nos aquários, caranguejos e lagostas aquáticas. É pena que não se encontrem facilmente, pois são interessantíssimos. Comem pedaços de carne de modo que são facilmente

alimentados. Nos riachos das montanhas, no Rio de Janeiro, existem desses caranguejos (Fig. 2) e lagostas que são fáceis de coletar com redezinhas ou peneiras. As lagostas que vivem geralmente em tocas, poderão ser atraídas com farinha ou pedaços de carne, presos a um barbante que se utiliza à guisa de isca. Que fique bem entendido que num aquário pequeno não cabem todos esses animais, mas podemos ter mais de um, de dimensões pequenas.



Fig. 5 — Barata da água, inseto da ordem dos percevejos ou hemípteros, de vida aquática, picador. (Segundo Costa Lima).

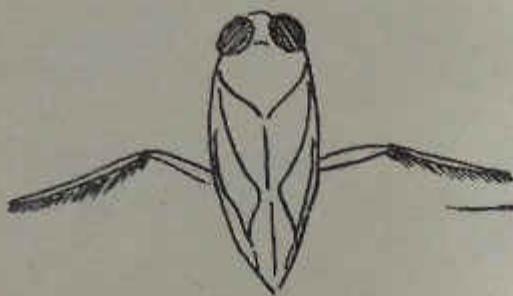


Fig. 6b

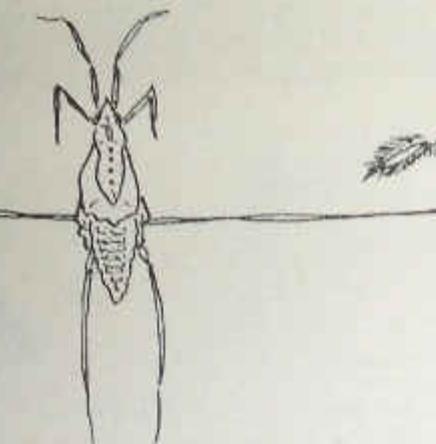


Fig. 6a

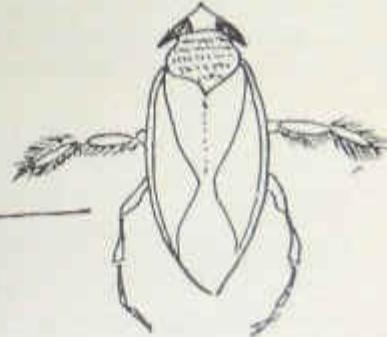


Fig. 6c

Fig. 6 — Insetos da ordem dos hemípteros que habitam as águas doces. a — Da família dos ger-

rídeos. b — Da família dos notonectídeos. c — Da família dos corixídeos. (Segundo Costa Lima).

O III CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES PRIMÁRIOS SERÁ REALIZADO DE
11 A 18 DE JANEIRO P. F., EM PORTO ALEGRE.

INFORMAÇÕES DETALHADAS PODEM SER SOLICITADAS AO CENTRO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS ESTADUAIS — AV. BORGES DE MEDEIROS — ED. SULACAP — P. ALEGRE.

Vamos Dramatizar Nossas Histórias Usando os Bonecos que Andam?

Calem as figuras
em cartolina ou em
papelão. Recortem e
abram os círculos
brancos das pernas.
Nesses orifícios se in-
troduzem os dedos in-
dicator e médio e os
bonecos poderão an-
dar.



O AVIADORZINHO

Edvete Rodrigues da Cruz Machado — D. F.

Dinah de Barros Menezes — D. F.

Int.

Ron-coa ma-tor, Do q-ri-âo Bo-te mais
for-te meu ca-ra-cão! Eu sei que to-dos
os que fra-ba-lham têm na al-vi-de-i-
guol va-loi Mas, pa-ra mim, quan-do cres-
cer Eu que-ro ser a-vi-ad-or Feliz se-
rei quan-do pu-der Le-var co-mi-go
al-ta-nei-ra Num a-vi-ão cor-tam-doos
céus A Ban-dei-ra Bra-si-lei-ral

Esta canção, apesar de um pouco difícil, foi experimentada com um 3.^º período de Jardim

de Infância, tendo havido grande aceitação e entusiasmo por parte das crianças.

Metodologia da Linguagem

Curso de Orientação do Ensino Primário

Professora Ofélia Boisson Cardoso

Técnico em Educação e Prof.º de Psicotécnica do
Instituto de Serviço Social da Prefeitura do D. F.

RESUMO DAS ATIVIDADES ORGANIZADO POR EQUIPES DE PROFESSORES-ALUNOS:

1. Esta parte foi realizada por Amantina Queloz, Carmélia Testes, Celina Cardoso, Clemíldeira Lira Mello, Deusolina S. Farias, Maria Iltecine, Stela Paes e Rita Gozzi Nascimento.

TEMA:

Estabelecimento de uma unidade de doutrina. Comentário sobre as diversas correntes psicológicas atuais. A aprendizagem vista nas diferentes posições.

A) ENSINAR E APRENDER — São termos que não estão intimamente correlacionados.

ENSINAR — Fazer sinais (verbais, gráficos, mimica, gestos etc.). Pode acontecer que o professor ensine e ninguém aprenda.

APRENDER — Atividade do aprendiz, no mesmo ínferente. Pode ser conduzido por meio do **ensino**; resume-se sempre, porém, em modificação do comportamento do aprendiz que pode, inclusive, aprender sem mestre (aprendizagem não intencional, assistemática).

ESCOLA — Ambiente que deve proporcionar as condições favoráveis para que a aprendizagem se realize. Logo o ensino deve ser adequado às condições do aprendiz.

A APRENDIZAGEM, nos termos em que está conceituada, leva a considerar primeiramente **o que aprende**, ou **o aprendiz**; em segundo lugar, **o que conduz a aprendizagem**, ou **o professor**. O método, como o processo, surge da relação entre aluno e professor. O melhor professor é aquele que mais cedo se torna desnecessário.

b) **CORRENTES PSICOLÓGICAS**: Revisão necessária a fim de tomar uma posição que permita compreender o mecanismo psicológico da aprendizagem.

Podem as correntes ser classificadas em dois grandes grupos: **ASSOCIAÇÃOISTAS** e **NAO ASSOCIAÇÃOISTAS**. Dentro das do primeiro grupo, destacamos:

1. **Apercepcionista** (Herbart) — Seu princípio de que a psicologia deveria estar na base de toda educação, começou a imprimir novos rumos à aprendizagem.

Sua concepção, no entanto, apesar de ser considerada psicológica, é de natureza um tanto metafísica, impossível de ser tratada experimentalmente, de ser estudada pelos métodos científicos. Herbart fundamentava na "apercepção"; considera o psiquismo em branco; ao nascer, o indivíduo nada tem na mente. O homem tem, porém, possibilidades de se comunicar com o meio exterior e o faz por meio do sistema nervoso, que é o veículo que o põe em contato com o ambiente.

O mundo é formado de "mônadas" de natureza física e espiritual; a alma é uma "mônada". As primeiras experiências formam a "massa aperceptiva" e a aprendizagem nada mais é que a resultante da associação entre as novas aquisições e a massa aperceptiva, dotada de poder, ou energia, de atrair as novas representações.

2. **Estruturalismo** (Titchener) — Apresenta pontos de contato com a teoria de Herbart. Sua concepção representa, de certo modo, uma oposição à "disciplina formal" de Locke. Ele pretende que se trata de concepção científica, enquanto a "apercepcionista" é puramente metafísica. Assimada, no entanto, um dinamismo; Herbart permanece ao nível da descrição de uma estrutura.

A concepção de Herbart, como a de Titchener são exclusivamente **subjetivas**, distinguiendo-se, nisso, das outras correntes **associacionistas**, **objetivas**:

1. **REFLEXOLOGICA** — Foiposta em foco pelas experiências de Pavlov, fisiologista russo que, estudando o reflexo salivar do cão, descobriu o reflexo condicionado e sobre ele apoiou algumas leis ou princípios da aprendizagem. Mais tarde verificou, no entanto, que o reflexo condicionado explica somente a formação de hábitos de rotina, isto é, a aprendizagem mecânica de nível mais elementar. Essa corrente admite os indivíduos colocados diante do mesmo estímulo tenham a mesma reação; daí a fórmula **S. R.** (estímulo — resposta); se baseia no fato de ser possível, associando um estímulo artificial ao natural, obter-se a mesma resposta, ainda quando o natural não está mais presente. O esquema seria

S R
S S R
S R

2. **BEHAVIORISTA** — É liderada por John B. Watson que, sendo professor de Psicologia, aproveitou o reflexo condicionado para explicar a aprendizagem e admitiu que o próprio pensamento, mesmo as atividades mais complexas, se explicam pelo reflexo condicionado. Para Watson, o pensamento é uma associação de símbolos verbais e mais o hábito de trabalhar mentalmente com eles.

As diferenças nas reações podem ser atribuídas às diferenças no estímulo, do qual depende todo o comportamento; isto é, a importância está no ambiente e não no organismo.

3. **HEDONISMO** — Seu representante principal é E. Thorndike que, de um modo geral, identificou as reações humanas às dos animais. Admitiu também o reflexo condicionado como base de toda a aprendizagem, mas acrescenta um novo elemento o **efeito**, que se traduz em prazer ou agradecimento que a reação pode acarretar. Justamente no efeito, para ele, reside a importância da aprendizagem uma vez que, quando é desagradável, o organismo tende a não repeti-lo e, portanto, a não aprender e, sendo pelo contrário, agradável, tende a repeti-lo e, portanto, a aprender a formar conexões persistentes.

Para ele, a aprendizagem se realiza por ensaio e erro e se refere a uma formação mecânica de hábitos, d. qual a compreensão, ou o discernimento podem ser afastados.

4. **DINAMISMO** — Defendida por Woodworth. Segundo esta teoria, a aprendizagem se realiza por uma série de associações que se processam depois que o organismo participa delas. Admite, assim, as diferenças individuais que se expressam, ou melhor, ressaltam na fórmula **S O R** (sendo **O** o organismo integrador).

O reflexo condicionado, quer do ponto de vista de Watson, quer do de Woodworth, quer do de Thorndike, é insuficiente para explicar todos os tipos de aprendizagem e não leva mesmo a compreender o funcionamento dos mecanismos superiores da mente, como o pensamento reflexivo, por exemplo.

5. **FUNCIONALISMO** — Posta em foco, em seus fundamentos, pelo filósofo americano William James, desenvolvida por J. Dewey e Angell e sistematizada, mais tarde, por Moore e Carr. Para eles, a aprendizagem é, sobretudo, função; função de adaptação ao meio; visa o ajustamento do indivíduo ao ambiente. É assim utilitária; vê na aprendizagem um instrumento de adaptação ao meio.

Edouard Claparède não é propriamente um funcionalista, mas se aproxima bastante dessa corrente; assinala a importância de um novo fator — o interesse, manifestação de necessidades vitais; considera-o a condição fundamental da aprendizagem.

CORRENTES NAO ASSOCIAÇÃOISTAS — Exploram a aprendizagem como uma integração de reações espontâneas, ou por assimilação inteligente do mundo exterior, ou ainda como a resultante de integração de fatores internos, que decorrem do próprio crescimento e de fatores ambientais. Pertencem a este grupo:

1. **HORMISMO**, defendido por Mac Dougall. Para ele a aprendizagem se funda nos instintos; afirma que o comportamento, embora condicionado pelo ambiente, é espontâneo e, até certo ponto, independente do meio. Iniciada a aprendizagem, ainda mesmo que o estímulo desapareça, ela segue sua marcha até o fim, ainda que sejam necessárias novas adaptações a situações diferentes surgidas no decorrer do processo de aprender.
2. **ASSIMILAÇÃO**, posta em foco por Jean Piaget. Embora influenciado pelas concepções anteriores, ele considera a aprendizagem sobretudo como um processo inteligente de assimilação progressiva dos objetos pelo aprendiz e de sua acomodação às realidades do meio exterior. Essa assimilação se processa por estágios genéticos.
3. **GESTALT**, concepção atual, que conta com grande número de adeptos e de pesquisadores; entre estes últimos, sobressaem: Koffka, Kurt, Lewin, Ehrenfels Wertheimer, Guillaume e muitos outros. Opondo-se a todas as correntes associacionistas, a "Gestalt" considera o espírito humano não como um agregado de elementos, mas como um conjunto de estruturas pré-formadas. Na "Gestalt", a forma, ou configuração geral, predomina sobre os elementos. Para os adeptos desta teoria, a aprendizagem é um processo ativo, inteligente e global; a sensação não é o fenômeno psíquico mais simples, mas deve ser de uma elaboração mental mais complexa de abstração e generalização.
4. **MATURAÇÃO**, que inclui sobretudo os trabalhos dos "Psicólogos da Universidade de Würzburg", na Alemanha; entre outros, defendem-na: o casal Bühler, Oswald Külpe (diretor do Instituto), Meyer, Watt, Orth e outros. afirmam que a adaptação à vida se faz por desenvolvimento e crescimento; que o processo de aprender se confunde com o de crescer. A aprendizagem se vai realizando à medida que se processa o desenvolvimento anatômico fisiológico geral. Empenham-se em estudar o **pensamento**, mostrando que em suas formas mais elevadas, ele se processa independentemente de imagens.

c) **TOMADA DE POSIÇÃO**: Estudados os principais científicos de cada teoria, chega-se à conclusão de que cada corrente não se opõe frontalmente às demais; pelo contrário, trata-se de vários ângulos de visão, no estudo de um problema geral de grande complexidade. Cada uma traz, portanto, uma contribuição preciosa a um melhor entendimento do psiquismo humano. O educador prudentemente procurará retirar de cada corrente aquela que melhor explique cada caso, ou aceitará a hipótese que lhe pareça mais fecunda, pois que ilumina com mais intensidade o fato em estudo.

2. (Esta parte foi organizada por Maria Alexandrina Sampaio, Lucy Maria Meriotti, Laura Amélia de Magalhães, Jacira da S. Oliveira, Maria Jose Bezerra dos Reis, Valdenora Carvalho, Yvone de Souza Rodrigues, Maria da Cunha Fernandez, Rachel Carvalho Leal e Maria do Carmo C. Araújo).

TEMA: Posição pedagógica sobre as novas convenções psicológicas

a) A luz dos novos conhecimentos em psicologia, se foram modificando os meios e objetivos pedagógicos, pois, como preconizava Herbert, a educação foi adquirindo uma base verdadeiramente científica. Assim, se foi modificando o conceito de **comportamento humano** e, consequentemente, este progresso e a modificação resultante, atingiram todo o sistema escolar, impondo a revisão de métodos e processos de ensino.

Antes disso, era a criança considerada a "miniatura do homem", apresentando, de forma reduzida, ou simplificada, todas as funções deste — teoria da **preformação**. A esta sucedeu a da **epigênese**, que considera o ser como uma resultante de crescimento e desenvolvimento e, portanto, de transformações sucessivas sofridas pelo organismo que, progressivamente, se enriquece de novos aspectos, acabando por constituir o ser adulto, para o qual, naturalmente, tende a criança; esta é, portanto, um ser diferente, com necessidades diferentes, mas que, evoluindo, permitem sua transformação no adulto.

A ideia errônea sobre a infância, levou os mestres antigos a não se preocuparem em estudar e conhecer a criança, bastava-lhes conhecer o homem; o principal objetivo da educação estava em reprimir comportamentos considerados socialmente condenáveis e levar aqueles que a sociedade julgava bons.

Evoluindo, a escola, de mera transmissora de cultura, através dos tempos, passou a ser um instrumento consciente do material humano com que trabalhava, com objetivos definidos, onde a criança aprende, como agente, realizando uma experiência total de vida.

Modificou-se, portanto, o conceito de aprendizagem, o que fez que a atitude passiva do educando se transformasse em auto-atividade — "aprender fazendo com interesse".

Se, pois, evoluiram os conceitos do que é aprender e de como se aprende, diante da complexidade da vida moderna, a escola se vai tornando cada vez mais responsável por uma educação integral; é lógico que se tenha modificado também a atitude do mestre que, de "transmissor de conhecimentos", passa a "orientador", "estimulador" e companheiro de trabalho da criança.

E este professor, que propõe o tema, ou o faz surgir das próprias necessidades do grupo, discute, pesquisa, trabalha com seus alunos, assim, estará procedendo de acordo com o método heurístico. Pelo contrário, a figura clássica do professor tradicional, sem o qual as atividades não se poderiam realizar e a quem os alunos não podiam interromper e com quem não tinham mesmo oportunidade de es-

clarecer suas dúvidas, agia dentro da forma dogmática.

Foi por certo J. J. Rousseau quem lançou o fermento que conduziu a essa nova forma de encarar o problema educacional; ele o fêz certamente de forma um tanto excessiva, considerando a criança, em seu "Emílio", como um ser à parte. É preciso compreender no entanto, que, acima de tudo, Rousseau lutava contra os preconceitos rigidamente fixados de uma época. Seu mérito, porém, não pode ser discutido: ele mostrou que é preciso considerar acima de tudo a criança, com suas necessidades, reagindo às condições do meio, de forma peculiar. E o aprendiz é o centro do processo educacional; segue-se-lhe o professor; o método é uma decorrente desse binômio.

Valorizando prudentemente as causas, não se pode adotar, frente às novas conquistas, uma atitude unilaterial: repetimos — deve ser eclética — aproveitando, em cada concepção, aquilo que ela tem de mais útil, do ponto de vista da educação. Como exemplo: parece certo que, de um modo geral, a aprendizagem inicial da leitura e escrita seja mais eficiente se o professor agir de acordo com os princípios da "Gestalt"; mas a aquisição de hábitos de rotina, em crianças muito pequenas, serão melhor compreendidos sobre o esquema do "reflexo condicionado".

b) **PESQUISA BIBLIOGRAFICA** (Fichas) — No decorrer dos trabalhos, na busca de esclarecimentos, para fundamentação dos mesmos, foram feitas algumas pesquisas em obras indicadas, cujos temas, discutidos em grupo, foram depois registados em fichas. Os temas foram os seguintes:

1. Estudo sobre o "behaviorismo" — do livro de John B. Watson — Educação Psicológica da Primeira Infância.
2. Estudo sobre as diferentes correntes psicológicas atuais — do livro de Teobaldo Miranda Santos — Psicologia Educacional.
3. Estudo sobre o reflexo condicionado — da obra de Lourenço Filho — Introdução ao Estudo da Escola Nova.
4. Estudo sobre a inteligência — do livro de Iva Weisberg Bonow — Elementos de Psicologia.

Além das obras citadas, foram compulsados os livros seguintes:

1. AGUAYO — Psicologia Científica.
2. ARTHUR IRVING GATES — The Improvement of Reading.
3. ARNOLD GESELL — A Criança na Cultura Moderna.
4. CHARLOTTE BUHLER — Infância e Juventude.
5. LEE EDWARD TRAVIS — Speech Pathology.
6. OFELIA BOISSON CARDOSO — Os Desajustados na Primeira Série.
7. OFELIA BOISSON CARDOSO — Ensinar e Aprender.
8. P. GUILLAUME — A Formação dos Hábitos.
9. CHARLES SKINNER — Psicologia da Educação (2 volumes).

3. (Esta parte foi organizada por Isolde Juilletta Andreatta, Elisa Leite Ferreira, Maria Creusa Cavalcante, Jacobéde Carvalho Oliveira e J. Aquino Oliveira).

TEMA: Os Seminários.

- a) **Orientação:** Foram propostas as normas seguintes:
 - escolha, por parte do grupo de um coordenador das atividades;
 - escolha, também por parte do grupo, de uma pessoa para secretariar os trabalhos;
 - recomendação especial de respeitar o tempo dado a cada um, para se manifestar, aguar-

dando o momento de falar e, para tanto, tomando as notas que se fizerem necessárias;

— não se desviar dos temas propostos, nem dos pontos de vista inicialmente tomados de acordo com o próprio grupo;

organizar o inventário das aquisições feitas, durante o seminário.

O trabalho não se desenvolveu de acordo com as normas prescritas para seminários, pois que havia quase 40 pessoas, o que impede, ou melhor, impossibilita a participação ativa de muitas.

- b) Seminários realizados nos dias:
 1. 28 de março
 2. 4 de abril
 3. 11 de abril
 4. 9 de maio
 5. 31 de maio (em horário especial, tendo tido a duração de 2 horas).

c) TEMAS

— Primeiro Seminário: **A CRIANÇA AO NÍVEL DA PRIMEIRA SÉRIE** (de livre escolha do grupo).

1. Questões e subquestões destacadas:
 - A aprendizagem inicial quanto ao aprendiz Ensinar: orientar o processo da aprendizagem através de sinais
 - caracterização dos sinais, de acordo com a concepção pedagógica atual
 - Aprender: atividade própria do aprendiz, inerente à sua personalidade e constituição, portanto, Aprender... Aprender.
 - Maturidade. Certo grau de desenvolvimento anatomo-fisiológico (aumento de volume do cérebro, modificação de funções endócrinas, mielinização de fibras nervosas, certo condicionamento básico); além disso, determinada experiência anterior, mas o esforço da adaptação ao meio, necessário a qualquer processo de aprendizagem (interesse).
 - Maturidade específica para a aprendizagem de leitura e escrita;
- a) desenvolvimento do controle e da coordenação visual-motora;
- b) perfeita acuidade visual e auditiva;
- c) perfeita percepção sensorial;
- d) estado normal de nutrição (resistência à fadiga, capacidade de atenção dirigida).

2. Aplicação: Estudo de um caso de estrefo-simbolia, apresentado por uma professora, que fornece os dados principais. O estudo se desenvolveu de acordo com o esquema seguinte:

- a) Conhecimento do aprendiz, quanto a:
 - experiências anteriores,
 - meio social e familiar,
 - reações ao meio escolar, especificamente, aspecto somato-psíquico da criança.
- b) Reações quanto à aprendizagem da leitura e escrita:
 - modelos de escrita; reação à leitura;
 - comportamento geral na classe;
 - interesses especiais pelo trabalho escolar.

- c) Indicações:
 - Exames complementares;
 - observação da criança em seus diferentes grupos (família, escola etc.)
 - Motivação do trabalho;
 - Procedimentos de recuperação (formuladas hipóteses).

Segundo Seminário: **QUAIS OS FATORES MAIS IMPORTANTES EM QUALQUER PROCESSO DE APRENDIZAGEM?**

O tema surgiu de uma pergunta do "questionário de verificação", iniciou-se naturalmente um debate e organizou-se o seminário, para estudar mais profundamente o assunto.

A) ESQUEMA:

- Binômio PROFESSOR ALUNO (Concepção antiga)
- Binômio APRENDIZ PROFESSOR MÉTODO (Concepção atual)
- Aprendizagem: assistemática — não intencional — aprende-se vivendo — família
- sistemática — intencional — objetivos pre-estabelecidos — técnica própria — escola
- Aprender — modificação do comportamento
- "aprende se fazendo com necessidade"
- Educando — aquela que apresenta capacidade de aprender
- Educador — o meio; social e familiar
- escolar — professor — propicia a aprendizagem, orientando, estimulando, conduzindo

B) CONCLUSÃO: Os fatores mais importantes são os que se relacionam diretamente com o aprendiz e, em segundo lugar, com a matéria do ensino. O professor é o fator indispensável em determinado tipo de aprendizagem.

Terceiro Seminário: APRENDIZAGEM ESPECIFICA DE LEITURA E ESCRITA

A) ESQUEMA:

MÉTODO	PROCESSO	APRENDIZ	PROFESSOR
maturidade	vocação	interesse	condições
inteligência	formação profissional	(deficiências)	
PROBLEMA DE GRUPO (turmas)			

B) CONCLUSÕES:

- QUANTO AO APRENDIZ: consideração da maturidade específica para leitura e escrita; aspecto físico-somático (médico); aspecto afetivo-emocional e do caráter; exames para a verificação de deficiência, sobretudo em discriminação visual e auditiva; atitude na escola (oposição ao ambiente, à professora etc.).
- QUANTO AS TURMAS:
- Composição das mesmas, quanto a interesses: idade cronológica;
- quanto ao nível de maturidade;
- quanto ao nível social.
- QUANTO A AÇÃO PEDAGÓGICA:
- Só se aprende fazendo com interesse, vivendo a própria vida;
- atitude simpática e compreensiva do professor para a conquista da criança;
- articulação da escola com a família (serviço social escolar);
- compreender o problema do aprendiz na turma;
- leitura e escrita orientadas concomitantemente; trata-se de atividades que no fundo dependem das mesmas habilidades motrizes e, juntas, são aprendidas com maior economia;
- atenção às primeiras reações motoras à escrita (prevenir futuros vícios);
- emprégo do manuscrito para escrever e dos caracteres de imprensa, desde logo, na leitura; transposição e não "cópia servil".

Quarto Seminário: ENSINO DA REDAÇÃO NA ESCOLA PRIMÁRIA

O tema surgiu naturalmente, de uma questão proposta pelos alunos, a respeito das dificuldades

que apresenta a redação ao nível primário e mesmo já no secundário, quer quanto à forma, quer quanto à ideia, ou conteúdo.

No Seminário foram abordados os tópicos seguintes:

- Como levar, desde logo a dar conteúdo às formas verbais (orais ou escritas);
- Como levar à coerência lógica, na exposição do pensamento;
- Como eliminar o erro de ortografia;
- Sugestões de diferentes técnicas para levar à redação nos primeiros níveis; a dramatização, com a participação ativa da criança;
- como organizar o dicionário de classe.

4 METODOS E PROCESSOS EM RELAÇÃO A APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA:

(Esta parte foi organizada pelos alunos Alberto Cúrcio, Maria Gomes Machado, Maria Leonor das Neves, Myrtha Magalhães da Silveira, Renita Lisboa de Moura, Rosa Kolody e Santa Soyer).

MÉTODO é a direção geral do caminho para chegar ao fim desejado; PROCESSO é a maneira de fazer, e prático, enquanto o método é filosófico, o processo cabe no método e se traduz em ação, enquanto este último é uma altitude mental.

Cada ciência possui seus métodos específicos, os quais recebem diferentes nomes; todos, porém, se podem reduzir a dois: INDUTIVO E DEDUTIVO, que são, na verdade, os métodos gerais; neles se podem enquadrar e compreender todos os outros.

Durante o curso, houve oportunidade para proceder de acordo com um ou com outro desses dois métodos, que são também chamados: o indutivo, de convergente, ou sintético, enquanto que o dedutivo é divergente, ou analítico; o primeiro, como o nome indica, parte do particular para atingir a fórmula geral, ou o princípio universal; o segundo segue caminho inverso: partindo do princípio estabelecido, procura explicar o particular, aplica-o a cada caso especial.

Para a orientação da aprendizagem de leitura e escrita, o método dedutivo, ou analítico, parece o mais eficiente, porque, de acordo com os conhecimentos de psicologia evolutiva da criança, atende às suas possibilidades perceptivas iniciais; ela parte do pensamento sincrético e, portanto da percepção primeira sincrética (nome dado por Claparède a uma primeira impressão global, porém imprecisa), para a análise, ou discriminação das componentes; só numa etapa superior, chegaria à síntese, em que a percepção, sendo global, é nítida, precisa. O método sintético caiu em desuso quando se trata da aprendizagem de leitura e escrita.

Quanto aos processos, variam com o aprendizado e com a habilidade do professor, sobretudo; há professores que são verdadeiros artistas na técnica da "sentenciada"; outros a ensinam mal, dando origem a inúmeros vícios em escrita e leitura. Os mais conhecidos, além da sentenciada, são a palavração, a silabação e as combinações dos três.

Importância da Educação Física na Elevação Moral de um Povo

Octacilio Moura Escobar
Professor de Ed. Física — R. G. Sul

A guerra através de todos os tempos tem sido uma determinante na prática da Educação Física, visando a preparação do povo, para a sua própria defesa; em consequência, os métodos sofreram as mais variadas modificações, acompanhando a sua evolução.

Portanto, na eficiência de um método, reside a base da elevação moral de uma Nação, que zele pelo aprimoramento físico de seus filhos; a história, manancial inesgotável de ensinamentos, tem mestrado a influência da Educação Física nos destinos dos povos, e, quanto mais eficientes os seus métodos, tanto mais se elevam entre os demais.

A Grécia, padrão de cultura, de assombrosa civilização, que o progresso humano jamais conseguiu igualá-la e muito menos sobrepujá-la, fez da Educação Física, a base fundamental da grandeza de seu povo, que era o mais forte, o mais belo e o mais valente daquela época. Ela forneceu ao mundo, o herói lendário Feidipedes, que ferido correu ininterruptamente 42 quilômetros, de Maratona a Atenas, para anunciar aos Arcontes, a vitória de Melciades; Platão, princípio da filosofia, atleta perfeito, que na arena disputava com seus patrícios a "Coroa de Louros", mais alto símbolo que um atleta podia conquistar; e, Sócrates, atleta e soldado heróico, tanto lutou no Estádio, pela conquista daquele símbolo, como no campo de batalha, em defesa da Pátria, conquistando o prêmio de "Bravura".

O Império romano conquistou a Grécia, assimilou a sua cultura, aprendeu a dar, como ela, o máximo cuidado ao preparo físico de seu povo, criando o tipo clássico do gladiador, paradigma da força e resistência; formou suas legiões invencíveis, de guerreiros destemerosos.

Em 1814, os prussianos, comandados por Blucher foram vencidos na batalha de Ienna, pelo aguerrido exército de Napoleão. Foi na Educação Física, através do "Turn", de Jhan, que a Alemanha procurou se revigorar para a desforra de Sandowa, Leipzig e Waterloo.

Em 1924, o governo alemão, tornou obrigatórios os exercícios físicos, nos estabelecimentos de ensino, desde o Jardim da Infância às Escolas Superiores; instituiu, também, nessa ocasião, a ficha escolar, pela qual se verificou que, as crianças ao entrarem para a escola primária, entre seis e sete anos, tinham, em média, um metro e oito centímetros de estatura; atualmente a média é de um metro e quatorze centímetros. A diferença verificada aos 14 anos, ao terminarem o curso era a seguinte: 1924, altura média, 1m.46; peso, 38 kgs. Em 1936, 1m.52, com 42 kgs. Além disso, os casos de moléstias tiveram uma redução de 30%.

Hindemburgo, quando no governo da Alemanha, sendo um apóstolo convencido da Educação Física, achou que o desporto efetuaria a unidade da Pátria. Os nazistas, por sua vez, cuidaram especialmente da Educação Física, trazendo um programa de execução para a sua juventude, — Hitler Youth —, que tinha por objetivo a construção da Nova Alemanha.

Outro exemplo edificante da influência da Educação Física, na elevação de um povo, é dado pelos "Sokols", da Boêmia; "Sejamos fortes, para sermos livres", era o seu lema. Durante o tempo em que estiveram sob o jugo austriaco, praticaram a Educação Física, preparando-se para a vitória, e ela chegou com a independência da Tchecoslováquia.

A Suécia, depois do método de Ling, progrediu de um modo notável, conseguindo aumentar o talhe médio de sua raça de 0,03 cms., e o mais importante de tudo, é que evitou a degenerescência alcoólica que ameaçava, o seu povo.

Os Estados Unidos, um dos países que fez da educação física, a base da educação de sua juventude, desde 1866, preocupou-se com o problema, tornando, desde muitos anos, obrigatória a prática da educação física, em todos os estabelecimentos de ensino.

E, ainda mais, orientou nos professores, no sentido de ser combatido o uso do fumo e do álcool, mostrando seus malefícios para a saúde, ao par daquela instrução.

A guerra de 1914, trouxe um impulso notável à prática dos exercícios físicos, sendo maior, nesta última; o povo não estava preparado para a guerra, e o Exército, além de reduzido, não tinha preparo físico; era preciso, portanto, aumentá-lo. A situação se tornou alarmante, quando convocado o primeiro contingente de 2 000 000 de homens, somente foram aproveitados, 1 000 000, porque o resto era inapropriável por diversas doenças.

Então, em todos os setores, houve uma verdadeira corrida, para a educação física, fato jamais registrado na história; e, o preparo físico foi superado, devido ao espírito colaborador dos particulares, que tudo fizeram, para que em breve os corpos expedicionários estivessem, preparados para a luta.

Pearl-Harbour, foi o ponto de transição de um estado passivo, a um estado ativo.

E, graças ao preparo físico dos exércitos aliados, puderam, desde o inicio das operações, assegurar a Democracia no mundo, contra os regimes ideológicos Nipo-Nazi-Fascistas.

A segunda guerra, demonstrou claramente, que a prática da educação física e dos desportos, é indispensável, para que um povo possa subsistir e

(Continua na pág. 24)

A ÁRVORE

Professora Aurora Josefina S. Bertuol

GRUPO ESCOLAR "PROFESSOR CARLOS G. G. KRÜEGER", S. C.

Classe: 4º ano primário

Unidade Didática — A árvore. Duração: mais ou menos 10 aulas.

Motivação: palestra pela professora sobre a árvore, a fim de despertar na criança o interesse em colaborar na festa e comemoração do dia 21 de setembro.

Método empregado — matérias correlacionadas.

Objetivos para o professor: despertar, nas crianças, o sentimento de respeito e amor à árvore. Levar as crianças a observarem os fenômenos característicos da primavera. Mostrar-lhes a utilidade das plantas.

Objetivos para o aluno: Participar da festa da árvore, colecionar as diversas espécies para plantar no dia da árvore. Participar do concurso, apresentando a melhor composição.

Desenvolvimento das matérias ligadas ao trabalho.

LINGUAGEM

- Concurso de composição referente à unidade em estudo;
- Ditado, leituras de pequenos trechos e poesias.
- Gramática: Sinônimos, análise gramatical, verbos impersonais, redigir recibos.

Composição: Amemos as árvores.

Ditado: Do ditado, analise a frase: A gratidão às árvores nunca deve ser esquecida.

Procure no ditado um substantivo abstrato... um verbo impersonal...

Cópia — (Poesia) Velhas Arvores.

Dê o sinônimo das seguintes palavras: consolo e velhas.

Caligrafia: As árvores são purificadoras do ar.

Conjugar o verbo germinar em todos os tempos e modos.

Leitura: Riquezas vegetais do Brasil.

QUESTIONARIO SOBRE A LEITURA:

- Que produtos vegetais existiam no Brasil por ocasião do seu descobrimento?
- Quais os principais produtos agrícolas do Brasil?
- E os mais importantes quais são?
- Quais são os Estados maiores produtores de café?
- Que sabe sobre a cultura do trigo?
- A seringueira é árvore nativa de que Estado?
- Conjugar o verbo frutificar em todos os tempos e modos.

Fazer um recibo, dizendo que você recebeu a quantia de Cr\$ 380,00, referente a venda de mudas de árvores frutíferas.

MATEMÁTICA

- Problemas relativos à venda e compra com % de abatimento e % de lucros.
- Exercícios de números inteiros aproveitando cereais, frutas e flores; dimensões e áreas de canteiros. Volume de toras.
- Exercício de m² e m³.

1º — Papai quer cercar um terreno onde plantou árvores frutíferas, o terreno tem as seguintes dimensões: 56,40 m x 38,50 m, a cerca deve ter 4 ordens de fios. Cada rolo de arame tem 15,60 m. Quantos rolos serão necessários para cercar o terreno?

Quanto gastará papai, sabendo-se que o rolo de arame custa Cr\$ 95,00 e que o vendedor fez um abatimento de Cr\$ 2,50%?

2º — Vendi 780 pés de eucaliptos a Cr\$ 7,50, cada um, licrei Cr\$ 12,00, qual foi o lucro total?

3º — Uma tora tem as seguintes dimensões: 4,50 m x 0,80 x 0,65 m, qual será o seu volume?

4º — Aqui está representado o jardim da casa de mamãe.

Nele há canteiros de diversas formas.

Calcular:

- a área do canteiro dos cravos.
- o perímetro do canteiro das violetas.
- a área do canteiro das roselras.
- a circunferência do canteiro dos amores perfeitos.

5º — Mamãe colheu 500 violetas. Vendeu a Cr\$ 0,20 cada uma.

Quantos metros de fita de Cr\$ 4,00 o metro poderá comprar com o dinheiro recebido?

CONHECIMENTOS GERAIS

(Estudos Sociais e Naturais)

Purificação do ar pelas árvores. O vegetal, partes componentes.

Plantas úteis ao homem, produtos agrícolas importados e exportadores.

Influência da vegetação sobre o clima. Ervas, árvores e arbustos.

Pesquisas de poesias e memorização das mesmas para a comemoração do dia da árvore.

Árvores nativas, árvores importadas, vegetais da Região Norte do Brasil.

Questionário de verificação:

- Porque os vegetais são seres vivos?
- Quais os órgãos dos vegetais?
- Qual a função da raiz?
- Quais as espécies de caule e qual a função?
- Qual a função da folha?

(Continua na pág. 24)

Bibliotecas e Auditórios

Prof. JURACY SILVEIRA
(Técnico em Educação) — D. F.

SUA IMPORTÂNCIA NA ESCOLA PRIMÁRIA

A Biblioteca e o Auditório não representam, apenas, uma instituição desejável, mas, sim, absolutamente indispensável num sistema escolar, que, procurando aproveitar os interesses e a capacidade dos alunos, tenha como principal objetivo a educação integral da criança.

Cumpre à Escola Primária dar à Biblioteca e ao Auditório um papel predominante na sua organização, levando-os a constituir o centro em torno do qual giram as demais atividades escolares.

E, para que os objetivos da Biblioteca e do Auditório, realmente, sejam atingidos, é necessário que haja uma estreita cooperação de professor da turma com o professor encarregado das atividades de Biblioteca e Auditório, no sentido de haver perfeito entrosamento entre as atividades de classe e as de Biblioteca e Auditório.

OBJETIVOS GERAIS

Da Biblioteca:

A — Despertar e desenvolver nos alunos o gosto pela leitura de valor literário e científico, o interesse pelo próprio aperfeiçoamento cultural, possibilitando, através de hábitos de leitura independente, oportunidades de recreação e estudo.

B — Facilitando a leitura, dentro e fora do horário escolar, levar o aluno a:

— aperfeiçoar a sua capacidade de expressão oral e escrita, procurando desenvolver a rapidez e a compreensão da leitura silenciosa;

— eliminar vícios e erros de linguagem.

C — Concorrer para formação de sentimentos cívicos, pelo amor e defesa do idioma nacional e pelo conhecimento das obras e da vida de autores nacionais.

Do Auditório:

A — Permitir, pelo conhecimento psicológico da criança, através de seu temperamento, suas tendências e inclinações especiais, a integração social do educando.

B — Levar o aluno a desenvolver qualidades que visem essa integração, tais como: iniciativa, auto-confiança, sentido de responsabilidade, facilidade de expressão, capacidade de organização, solidariedade social, etc.

C — Desenvolver atividades cívicas, artísticas e literárias tendentes à formação de hábitos, atitudes e ideais do bom cidadão.

Por esses objetivos, as atividades de Biblioteca e Auditório estão estreitamente ligadas a todas as disciplinas do currículo escolar, principalmente, ao ensino da Linguagem fundamento de toda a educação.

O plano das atividades de Biblioteca e Auditório deve ser organizado sempre em colaboração com o professor da turma e com os professores encarregados de outras atividades.

HABITOS E ATITUDES QUE DEVEM SER CRIADOS OU DESENVOLVIDOS

Além dos hábitos e atitudes relacionados no programa de Linguagem, a Biblioteca, pela sua natureza e funcionamento, poderá desenvolver, ainda entre outros, os hábitos de:

- silêncio e recolhimento;
- respeito às atividades dos outros;
- senso de responsabilidade diante de si próprio e do grupo;
- ordem.

Igualmente, o Auditório poderá desenvolver, no educando, atitudes de:

- defesa das próprias opiniões e respeito às decisões da maioria;
- aplicação prática, dentro do meio social em que vive, dos conhecimentos adquiridos;
- apreciação de beleza na arte (música, literatura, pintura), e na vida.

Para atingir aos objetivos visados é indispensável que se apresentem condições necessárias a essa obtenção.

Na Biblioteca:

- pelos livros;
- pelo funcionamento propriamente dito;
- pelo ambiente.

Quanto aos livros:

- pelo assunto (procurar os que mais satisfazem os requisitos literários, estéticos e morais necessários a um bom livro, levando sempre em consideração as preferências do espírito infantil);
- pelo número de exemplares, de modo que seja possível mais fácil controle e melhor arrumação.

Quanto ao funcionamento:

— assegurar, no horário, tempo especialmente destinado às atividades peculiares à Biblioteca (da classe e da escola) a fim de que, através dessas atividades, seja o aluno levado à aquisição do hábito de ler;

— levar os alunos a participar de todas as atividades, despertando-lhe o interesse, de modo que ele sinta prazer nos trabalhos ou nas funções que estiver desempenhando.

NOTA — Essas funções (monitores, auxiliares de Biblioteca, etc.) serão exercidas por alunos selecionados mediante votação.

Quanto ao ambiente:

A — Fazer da sala de leitura um lugar agradável, sempre com a participação do aluno.

Sugestões:

- laquear, em cores alegres, mesas e cadeiras na falta de mobiliário adequado;
- decorar com propriedade (ornamentação com flores, plantas, aquários, etc.);
- organizar galerias de homens célebres;
- confeccionar cartazes com gravuras sugestivas e conselhos sobre o valor da leitura;

— expor em lugares acessíveis a todos os alunos, a relação dos livros adquiridos, com o nome dos respectivos autores;

— divulgar, por meio de apreciações succinctas, como um convite à leitura os livros menos procurados.

B — Organizar, num recanto da sala de aula, a Biblioteca da classe atendendo, tanto quanto possível, aos requisitos acima expostos.

NOTA — Tanto na Biblioteca da escola como na Biblioteca da classe, os livros, colocados em estantes ou prateleiras estarão sempre ao alcance dos alunos. Igualmente, serão os objetivos alcançados:

No Auditório:

- pelas atividades peculiares;
- pelo funcionamento propriamente dito;
- pelo ambiente.

Quanto às atividades:

- cívico-sociais;
- artístico-sociais;
- litero-sociais.

Quanto ao funcionamento:

- assegurar no horário tempo especialmente destinado às atividades peculiares no Auditório da escola e da classe a fim de que, através dessas atividades, se faça sentir a influência social da escola;
- facilitar a participação de todos os alunos nessas atividades, permitindo o desenvolvimento de predicados inerentes à educação coletiva;
- manter estreita articulação com o D. E. C. para as comemorações cívicas e Intercâmbio escolar;
- colaborar com o Centro de Civismo e Intercâmbio nas reuniões, assembleias infantis com fins diversos; discussão de problemas escolares, eleições para encargos especiais, etc.;
- dar aos alunos menos dotados, para melhor ajustamento ao grupo, possibilidades de corrigir suas deficiências.

Quanto ao ambiente:

A — Deve ser o mais convenientemente aparelhado para atender aos fins a que se destina quer isolando, permitindo concentração de turmas, quer conjugando.

NOTA — A Biblioteca, o Refeitório, a sala de aula ou outra dependência poderá ser eventualmente transformada em Auditório.

Sugestões:

- improvisar um tablado ou palco para melhor desenvolvimento de certas atividades;
- decorar adequadamente (organização de galerias de grandes vultos universais na literatura, na música, na dança, etc.)

B — Na sala de aula as atividades de Auditório poderão ser desenvolvidas, suspendendo-se temporariamente as atividades normais de classe.

Para que não haja descontinuidade de trabalho é necessário que o professor encarregado das atividades de Biblioteca e Auditório possa contar sempre com a colaboração do professor da turma, o qual deverá estar presente, quer na Biblioteca, quer no Auditório, durante o desenvolvimento dessas atividades.

Indispensável também se torna que o professor encarregado das atividades de Biblioteca e Auditório não seja, na Biblioteca, simples funcionário burocrático a quem compete, apenas, a organização de catálogos, distribuição de livros e registro das retiradas e devoluções, assim como no Auditório não será apenas o orientador de festividades; ele deve ser, precisa ser, antes de tudo, um educador. E não é só: há de possuir ainda uma formação artístico-cultural, capaz de fazê-lo sentir a importância vital de sua atuação. Pelas condições de saúde, qualidades intelectuais e estéticas, deverá estar apto a exercer com entusiasmo, sempre crescente, suas atribuições.

O professor encarregado das atividades de Biblioteca e Auditório deve ser, portanto, escolhido entre os melhores elementos do corpo docente da escola.

A ÁRVORE

(Conclusão da pág. 23)

- 6) Quais as partes que formam a folha?
- 7) Qual a função da flor?
- 8) Quem introduziu a cana de açúcar no Brasil?
- 9) Quais os produtos agrícolas que o Brasil importa?
- 10) Qual o principal vegetal nativo da Região Norte?

Desenho e trabalhos: Ilustração do tema em estudo, por meio de desenho de flores e de um vegetal completo.

Recortar gravuras para quadrinhos.

Música — ensaio e execução de um canto à primavera como parte para a comemoração do dia da árvore. Título: A primavera vai chegar.

Observação: Diariamente a professora fará uma palestra ou uma leitura interessante sobre o tema.

IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

(Conclusão da pág. 21)

defender a sua soberania e, para resistir os seus feitos, os Exércitos adquiriram resistência, buscando nela, o seu moral, para vencer cortinas e muralhas de aço, sem o que seria impossível. Atualmente, baseando-se, nessa experiência, todas as nações procuram, cada vez mais melhorar as condições físicas de seu povo.

No Brasil, a Educação Física, foi há pouco menos de um quarto de século, incluída no sistema educativo, tornando a sua prática obrigatória, em todos os Estabelecimentos de Ensino, representando, já, um fator preponderante de progresso e de grandeza. Seus efeitos têm sido os mais promissores, enchendo de coragem e orgulho aqueles que batiam, pela sua inclusão total no ensino do País. É como se costuma dizer "meio caminho andado", para concorrer diretamente no desaparecimento da celebre frase de Miguel Pereira, que proclamou, certa vez, ao voltar de uma excursão ao nosso interior: "O Brasil é um vasto hospital", sim, porque si só encontrou malária, opilação, tuberculose, lepra e muitas outras doenças que ceifam, anualmente, milhares de vidas.

A prática da Educação Física, consciente, temos a certeza, transformaria o lugubre hospital de que nos fala o saudoso médico patrício, em fonte de alegria e de saúde, para o corpo e para o espírito, através de hábitos higiênicos e regeneradores.

Finalmente, podemos concluir que, um povo que pratique Educação Física consciente e tenha hábitos saudáveis, é um povo de heróis; é um povo que jamais se acovardaria, porque, tem, antes de tudo, confiança em si. "A força física, é um dos elementos primordiais da vitória", dizia Basnard.

DIRETRIZES DA APRENDIZAGEM DE "MÚSICA E CANTO ORFÉONICO" NO CURSO PRIMÁRIO, ADOTADAS PELO SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO ESPECIALIZADA DA SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

RIO GRANDE DO SUL

(Palestra proferida no "SEMINARIO PARA PROFESSORES DE DIDATICA", em 16-3-57, pela Prof.^a MARIA GESTA, Orientadora da S.E.A.)

Edu. Da. Gestas

Ao passarmos os olhos pela "HISTÓRIA DA EDUCACAO", verificamos, pela narração de fatos, que deram origem ao desenvolvimento que veio aperfeiçoar a ARTE MUSICAL, a importância que os maiores educadores deram à música, pela influência que ela exerce na formação integral do indivíduo.

Associada a todas as atividades humanas, a música acompanha a evolução natural da vida em sociedade, servindo a tudo e a todos.

Por esta razão, vem sendo ela utilizada, através dos tempos, como instrumento educativo indispensável, tornando-se objeto da atenção e estudos dos técnicos educacionais, que, através de uma contínua experiência, vem traçando diretrizes, fixando normas, que, por suas flexibilidades e poder de adaptação, visem corresponder aos interesses do ensino e favorecer o processo da aprendizagem.

Parte integrante do currículo primário, a "MÚSICA E CANTO ORFÉONICO" têm como principal finalidade a educação integral da criança num sentido estético e disciplinador.

Tem, como objetivos gerais:

- a) desenvolver os fatores essenciais da sensibilidade musical da criança, baseados no ritmo, no som e na palavra;
- b) inculcar, infundir na criança atitudes, hábitos e ideais de atividade disciplinada pelo trabalho em cooperação;
- c) estimular a imaginação e a sensibilidade da criança, dando-lhe oportunidade de viver a própria música, ouvindo, cantando e criando;
- d) capacitar os educandos para que saibam apreciar, com critério seletivo, a música de qualidade superior, através de realizações artísticas;
- e) orientar, na escola, a formação da futura plateia para o artista e a atitude respeitosa diante da Obra de Arte.

E, como objetivos específicos:

- a) inculcar a formação de hábitos e atitudes indispensáveis a uma boa execução orfônica, por meio de:
 - correta posição do corpo;
 - boa respiração;
 - imitação natural e fácil da voz;
 - ataque preciso da nota sem alterar a voz;
 - afinação justa;
 - emissão e vocalização corretas;
- b) levar a criança a:
 - distinguir os vários aspectos com que se apresenta a música (se solo ou conjunto vocal ou instrumental);
 - discernir gêneros e ritmos;
 - reconhecer os vários timbres vocais ou instrumentais;
 - conhecer os grandes compositores nacionais e estrangeiros, através de suas obras e biografias;
 - desenvolver o senso rítmico e a sensibilidade auditiva;
 - desenvolver a capacidade de apreciação musical, através de audições adequadas;

- discernir o caráter étnico das composições;
- adquirir conhecimentos de teoria musical, através das canções e dos hinos em estudo.

Tendo em vista os objetivos visados pela educação, deveremos considerar o valor educativo da música e a influência que a mesma poderá exercer no espírito da criança.

Como elemento da educação integral, contribui para a:

- educação intelectual, pelo cultivo e desenvolvimento da inteligência;
- educação moral e cívica, pelo despertar de nobres sentimentos e por incentivar o amor à Pátria;
- educação física, pela ação disciplinadora e coordenadora de atitudes e ações físicas;
- educação estética, pelo desenvolvimento da capacidade de compreender, sentir, viver a beleza das obras artísticas.

E, portanto, o ensino da música, por seu grande valor educativo, um poderoso instrumento de intercâmbio e vinculação social, imprimindo na alma do povo sentimentos de elevação moral, cívica e artística.

Assim, deverá integrar-se ao conjunto de atividades da escola e realizar-se, o mais possível, associado às demais matérias de ensino, quer motivando as aulas dessas disciplinas, quer como continuação do trabalho das mesmas.

Ao entrar para a escola, a criança já possui um pequeno patrimônio musical. Canto e Jogo constituem os elementos vitais da criança antes da idade escolar.

A mãe embala seu sono com uma suave canção de ninar, e o pai, muitas vezes, brinca de marchar com ela, entoando o "Marcha soldado, cabeça de papel".

A escola vai oferecer oportunidade para enriquecer este patrimônio, resultante da fusão dos dons inatos da criança com a influência do meio em que vive. (Influência, hoje em dia, tão adulterada pela ação, muitas vezes perniciosa, do rádio).

Cabe a nós, educadores, ampliar e depurar o repertório que a criança traz, levando-a a executá-lo corretamente, dotando-a da capacidade de discernir do valor da música interpretada, tornando-a capaz de rejeitar as músicas por suas melodias vulgares, pela incorreção da linguagem ou pela pouca elevação do pensamento.

O canto e o Jogo da criança são, na sua maior parte, formas de sua livre imaginação. Entoa suas próprias melodias e inventa as palavras para as mesmas; joga e dança suas próprias formas de Jogo. Mesmo quando canta o que tenha ouvido anteriormente, não o faz como mera repetição, mas, sim, como uma criação sentida interiormente.

Habilmente, relacionaremos todas estas fases musicais da criança com a aprendizagem do canto orfônico, conservando, durante o período pré-primário, 1º e 2º anos primários, e, ainda mais adiante, a mala perfeita unidade entre a vida, o canto e o

jogo, mantendo o repertório básico dos cantos infantis: canções de ninar, de roda, associadas a brinquedos, jogos, a atividades ritmadas, como:

- jogos de marcha, balanço, trote do cavalinho;
- jogos para diferenciar sons e ruídos;
- jogos para associar audição e ritmicamente a altura tonal, direção melódica e fraseio, (sem as imagens gráficas);
- jogos para diferenciar matizes;
- jogos para a relaxação e contração muscular;
- trechos de música descriptiva e imitativa;
- Jogos ritmicos, como: palmas, movimentos do corpo, interpretando, com gestos, passos ou outros movimentos o ritmo da canção; ou, ainda, os chamados efeitos orfeônicos, que tanto agradam às crianças, como:
 - o murmúrio do vento (com a sílaba vuff...);
 - o marujalar das ondas (schue-schua...);
 - o tambor (ra-ta-plan, ra-ta-plan, ra-ta-plan, plan...);
 - o ronco do avião (rrrrrrrrr...);
 - o tanger dos sinos (blem-blem, de-lem-dem, etc.);
 - o trenzinho (ta-ca-chá-ca, ta-ca-chá-ca, etc.);
 - instrumentos de cordas dedilhadas (tum-tum, plin-plin).

Poderemos, ainda, relacionar com os cantos infantis, diversos exercícios de ginástica ritmica ou dramatizações nas quais se deverá conceder um maior especial à invenção espontânea de novas formas de jogo.

Na escola primária, onde a criança passa a fase de desenvolvimento do período motor, que se traduz em ação, é quando melhor se educa o sentido ritmico.

O ritmo, associado ao movimento, contribui para o desenvolvimento de toda a atividade física e intelectual da criança. Ao praticar os exercícios ritmicos, o educando não permanece passivo: sente-se estimulado, pelas leis da aprendizagem, a exercer sua atividade motora, adquirindo aos poucos o domínio dos movimentos, que vão se estabelecendo em seu corpo e seu espírito, normalizando o equilíbrio de seu sistema nervoso e da expansão e manifestação de seu caráter. Assim, o prazer que essas atividades proporcionam a criança, aliadas às canções em estudo, completam e aumentam suas faculdades auditivas e vocais.

Ótimo recurso, também, para o desenvolvimento do senso ritmico, são as chamadas **BANDAS RÍTMICAS**.

A bandinha deverá ser organizada com alunos do pré-primário e até mesmo do 1º ano primário.

Os instrumentos utilizados nas bandinhas, poderão ser confeccionados, muitas vezes, pelas próprias crianças, como: chocinhos, varas ritmicas, blocos de areia (lixas), etc. E outros, como: sininhos, tambores pequenos, triângulos, castanholas, pratos, guizos, marimbás, ocarinas, apitos, etc., poderão ser adquiridos em bazares ou casas especializadas no gênero.

Para o repertório das bandinhas, deverão, sempre, ser escolhidas músicas de ritmos bem marcados, melodias agradáveis, de fácil memorização e, de preferência, em compassos simples: 2/4, 3/4, e 4/4. (Marchinhas, polcas, rancheiras, valsinhos, etc.).

Estas pecinhas musicais deverão ser tocadas ao piano ou outro instrumento musical; poderemos, também, usar vitrola e discos ou, então, associar o ritmo dos instrumentos da bandinha ao canto. O principal é que haja som.

A aprendizagem dos instrumentos realizar-se-á da seguinte maneira:

- apresentar os instrumentos às crianças;
- permitir que o observem, que escolham o que for mais do seu agrado e que o manejem à vontade;

— levar os pequeninos à aprendizagem do instrumento, demonstrando como devem ser usados.

Convém sempre lembrar que a missão do professor é orientar, dirigir. Como, nesta fase, todo ensino é baseado na imitação, o professor tocará o instrumento para ser imitado pela criança. Observará, então, as condições de cada uma, e dará indicações individuais a fim de escolher as mais adequadas para a bandinha. Entretanto, todas as crianças deverão ter oportunidade de marcar o ritmo e marcar todos os instrumentos.

Não sendo possível dar instrumentos a todos, o trabalho se processará por equipes, enquanto se exerceita, outra observa.

O trabalho de instrumentação, isto é, a partituração dos vários instrumentos de acorde com as características das peças, realizar-se-á, somente, depois que os alunos estiverem familiarizados com os instrumentos.

A instrumentação poderá ser da iniciativa do professor.

Para isso, poderá executar ao piano ou em instrumento uma peça curta e fácil, de preferência em ritmo binário simples, pedindo às crianças que notem quando tocar forte e fraco. Após, tomará a si um, os instrumentos e, percussindo-os, perguntará quais os que são de som forte e quais os de som fraco. A seguir, distribuirá os instrumentos às crianças, organizando, então, dois grupos:

A — Instrumentos fracos;

B — " fortes.

Executará, novamente, a peça musical e dirá que quando tocar fraco, os instrumentos fracos devem tocar com ele; e, quando tocar forte, será a vez dos instrumentos fortes.

Sempre em forma de jogo, o professor poderá variar a maneira de executar a peça musical: ora na região aguda do piano (noção do agudo), ora na região grave (noção do grave), ou ainda modificando o andamento (allegro, andante, etc.).

Ao procurar ajustar-se às situações criadas pelo jogo, a criança estará desenvolvendo suas faculdades rítmicas-auditivas; regularizando suas funções nervosas; reforçando sua vontade; desenvolvendo sua imaginação, o que a levara a criar novas formas de instrumentar, que deverão ser habilmente apresentadas pelo professor.

A bandinha deverá ter seu maestro. Será conveniente ter mais de um, ou mesmo vários, escolhidos dentre os que apresentarem maiores aptidões. Para isso o professor reunirá os elementos escolhidos em semi-círculo e ficará no centro. Segurando a batuta, fará os movimentos do compasso de uma peça, que será executada ao piano por outra pessoa (se houver), ou vitrola, ou mesmo cantada pelo professor.

Inicialmente, os alunos acompanharão os movimentos do mestre; depois, executarão esses movimentos, sózinhos. O professor observará como realizam o exercício e selecionará os regentes de acordo com suas observações. Posteriormente, ensinará o manejo da batuta com a mão direita, e, conforme a peça em preparo, explicará os símbolos, que deverão ser feitos com a mão esquerda, para indicar a entrada dos grupos de instrumento.

As vantagens que a **BANDA RÍTMICA** traz para a educação musical da criança, são inúmeras. Basta observar como ficam alegres quando convidados para abrilhantar a próxima comemoração escolar.

Assim, a criança, orientada pelo mestre, não cantará, somente, mas executará, realizará, vivará praticamente, o conteúdo musical.

Uma das atividades específicas do canto orfeônico é o estudo de canções. As canções escolares deverão reunir condições de simplicidade, bom gosto e poesia.

E' imprescindível que o sentido da letra, o vocabulário empregado, a extensão da melodia e a natureza dos intervalos e ritmos utilizados, sejam adequados às necessidades do ensino e aos interesses da criança.

Deveremos observar, com muito cuidado, as regras de prosódia litero-musical, evitando erros de acentuação, que, além de prejudicar a beleza da melódica e dificultar a compreensão da letra cantada, podem transferir-se à linguagem oral, instalando-se na memória verbal da criança ou estabelecendo a dúvida no seu espírito em formação. (Egados, se tornam hóspedes importunos, quando, no melhor de uma palestra, estragam o nosso senso de humor).

Dai, a nossa responsabilidade, como educadores, na formação moral e intelectual da criança, pois, o canto escolar é como um segundo idioma que ela levará pela vida afora.

E' de suma importância que o trabalho de revisão e seleção das canções seja extensivo às músicas que a criança haja trazido de casa e que deseje continuar a cantar.

Infelizmente, não podemos evitar o contacto da criança com a música popularesca, que nem sempre é do povo, mas cria a moda nos centros urbanos das grandes cidades, e que, difundida pelo cinema e pelo rádio, contribui, perniciosamente, para arraigar cantos e danças de gosto duvidoso. Diariamente a criança ouvirá certos sambas e marchinhas de música bulleira, cujo texto, por ignorância ou inconsciência de seus autores, possa corromper o tenro espírito infantil e empanhar a sua pureza.

Os cantos populares, regionais e folclóricos, por suas excepcionais condições de naturalidade, sinceridade, expressão, simplicidade e beleza, exprimem a alma coletiva do povo, seu meio ambiente, sua história; refletem sentimentos, costumes e tradições; constituem, pois, o melhor elemento para a iniciação da educação musical, quando criteriosamente selecionados.

As canções cívicas, marchas e hinos, correlacionadas com os fatos históricos, concorrem para incentivar o sentimento de brasiliade, desenvolver o amor à Pátria, fortalecer as atitudes e ideais de cívismo e constituem uma das partes mais importantes do canto orfeônico, não só por sua correlação com a História, a Geografia e a Linguagem, mas, também, por ser ponto de partida para as demais atividades, sejam elas de apreciação ou de introdução à Teoria Musical, ou ainda atinente às várias disciplinas do programa escolar.

No curso primário, a aprendizagem de canções e hinos se fará por audição. Portanto, o processo usado será o de repetição, e, deveremos ter muito cuidado para que este ensino não se torne mecanizado. Deveremos situar nossas lições de modo a atrair o interesse da criança; procurando fazer da repetição uma atividade interessada, levaremos os alunos à necessidade dessa repetição e a desejarem uma execução cada vez mais perfeita.

Nas primeiras classes, as canções serão associadas aos jogos, marchas e brinquedos infantis, atendendo não só às necessidades pedagógicas gerais, através do assunto e da motivação sugeridos pela letra, como, principalmente, à pedagogia musical, através do ritmo e do som corretamente empregados.

Nas classes mais adiantadas, as crianças revelam maior interesse por certos assuntos, como:

- aniversário de uma colega, da professora, da diretora;
- comemoração do término de um trabalho feito pela turma;
- comemoração escolar ou cívica;
- preparo de uma dramatização;

festividades religiosas (primeira comunhão, missas);

e, ainda, para atender a situações de puro recreio ou descanso.

Esses interesses da criança podem e devem ser aproveitados como ótimas fontes de motivação. As palestras e comentários também poderão criar uma situação favorável ao trabalho.

Na técnica do canto orfeônico, deveremos entoar integralmente a canção, a fim de que os alunos tenham uma ideia global da mesma; explicar o pensamento expresso na letra e música; explicar as palavras desconhecidas ou pouco usadas (empregar a sinônima). Isso concorrerá para que os alunos fixem os termos que lhes sejam desconhecidos, enriquecendo deste modo o seu vocabulário. Empregaremos a caligrafia, cuidando que a pronúncia seja perfeita, quanto à acentuação das sílabas tónicas e atônicas, consonantes finais e intermediárias, elisões corretas para que não haja omissões de vogais ou deslocamentos de acentuação silábica.

Entoaremos os versos, frase por frase, sempre pianissimo, que irão sendo repetidos pelos alunos. Cuidaremos que seja justo o ataque inicial do som, bem afinado. Observaremos as passagens mais difíceis, empregando, se houver necessidade, como meios auxiliares:

- a mimica, gestos da mão do professor, acompanhando o ritmo da música; ou, a altura dos sons;
- os gráficos de caligrafia, para indicar a altura dos sons; ou, de catiritmia, para o ritmo;

Como mudança de atividade, poderemos empregar, também, o manossenha (solfejo por meio de símbolos, com as mãos), valioso auxiliar na entoação das notas repetidas.

Em classes mais adiantadas, certos pormenores da composição poderão ser analisados no decorrer do trabalho, como por ex.: as frases musicais em comparação com as frases literárias. Assim, facilmente irão os alunos estabelecendo o paralelo entre os recursos da palavra e os da linguagem musical.

Desse modo o estudo de uma canção ou hino poderá suscitar comentários, composições orais ou escritas, ligando-se também aos trabalhos manuais, desenhos, etc., estabelecendo-se assim o necessário entrosamento às várias matérias do currículo.

Convém lembrar que, na aprendizagem por audição, deveremos entoar sempre pianissimo e afiadamente para o bom desenvolvimento do senso auditivo da criança.

E' indispensável que desde a primeira aula consigamos de nossos alunos:

- canto suave, sem gritar;
- pronúncia correta das palavras;
- posição adequada;
- respiração natural;
- entoação justa;
- precisão rítmica;
- expressão;
- atenção aos sinais de regência.

As canções do repertório escolar podem ser a uma ou duas vozes, fáceis e curtas, sendo que a mais vozes somente onde houver professor especializado.

A regência do canto orfeônico não tem por objetivo apenas treinar para apresentações e realizações. Sua finalidade principal é contribuir para a educação geral da criança, incentivando o desenvolvimento que o canto em coral permite aperfeiçoar.

Desde a primeira aula, levaremos a classe a compreender a responsabilidade do trabalho em comum, despertando nos educandos o senso de cooperação, respeito mútuo, ordem e disciplina pela atenção aos sinais de inicio e término da execução, bem como aos sinais de afinação, intensidade e colorido.

A afinação orfeônica deverá ser feita sempre em pianissimo, com boca fechada ou com sílabas neu-

tras-la, nan, etc.), e de preferência com a sílaba e o som inicial da canção. Também poderá ser realizada, em pianissimo, com a frase inicial do canto, com a vantagem de lembrar o início da letra e da melodia.

A "Saudação Orfeônica" é empregada como exercício da sistematização da disciplina, despertando no espírito da criança o sentido da vida em sociedade, adquirido através de atitudes, que se transformarão em hábitos saudáveis. Usadas nas comemorações cívicas e sociais em homenagem a um fato histórico, a uma visita, ao diretor ou professor da escola, também para a recepção de novas coleguinhas, é ótima fonte de motivação para estimular a imaginação criadora infantil, por meio de frases declamadas ou entoadas, quadradinhos com letra e música inventadas pela própria criança.

A saudação orfeônica poderá ser realizada, também, dentro do acorde perfeito maior em estado fundamental, por ex.:

Sal-ve, Bra-sil!
Dó -Mi -Sol-Dó

Neste caso, poderemos dividir a classe em quatro grupos, distribuindo as sílabas e notas do acorde pelos grupos, indicamos as mudanças com os movimentos ascendentes da mão. Outros exemplos poderão ainda ser realizados dentro do acorde, dependendo, naturalmente, da habilidade do professor.

A técnica da divisão da classe em grupos, dois ou quatro, oferece ao professor de música um vasto campo de recursos para alcançar os objetivos que tem em vista, facilita a coordenação de todos os trabalhos coletivos do canto orfeônico, tais como: treino rítmico; distribuição de vozes; afinação; estética do conjunto nas realizações orfeônicas; e favorece a aprendizagem, proporcionando um interesse sempre novo pela mudança de atividade, pois, poderemos trabalhar ora com um grupo, ora com outro, variando ou alternando os exercícios rítmicos com o canto em preparo, ou fazendo com que um grupo observe o trabalho de outro.

No canto a duas vozes, será necessário classificar as vozes infantis, masculinas e femininas, em agudas e graves. Essa classificação será realizada, discretamente, durante as primeiras execuções orfeônicas, a fim de verificar quais os alunos de vozes mais claras, que entoam com facilidade os sons mais agudos e quais os de vozes mais escutadas, com tendência para o grave. O professor empregará os processos seguintes: por meio da voz falada, empregando palavras com vogais, que favoreçam a entoação aguda, como: Brasi, bem-te-vi; e, graves, como: canção, amanhã, vinte e um, fazendo repetir, no agudo, médio e grave, frases de canções conhecidas dos alunos.

Os de vozes agudas deverão ser colocados no 1º e 2º grupos; e os de vozes mais graves, no 3º e 4º grupos.

Caso sejam encontrados alunos na fase de mudança de voz deverão ser classificados e tratados como **ouvintes**.

O professor deverá ter especial cuidado com os ouvintes. Não deverão ser chamados de "desafinados", pois várias são as causas desse desajustamento, como: insuficiência de tonicidade; fadiga das cordas vocais; do faringe e laringe; inibição nervosa; falta de educação auditiva; tessitura inadequada; defeito orgânico.

Muito poderá o professor fazer pelo ouvinte, pois, uma das finalidades da educação musical é precisamente desenvolver e aperfeiçoar o ouvido. Entretanto, é preciso distinguir entre um ouvinte não educado e outro incapaz, por construção orgânica, de apreciar certas diferenças de entonação. Para avaliar se uma criança possui ouvido melódico, podem-se cantar algumas notas e em seguida fazer

a criança repeti-las. Indicará bom ouvido se repetir exatamente.

Vários meios empregará o professor para atingir essa finalidade, entre os quais: fazer ouvir música bem afinada, convidar a criança a repetir certas frases melódicas, por simples audição; colocar o edo cando junto à primeira voz, ao lado de alunos bem afinados; fazer exercícios de emissão de voz, fazendo emitir com a sílaba la um som qualquer, geralmente o médio da tessitura do aluno, cuidando na exata afinação; em seguida, subir gradualmente até o grau desse som; descer e subir assim repetidas vezes, insistir em cada um destes sons; finalmente, procurar atingir sons mais graves e agudos, cuidando sempre a entoação correta. Ainda, inspirar e exigir em a, entoando o Dó, a seguir, em todas as vogais e, posteriormente, entoando as notas seguintes, aspirar com as vogais sucessivas dentro da mesma nota, fazer exercícios de entoação com a boca fechada, treinar todos os exercícios do piano para pianissimo; encaminhar a criança ao médico especialista para exame e tratamento necessários.

Assim, esses alunos, devidamente atendidos, não serão dispensados das aulas de música, podendo participar das mesmas em atividades especiais, que não prejudiquem o conjunto, por ex.:

— execução rítmica da peça com instrumento de percussão;

— tomar parte nos exercícios rítmicos e respiratórios;

— nas saudações e efeitos orfeônicos;

— declamação rítmica, etc.

Devemos lembrar que as principais qualidades musicais são o ouvido e o senso rítmico, sendo este último mais importante, merecem, portanto, o máximo cuidado desde o inicio da educação musical, pois, na primeira infância é quando os sentidos se educam de modo determinante.

A aprendizagem da TEORIA MUSICAL é aconselhada do 2º ano em diante, mas poderá ser ministrada antes, se o professor julgar oportuno.

A introdução à teoria musical não deverá constituir uma atividade isolada da prática orfeônica, mas, sim, parte integrante do ensino do canto em conjunto e com ele se desenvolver paralelamente.

O aproveitamento de canções do repertório, na aprendizagem da teoria, tem como objetivo evitar que essa atividade se transforme numa série de lições abstratas, sem sentido para o educando, sem ligação com o seu interesse no momento, que é a expressão musical, a execução ou a apreciação da música.

Nessas condições o ensino da teoria deve compreender todas as operações e processos que favoreçam e estimulem o curso vivo e dinâmico da aprendizagem.

Inicialmente, dar-se-á ao passo de marcha o valor de seminima, val-se depois, gradativamente, executando outros valores, tornando cada vez mais complexa a execução dos mesmos por meio de combinações variadas. O importante é haver igualdade no andamento, para que a criança perceba a possibilidade de dar, no mesmo tempo, um passo normal (seminima, ou dois passos mais rápidos (colchelas), ou bem dar um passo mais lento no tempo correspondente a dois normais (minima), executando com precisão a passagem de um valor a outro. Assim, o aluno executará esses valores praticamente, e, só depois de fazê-los com naturalidade, poderá conhecê-los pela designação própria: seminima, colchela, minima, etc.

Nas classes mais adiantadas, completam-se os estudos sobre canções e hinos e aprimoram-se as atitudes e hábitos, adquiridos anteriormente, com a aprendizagem de novos conhecimentos.

A idade dos alunos já permite melhor que o ensino, sem perder seu caráter prático, tornar-se mais objetivo, isto é, que se procure dar maior amplitude à soma de conhecimentos já assimilados. Poder-se-á, então, apresentar a grata dos valores, relacionando-a em classe, anteriormente, com a escrita musical.

Os primeiros modelos a copiar deverão ser de canções conhecidas. E, para que as crianças aprendam a forma dos símbolos e figuras musicais, é indispensável que o modelo seja feito pelo professor, à vista das crianças, que devem observar a maneira identica a do caderno.

O professor deverá atender com solicitude e corrigir logo as posições viciadas dos alunos e seus erros de caligrafia, recomendando:

— não calcar o lápis sobre o papel;

— desenhar as figuras das notas de tamanho tal que preencham o espaço compreendido entre duas linhas ou que fiquem, exatamente, sobre a linha sem atingir as linhas vizinhas, e cuidar a estética na colocação da haste.

Os melhores exercícios de cópia poderão ser aproveitados para exposição dos trabalhos de classe.

Em matéria teórica, devem-se sempre dar à criança conhecimentos que tenham aplicação imediata; isto é, somente o que seja necessário para bem compreender e praticar uma canção em estudo.

Assim o professor desenvolverá o que o programa determina, de modo prático e objetivo, levando a criança a consolidar os conhecimentos já adquiridos nos anos anteriores.

A TEORIA MUSICAL deverá ser ministrada, somente, nas escolas onde houver professor especializado.

A EDUCAÇÃO ESTÉTICA trata da capacidade para compreender, sentir e apreciar a beleza das obras artísticas.

Sendo a Educação Musical uma especialidade da educação estética geral, uma de suas finalidades é orientar o bom gosto, ainda que seja de maneira subconsciente, por assim dizer, pois, ninguém poderá apreender o todo da beleza musical, se não for capaz, até certo grau, de compreender e sentir as obras de arte.

A APRECIACAO MUSICAL é um poderoso elemento da educação estético-musical, pelo alto valor que possui como estímulo da imaginação criadora e, principalmente, como formação do hábito de ouvir e apreciar intelligentemente a música.

Levar a criança a apreciar música será, antes de tudo, fazê-la ouvir com interesse. No inicio, sua apreciação se restringirá a gostar ou não gostar, a preferir esta ou aquela composição, a reconhecer certos trechos familiares. A orientação do professor irá transformando, pouco a pouco, essas primeiras apreciações em verdadeiro julgamento de valor, baseado no conhecimento mais íntimo que os alunos vão tendo da música.

Nos primeiros anos do curso primário, a apreciação limitar-se-á a audições freqüentes e de curta duração, de músicas que, não sendo vulgares pela melodia e pelo ritmo, possam interessar, realmente, as crianças.

As obras destinadas à apreciação musical devem apresentar caráter bem definido, por ex.: marcha, cantiga de roda, hino etc., e devem ser bem executadas para não habilitar mal o ouvido da criança. As atividades compreendidas na apreciação musical advirão de:

- programas de discos selecionados;
- programas radiofônicos adequados;
- execuções musicais realizadas na escola ou fora dela,

Quando o aparelhamento da escola o permitir, devem ser utilizados discos selecionados de acordo com o desenvolvimento mental e os interesses dos alunos.

É aconselhável estimular a criança no sentido de uma audição atenta, levando-a a reconhecer as músicas anteriormente ouvidas e a descobrir, por si, certas características. Para isso, o professor fará a preparação prévia do ambiente para a audição, a fim de despertar e manter vivo o interesse das crianças pelo que irão ouvir; poderá lançar mão dos seguintes recursos:

— a apresentação de gravuras que ilustrem ou sugiram os motivos que caracterizam a música do programa;

— comentários em linguagem fácil e atraente que levem ao conhecimento da criança a biografia dos autores, sua obra, e os vários aspectos com que se apresenta a música.

Se a criança for bem motivada, sua percepção será voluntária, pois entrará, aí, em jogo não só o estímulo do momento, mas também, a totalidade da sua experiência anterior.

Desde que as condições da escola o permitam, será interessante que se promovam audições radiofônicas, atividades que exigirão muito cuidado, desde a escolha do programa até a sintonização do aparelho, devendo ser seguida a mesma orientação sugerida para os programas de discos selecionados.

Otimas oportunidades educativas poderão ser proporcionadas às crianças, se houver, na escola, entre professores ou alunos, quem toque algum instrumento musical, como piano, violino, flauta, etc., ou cante. Os alunos terão o desejo de conhecer, de perto, um instrumento musical, sendo o seu gosto estimulado pelas audições apresentadas.

As execuções orfeônicas, realizadas pelas classes mais adiantadas, também poderão constituir objeto de apreciação musical.

Nas classes mais adiantadas os programas já comportam alguma ampliação, podendo ser apresentados solos vocais ou instrumentais e música de conjunto (côr, orquestra, banda), que poderão levar a classe a distinguir, com maior precisão, os vários aspectos com que se apresenta a música.

Para alcançar êsses objetivos, é necessário considerar a escolha de repertório adequado, entre as peças dos melhores autores nacionais e estrangeiros de todas as escolas e épocas. Com isso, o que se deseja é que o aluno se familiarize com a música em todas as suas formas de expressão e, também, que esse contato se faça por meio do que houver de melhor na matéria. Por exemplo: se desejamos fazer a criança perceber que determinado trecho é executado por coro, façamo-la ouvir um cântico sacro ou profano, entoado por conjunto de reconhecido valor; o mesmo, em relação à música instrumental. Um trecho de compositor clássico famoso, desde que acessível à classe, irá levar à criança um pouco da boa música que ela deve aprender a amar desde cedo.

Não deve ser esquecida a contribuição do folclore e da música de cada região do país; seria mais um meio de levar a criança a conhecer e a admirar a variedade de que é feita a nossa unidade nacional, na toada dos gaúchos, nas churrasqueras e rancheiras do sul, no canto dos boladeiros, nos bumba-meу-boi, nos cocos, emboladas e nos batuques do nordeste do País.

Na organização dos programas, é importante verificar se o efeito das músicas é estimulante ou calmante, para que a aula de apreciação musical não vá provocar maior tumulto nas classes turbulentas, ou propiciar o desinteresse total quando peças de poder calmar o forem apresentadas em momento inadequado.

Ao organizar o programa, deverá o professor ter em vista algum objetivo, levar os alunos à apreciação

ção de timbres de vozes ou de instrumentos, de ritmos, de gêneros, à discriminação de frases musicais ou à aquisição de conhecimentos sobre alguns dos grandes compositores brasileiros e estrangeiros.

Convém lembrar que os comentários sobre a biografia dos autores e sua obra deverão ser, sempre, em linguagem fácil e atraente, assim como as explicações dos vários aspectos da música em apreciação (formatos, estilos, gêneros, ritmos, solos vocais ou instrumentais, orquestras, etc.).

Deverá o professor verificar o que foi fixado em cada aula de apreciação musical, mediante o trecho de reconhecimento de peças já ouvidas e das características apresentadas na execução musical. (O aluno deverá dizer se a música ouvida é uma dança, marcha, cantiga de ninhar, de roda, solo, orquestra, côr, etc.).

Nos primeiros anos essa verificação deverá ser feita oralmente e o professor orientará, discretamente, a criança, dotando-a da capacidade de discernir a música em apreço.

Nas classes mais adiantadas, será ótimo meio de verificação o emprego de questionários.

A imaginação é uma qualidade eminentemente artística e se apresenta na criança desde cedo. A missão do professor é orientá-la e desenvolvê-la.

Na audição de músicas descritivas, explicar-se-á a significação das mesmas para que a criança possa apreciá-las em seu verdadeiro caráter e "imaginar" o que irá de interpretar, a fim de que, após a audição manifeste as impressões recebidas, associando-as à composição literária, ao desenho, etc. Aliás, as aulas de apreciação musical poderão facilmente ser associadas às demais atividades do canto orfeônico, assim como a outras matérias (educação física, recreação e jogos, trabalhos manuais, geografia, história, etc.), pela realização de composições escritas, desenhos, álbuns de gravuras, dramatizações, pequenos bailados, pela confecção de ornamentos para a sala de aula, e assim por diante.

Entre os compositores brasileiros deverão figurar os compositores dos hinos cívicos e outros, como José Maurício, Carlos Gomes, Francisco Braga, Alberto Nepomuceno, Ernesto Nazareth, Henrique Oswald, Francisco Mignone, Lorenzo Fernandes, Villa-Lobos e outros.

Além das oportunidades que a escola oferece com seus programas de apreciação, outras há que decorrem do comparecimento dos alunos a concertos públicos, audições, recitais de grandes artistas nacionais e estrangeiros, fato que não deve deixar de interessar ao professor. A este cumpre aproveitar essas oportunidades, procurando estender a todos os alunos o ensejo de assistir a boas realizações musicais.

Deverá o professor, antes dessas execuções, preparar o espírito dos alunos para o que vão ouvir, e, depois, fazer comentários, valendo-se das impressões apresentadas pelas crianças, esclarecendo-as na medida do possível quanto às várias formas de expressão musical.

Assim compreendida em sua justa conceção, que é a formação integral do indivíduo, a educação musical, dinâmica e progressiva, visa dar aos educandos não só a aquisição ou fixação de hábitos saudáveis mas o desenvolvimento contínuo do senso da beleza que enriquece a significação da vida e que só a Arte pode dar.

São estas as diretrizes e normativas para a aprendizagem da "MÚSICA E CANTO ORFEÔNICO" na escola primária, que vêm sendo adotadas pelo Serviço de Orientação da Superintendência de Educação Artística, da SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA.

Quero lembrar às colegas que o êxito da aprendizagem, nesta especialização, dependerá, sempre, do professor, que deverá manter, no trabalho escolar, uma atitude de simpatia, de entusiasmo, de serenidade, de delicadeza e de compreensão.

Ao finalizar, desejo que todas as professoras de especializações de Música e Canto Orfeônico sintam a beleza, a harmonia e o fim educativo contido nestes trechos da "Oração da Mestra" de Gabriela Mistral: "Senhor, faze perdurar em mim o entusiasmo, o passageiro o desencanto". "E, que eu alcance fazer de uma das minhas discípulas o meu verso perfeito e deixar gravada na sua alma a minha mais penetrante melodia, assim há de cantar, quando os meus lábios já não cantarem mais".

Bibliografia:

- "CÓRDO ORFEO" — Celso de Barros Barreto
"Programa do Ensino de Música" — Villa-Lobos
"Canto Orfeônico no Curso Primário" — Ministério de Educação e Saúde — I.N.E.P. — N.º 51
"Como se ensina el Canto y la Música" — Benedicto
"Nueva Pedagogia Musical" — L. Serrallach
"El Ritmo en la educación" — J. Llongueras
"Metodología do Ensino Primário" — T. Miranda Santos
"Cuaderno de Estética" — Tobias Bonalessi
"Bandas Rítmicas" — Rubén Carámbula.

AS ESTAÇÕES

(Conclusão da pág. 26)

— são as férias, — bom descanso, — que dá alegria a tanta gente!

Conta o côr:

"O verão já foi-se embora;
que será que vem agora?" (bis)

5.º CENA: — (Entra o Outono, cantando com a música da "Princesa dos Dólores" (Valsa).

"Sou o outono, o mensageiro,
que vem para anunciar
que o inverno triste e feio
já vai de novo voltar..."

— Também sou feio, mas manso,
as folhas faço cair;
sou a estação do descanso.
Faço o arvoredo dormir! (Retira-se).

Destaca-se da roda uma criança e pergunta: "Dizei-me, ó amiguinhos, que aprendestes que aprendestes agora?"

Vieram 4 estações e todas se foram embora?

CÔRDO

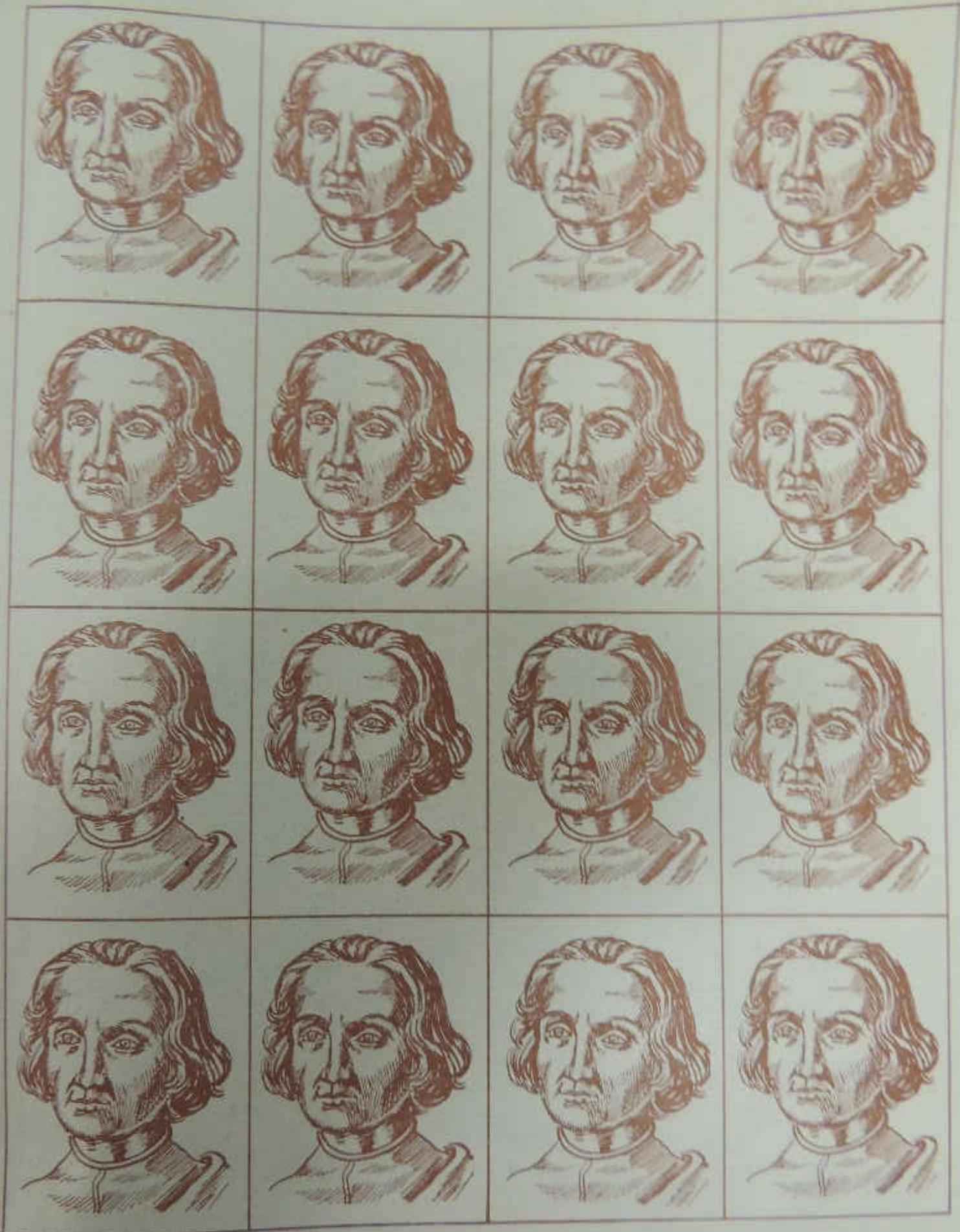
"Aprendemos o nome de cada estação: — o outono, o inverno, a primavera, o verão.

Ouve-se a sineta da escola, enquanto uma criança fala:

"On! é o fim do recreio; não podemos mais brincar." Novo toque da sineta. Todos soem, como se fossem para a aula.



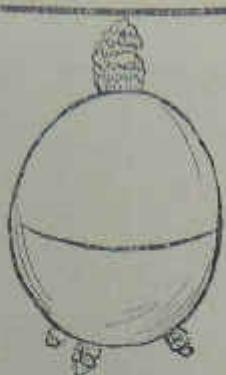
Santos Dumont



Cristóvão Colombo



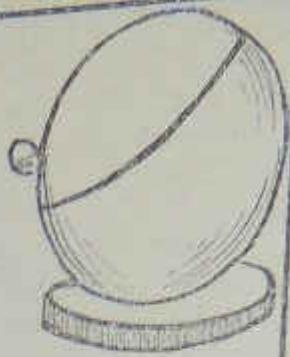
côco e madeira



côco e pinhas



côco e correntes



côco e madeira



côco e metá



côco



côco



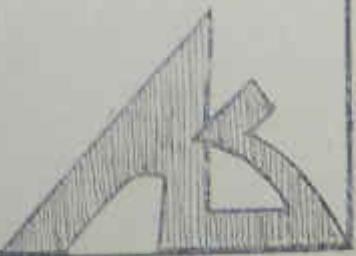
A trunfo deve formar a tampa.
A cestinha da cabeça pode ser
de palha, de crochê ou da meia-
de de uma noz



índio (enfeite de parede)



chinês (quebra-luz)



O Saci Pererê

Arlette Pinto de Oliveira e Silva
Técnico em Educação — D. F.

— Menino, já viste
O Saci Pererê?
Que brinca sózinho,
Que é todo pretinho,
Que dança, que canta,
Que aos outros espanta?
Que faz trapalhadas
Bastante engraçadas?

— Menino, já viste
O Saci Pererê?

Em dias de vento...
Cuidado! Ele vem!
Se mete na roda,
Assobia baixinho,
Levanta o pézinho
Que um só ele tem.

O pito na boca,
Brasinha na mão,
Barrete vermelho...
Só faz confusão!
Dá mil cambalhotas,
Se estende no chão,
Esconde os sapatos
E queima o feijão!

Mais nada sai certo
Se chega o Saci.
Mas cá não me aperto,
Pois eu sei de um jeito
Que é só dito e feito!
Adeus, "seu" Saci!

Em dias de vento
Co'as fôlhas rodando
E o vento soprando...
Ninguém mais me vê!
Eu fico escondido,
Quietinho num canto,
Eu fico esperando
O Saci Pererê.

E quando ele chega
(É eu sei quando é:
E' quando a folhogem
Vai sempre rodando,
Rodando, rodando,
Sem nunca parar!)
Então me aproxima

De pé ante pé
E enfio a peneira,
Pois esta é a maneira
De o "bicho" apanhar!

Depois disto feito,
E' só dar-se um jeito,
De o gôrro tirar.
Foi isto que eu li:
O tal do Saci
Só é diabrete
Se traz o barrete!

Depois tudo acaba,
Mais nada ele faz,
E fica quietinho,
Fumando o pitinho,
Olhando pra trás,
pra ver se consegue
Sair da prisão...

Me pede o barrete,
Mas eu não dou nôa!

De novo eu pergunto,
Brincando contigo:
— Menino, já viste
O Saci Pererê?

Não certa não viste
E disso eu sabia...
Saci não existe...
E' só fantasia!...

Saci é uma história
Que eu li pequenina
Que embora menina
Jamais esqueci!

Gostaste da história?
Mais queres saber?
Então eu já digo
Que tu deves ler
O livro que eu li:
Criou-o, de fato,
Monteiro Lobato...
Seu nome é... SACI!

Educação e Orientação Educacional

Emilia Pessoa de Melo Ribeiro
Diretora do Serviço Técnico da
Superintendência do Ensino
Profissional — R. G. S.

A Orientação Educacional visa o bem estar individual e coletivo. Servindo-se de todas as técnicas, apelando para toda a personalidade, levando em consideração todos os planos de vida do orientando, é educar no sentido mais lato.

A Educação, nos conceitos das diferentes escolas filosóficas, é esta formação plena da pessoa humana.

Nos fragmentos dos livros dos antigos persas, Zend-Avesta, escrito pelos sacerdotes adoradores do fogo, educar e dar ao homem bons pensamentos, boas palavras e boas ações; para Platão seria dar ao corpo e à alma toda a beleza de que são suscetíveis; Locke, filósofo do renascimento diz que educar é fazer homens virtuosos, úteis à sociedade e hábeis em sua profissão; encontramos em Spencer que o educar é preparar para a vida completa, e o educador de nossos dias, Claparède, concebe a educação como sendo vida e preparação para a vida.

A preocupação com a educação, os ideais de perfeição e virtude, o reconhecimento da necessidade de um desenvolvimento integral não variaram no tempo, o que evoluiu foi a concepção dos métodos para alcançar os fins. Esta finalidade não pode existir por si, separada dos meios pelos quais ela é realizada; os dois termos, meio e fim, têm de estar imbuídos da mesma filosofia para que resulte fenômeno educativo.

A orientação educacional não veio dar novos ideais de educação, mas veio aclarar os métodos, veio trazer para a educação todas as ciências, dando-as a serviço do desenvolvimento do homem. Poderíamos dizer da orientação educacional o que Madame de Staél disse de Rousseau: "Ele não inventou nada, mas animou tudo".

A diferença entre os seres vivos e os inanimados é que os seres vivos se conservam pela renovação, em uma continua readaptação de si e do ambiente às necessidades de seus organismos. Assim são as sociedades, as culturas. A educação é o meio pelo qual as civilizações se renovam na transmissão de experiências entre uma geração e outra. Este transmitir de experiências vem cada vez mais apelando para a participação de todo ser, se efetuando pela compreensão, pelos sentimentos e pela aquisição de hábitos comuns, pela vida em inter-relação.

Para educar é preciso viver em comunidade que não é ocupar o mesmo espaço geográfico. Nem tampouco é o trabalhar sinérgico de indivíduos, como peças de uma máquina, para um resultado único, mas sim quando os membros de uma sociedade vivem no mesmo mundo psicológico, ligados por laços afetivos, abrindo os mesmos ideais e trabalhando em compreensão mútua. A escola tradicional trazia os seus membros como uma engrenagem, visando a instrução. A orientação educacional fez da escola a verdadeira comunidade, num perfeito entrosamento com o mundo social do qual é parte integrante.

O primeiro passo para bem orientar foi a compreensão da psicologia infantil e da psicologia da adolescência. Até então os métodos didáticos desconheciam a personalidade do educando, eram meios processos informativos, que não raro, deformavam a natureza suscetível da criança.

Mesmo depois do reconhecimento de que a criança não era um homem em miniatura, que necessitava de processos adequados à sua natureza em desenvolvimento, teve êxito, principalmente na Eu-

ropa, a educação em massa como a que melhor formaria o homem para viver em sociedade, era necessária a arregimentação dos indivíduos, o empurrilhamento dos comportamentos, baseada na filosofia de que a sociedade só perdura pela desindividualização de seus membros.

Há uma fábula americana de crítica a esse sistema educacional: contam que o leão queria fazer uma escola modelo, onde se aprendesse todas as técnicas. Ali se ensinaria a nadar, correr, pular, voar, etc. A essa escola concorreram todos os animais: obrigados a estudar todas as disciplinas, às aves, os peixes, os coelhos, etc. No fim de certo tempo o leão foi assistir o exame final. O único aprovado foi um pato alegre que conseguia mediocremente fazer tudo.

A orientação educacional se fundamenta na riqueza das diferenças individuais e no espírito de solidariedade humana. Reconhecendo as peculiaridades da natureza do homem a educação não visa reformar, mas desenvolver e guiar.

Ainda que da Europa nos tenha vindo o primeiro alertamento sobre a originalidade do ser humano, revelada pelas diversas maneiras de reagir aos mesmos estímulos; ainda que o espírito de solidariedade humana seja universal, foi na América do Norte, país de imigrantes, portanto onde se fazia mais necessária, que a orientação educacional tomou a forma concreta e generalizada peculiar ao sistema educacional desse país.

Dewey, através da escola nova, que reformou os métodos de aprendizagem, disse que a criança tinha de aprender trabalhando, e só podia trabalhar gostando do seu trabalho. Salientou ele a necessidade de cuidarmos do aspecto emocional do educando para que a aprendizagem se efetuasse.

Hoje nos parece absurda aquela educação que visava fazer homens virtuosos e úteis à sociedade, apelando apenas para o aspecto intelectual ou para o aspecto ativo na imitação medieval das técnicas de trabalho. Não é pela cultura que se adquire a virtude, mas pelo sentimento e prática do bem. (Santo Agostinho).

O orientador educacional cuida principalmente da parte emocional ou afetiva do indivíduo, para que ela amadureça naturalmente. Os desajustamentos afetivos ou emocionais se traduzem no aspecto intelectual pela falta de rendimento escolar, no aspecto ativo pela lentidão ou inércia. Ou ainda transbordam na eclosão neurótica do comportamento que chamamos de mal educado.

Cabe ao orientador procurar as verdadeiras causas, traduzir esta linguagem simbólica que é o comportamento infantil. Não é fácil, a causa primeira pode estar no organismo e ele recorre ao médico, pode ter raízes só explicáveis pela psicologia profunda, recorre ele ao psiquiatra ou ao psicólogo, pode estar na escola ou no ambiente do lar, cabendo aí o esclarecimento aos professores e pais.

A orientação só se efetiva quando aqueles que têm contato com a criança agem como um todo no cumprimento dos objetivos educacionais. A orientação educacional não tem o propósito de resolver o problema pelos alunos, mas ajudá-los, dar-lhes meios para que resolvam seus próprios problemas.

A orientação educacional transborda do âmbito escolar, ela tem a forma de relações humanas dentro das fábricas, quando o assistente social procura orientar os patrões para que encarem o empregado

compreendendo-o como homem que não pode ser isolado de seus problemas afetivos; que trazer o bem estar da sua família e cuidar do problema emocional de seus empregados, único meio de prevenir as greves.

No 10º Congresso Internacional de Organização Científica, realizada em São Paulo, a Belgravia apresentou, em colaboração com outros países, a tese de que as relações humanas traziam mais lucro a uma empresa do que a mais moderna das máquinas — "atras da máquina há sempre um homem", nos ensina F. Baumgarten.

A medicina está cada vez mais imbuída da necessidade de uma orientação educacional que complete os seus métodos terapêuticos. Hoje, os orientadores educacionais já são procurados pelos pais, o conselho dos pediatras, para ver se a inapetência, o nervosismo ou o abatimento não são a resultante de uma educação inadequada. Nos casos de anomalias físicas, como déficit intelectual, paralisia, etc., é solicitada pelo médico, inclusive, uma orientação profissional precoce, para que a criança possa aproveitar as suas aptidões e se firmar na sociedade como um membro útil.

Adler condicionou a felicidade humana à equilateralidade do triângulo família, sociedade e profissão. Como a criança, o homem busca a afeição que encontra na família, a afirmação na sociedade e a segurança na profissão. Cuida o orientador dessas três etapas.

A responsabilidade que uma geração assume na orientação do trabalho daquela que lhe sucede, já encontramos em forma mais simples nas tribos nômade, quando o filho ao chegar à puberdade deixava o convívio materno para, seguindo o pai, aprender a arte da caça, da pesca e da guerra; não havia escolha. Vamos encontrar mais tarde, com o advento das artes industriais, o jovem podendo tornar-se aprendiz de outro ofício que não o do pai, escolhendo no limitado ambiente de sua cidade.

Quando as atividades de trabalho eram a caça e a pesca, ou mesmo quando circunscritas às pequenas oportunidades das eras medievais, as proba-

bilidades de acerto eram muitas e fácil era o contrário o caminho.

Em nossos dias, quando o progresso multiplicou estas oportunidades por milhares, os meios de orientação já não podem ser os mesmos. Assim como o conselho, cheio de boa vontade mas empírico, dos familiares, ou azares dos curandeiros, foram poucos sendo substituídos pela palavra do médico, a orientação educacional, tanto no seu aspecto individual, como social e profissional, deverá estar na mão dos especialistas, que trazem, em sua formação, os conhecimentos de psicologia e psicopatologia para interpretar os comportamentos, e de sociologia para entender o momento de transição em que vivemos.

O educar é uma arte, e como arte ele tem de ser aprendido por pessoa que possua doms naturais para que não se converta em simples execução técnica. Para eficiência dos resultados é preciso que se reúnam aptidão, vocação e formação. O orientador tem que ser uma pessoa equilibrada, possuindo auto-conhecimento para não permitir que suas fraquezas ou tendências pessoais venham influir no processo educativo.

Quem assume a responsabilidade de educar, isto é, influir no destino de um grupo de jovens firma com esta juventude um pacto de bem servir.

As ideologias políticas têm mostrado a significação ampla da educação dada na fase escolar. Ela influiu na formação da sociedade e no próprio destino de uma nação; o professor tem sido o instrumento de que se serviram os governos, em todas as épocas, para modificar a filosofia de um povo.

E a orientação educacional um trabalho lento e uniforme, sem pressa mas sem pausa. As vantagens de uma orientação educacional ajustada aos fins propostos, e as desvantagens de uma educação inadequada, são imperceptíveis de imediato, mas se prolongam no tempo; pela vida toda o homem sofre os efeitos de sua educação. Orientar é esclarecer, é dar ao jovem conhecimento de suas possibilidades e limitações; é estudar com ele os meios de aproveitar suas aptidões e superar suas deficiências. ORIENTAR É ENSINAR A VIVER.

ORAÇÃO À MESTRA

Marily Guimarães Froes

(Professora da Prefeitura do D. F.)

(Do compêndio: Metodologia do Ensino Primário do Prof. Amaral Fontoura)

GLÓRIA A TI, força eterna e construtora,
Que plasmas a grandeza de uma raça;
Heróica e maternal — educadora —
És a chama divina que perpassa,
Como uma sombra santa e protetora!

GLÓRIA A TI, que o progresso à mocidade
Semeias. E, com tua inteligência,
No apostolado da fraternidade,
Transmudas a ignorância na ciência,
Ensinas o dever e a lealdade.

GLÓRIA A TI, mestra humilde e ignorada,
Pela tua tarefa abençoada
Pela tua missão de paz e amor!
GLÓRIA A TI, que pregaste à criançada,
O evangelho do Bem e do Labor!

A PROFESSORA

F. A. Neves

João Pessoa — Paraíba

Tão dedicada à santa profissão
Em que JESUS pregou sua doutrina,
Leva u'a vida de abnegação
— Aquela moça que ali ensina;

Iluminando cada coração
De conhecimento e de luz divina,
— Traz nas virtudes, — a maior lição
Que edifica a gente-pequenina,

E mestre-escola. — Vem cumprindo um fado,
A bela florada vem ao seu lado,
Enriquecendo o campo da Ciência.

E as bênçãos de DEUS, continuando,
Vai, o povo brasileiro, educando,
Aos aplausos da própria consciência!

CONTRIBUIÇÃO DOS ORGANISMOS INTERNACIONAIS - UNESCO E BUREAU INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO - GENEbra AO PROBLEMA DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PRIMÁRIOS

XVI CONFERENCIA INTERNACIONAL

DE INSTRUÇÃO PÚBLICA

RECOMENDAÇÃO N.º 36

Dispõe sobre a formação do magistério primário.

A Conferência Internacional de Instrução Pública,

Convocada, em Genebra, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura e pelo Bureau International de Education, e ali reunida a seis de julho de mil novecentos e cinqüenta e três, em sua décima sexta sessão, adota, a quatorze de julho de mil novecentos e cinqüenta e três, a seguinte recomendação:

A Conferência,

Considerando as necessidades provenientes da extensão da escolaridade obrigatória, de que se tratou na Recomendação n.º 32, referente à escolaridade obrigatória e seu prolongamento, que ela adotou em 1951,

Considerando que as crianças de todos os países têm o direito de serem instruídas e educadas por professores que apresentem todas as garantias tanto do ponto de vista físico, psíquico e moral como da formação intelectual e pedagógica;

Considerando que a formação profissional do professor primário deverá apoiar-se, cada vez mais, sobre uma sólida cultura geral do nível da requerida para o acesso aos estudos superiores;

Considerando que ninguém pode ser convocado a ensinar, mesmo em caráter temporário, se não possuir uma qualificação profissional reconhecida;

Considerando que o professor primário é um elemento ativo da comunidade e que por isso deve estar preparado para participar da vida social e cultural da mesma;

Considerando que o progresso das ciências da educação (psicologia genética e social, psicologia afetiva, pedagogia experimental e pedagogia comparada, higiene mental, etc.) traz ao professor primário pontos de vista e informações capazes de melhorar consideravelmente sua técnica pedagógica;

Considerando que, a despeito de aspirações semelhantes, certos países, de situação geográfica, demográfica e social bem como de evolução histórica e cultural muito diferentes, devem trazer soluções diversas aos problemas da formação do pessoal docente do ensino primário,

Submete aos Ministérios de Instrução Pública dos diversos países a seguinte recomendação:

ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO NORMAL

1. A evolução da educação e a extensão da instrução escolar exigem que o ensino normal seja objeto de um estudo contínuo e que se adapte pe-

riodicamente às circunstâncias que se apresentem e às novas necessidades;

2. Levando-se em conta a complexidade crescente dos problemas relativos à formação pedagógica, é de toda vantagem que se confie a um órgão especializado — seja direção geral, departamento ou serviço — a coordenação das questões de ordem administrativa, financeira ou técnica relacionadas com essa formação;

3. Para a solução dos problemas que sejam de sua alcada essa instituição especializada deverá contar com a colaboração de órgãos consultivos, onde estarão representantes da direção e do corpo docente dos estabelecimentos de formação pedagógica bem como representantes dos professores primários em exercício;

4. Entre as tarefas essenciais desse órgão especializado convém mencionar a avaliação e a formação do número de professores primários necessários à extensão da instrução escolar, tendo-se em vista que o movimento demográfico, o prolongamento da escolaridade obrigatória, a redução do número máximo de alunos confiados a cada professor, as vacâncias de cargos, etc. podem ter repercuções sobre os efetivos do corpo docente;

5. Onde a obrigação escolar não é ainda generalizada, essa instituição especializada será encarregada de elaborar, em colaboração com os órgãos diretamente interessados, planos que previnam, com medidas imediatas ou de longo prazo, a formação do número de professores que exigira a aplicação escalonada da obrigatoriedade escolar; planos semelhantes poderão ser estudados com o fim de reduzir o mais rapidamente possível o número de professores que não possuem todos os títulos necessários;

6. Mesmo onde é encarregado de organizar o ensino normal e de controlar a eficácia dos estabelecimentos de formação pedagógica, o órgão especializado deverá deixar aos estabelecimentos interessados, a autonomia e a amplitude que são necessários à boa marcha de todo estabelecimento, sobretudo no que se refere a programas e métodos;

7. Tendo em vista que a colaboração de professores e alunos-mestres pode contribuir bastante para essa boa marcha é desejável que uns e outros possam estar associados nas responsabilidades da organização interna de seu estabelecimento;

8. Qualquer que seja o modo de financiamento dos estabelecimentos de formação pedagógica, os créditos consignados a essa formação devem ser suficientes para dispor de um número de estabelecimentos proporcional às necessidades de professores primários, para assegurar a seus professores os salários convenientes, para prover esses estabelecimentos de locais que reúnem condições materiais e pedagógicas indispensáveis (compreendendo o alo-

jamento de alunos, no caso de haver regime de internato), para dotá-los de equipamento necessário (biblioteca, laboratórios, oficinas, campos de esporte, etc.), bem como para anexar-lhes, na estrutura, escolas primárias de aplicação e para assegurar aos alunos-mestres a gratuidade dos estudos bem como bolsas de manutenção;

9. Para facilitar esse financiamento, é desejável que a imprensa, a opinião pública, as assembleias legislativas e as repartições encarregadas de consignar os créditos estejam bem informadas da importância de que se reveste o ensino normal;

10. Entre os diferentes sistemas de formação pedagógica (escolas com ou sem internato, institutos pedagógicos do tipo intermediário, institutos universitários ou faculdades pedagógicas), cada país deverá interessar-se por escolher ou os sistemas que, assegurando uma preparação tão completa quanto possível, corresponda à sua estrutura geográfica, a suas disponibilidades financeiras e a suas possibilidades de recrutamento e de retribuição aos professores — sendo que a formação de professores primários, em estabelecimentos de nível superior, constitui um ideal do qual é preciso aproximar-se cada vez mais;

11. É de se desejar que sejam concedidas aos professores primários todas as facilidades para prosseguir seus estudos na universidade e que seja aumentado o número de faculdades ou institutos de pedagogia, devendo esses títulos permitir aos interessados o exercício do magistério de segundo grau;

12. Sem contestar que seja plenamente justificada a coexistência, num mesmo país, de vários sistemas de formação que se diferenciam do ponto de vista das condições e da idade de admissão, da duração e do nível de estudos, bem como do valor dos títulos conferidos, parece que uma grande diversidade de sistemas de formação apresenta certos inconvenientes, sobretudo no que concerne aos vencimentos dos professores primários;

13. Onde exista um sistema de formação distinto para professores rurais e para professores urbanos, é importante assegurar, pela equivalência do nível de estudos, a equivalência dos títulos que são conferidos a uns e outros;

14. Os professores que se destinam à educação pré-escolar, à educação de crianças deficientes ou inadaptadas (de preferência após a obtenção de diploma especial) ou ao ensino primário superior ou complementar, devem receber uma formação especializada paralelamente à sua preparação de ordem geral ou em complemento a essa; há também interesse em que os professores em função possam passar de um a outro tipo de ensino primário depois de ter recebido a formação indispensável;

15. Nos países onde o estudo secundário completo não é exigido como condição de admissão nos estabelecimentos de formação de professores primários, todas as facilidades devem ser dadas aos diplomados do ensino secundário para que recebam formação pedagógica que, de nenhum modo, deve ser inferior à que é exigida dos alunos-mestres que fazem o curso comum;

16. Todas as facilidades devem ser igualmente dadas às pessoas que, tardivamente, descubram aptidões ou vocação necessárias para a profissão de educador, para receber ou completar a formação geral e profissional indispensável a essa função;

17. Sem esquecer os serviços já prestados pelas escolas normais de nível secundário, em certos países, como escolas de cultura geral abertas para todos, devem, entretanto, tomarem-se medidas com o fim de estudar a transformação progressiva dessas escolas em estabelecimentos de formação essencialmente reservados aos que querem dedicar-se à carreira do magistério.

RECRUTAMENTO E CONDIÇÕES PARA ADMISSÃO

18. Tudo deve ser feito para atrair à profissão docente os candidatos que, possuindo as aptidões necessárias, poderiam ser tentados a dedicar-se a outras atividades; não se deve esquecer, entretanto, que o aprimoramento da situação moral e material do pessoal docente primário constitui fator decisivo em qualquer campanha de recrutamento.

19. As mesmas possibilidades de acesso a profissão de docente do ensino primário devem ser asseguradas aos candidatos de ambos os性別;

20. Deve-se chamar a atenção dos professores primários e secundários para o auxílio precioso que podem prestar nos recrutamentos dos candidatos ao ensino primário, selecionando na classe as crianças que manifestam qualidades necessárias e encorajando-as, por meios adequados, a abraçar esta carreira;

21. Os gabinetes de orientação profissional podem também colaborar de modo útil no recrutamento dos futuros membros do magistério primário; como já fazem para outras carreiras, poderiam eles editar e difundir notícias explicativas sobre as características da profissão de professor; no esquema dessa campanha, poderiam também organizar palestras com os alunos que vão deixar a escola, publicar artigos na imprensa, preparar programas radiofônicos, etc.

22. A fim de estender o recrutamento dos candidatos a todas as camadas da população, é aconselhável conceder aos alunos-mestres gratuidade completa dos estudos (escolaridade, alojamento e manutenção) ou bolsas ou ainda um pre-salário;

23. Quando, por acaso se exigir que os alunos-mestres estagiem no magistério, como uma compensação às facilidades concedidas, esse trabalho indispensável deve ser bastante flexível, sobretudo no caso de docentes do sexo feminino, para não constituir um obstáculo ao recrutamento;

24. A idade de admissão nos estabelecimentos de formação pedagógica está em função do nível (secundário, intermediário ou superior) desses estabelecimentos; na impossibilidade de se estabelecer um limite aplicável a todos os países, não se deve entretanto esquecer os perigos que apresenta a admissão de candidatos que não tenham maturidade de espírito desejável para poder julgar das responsabilidades inerentes à carreira e enfrentar as dificuldades da mesma;

25. Sendo desejável a simplificação das modalidades de admissão, convém entretanto tomar em consideração as qualificações, certificados e diplomas dos candidatos, por ocasião dos exames de admissão a que são submetidos;

26. No entanto, as aptidões e os conhecimentos intelectuais não devem constituir os únicos elementos de apreciação para admissão nos estudos do curso normal; a força, o caráter, as aptidões físicas e psíquicas, o amor à infância, o espírito de devotamento e o sentido da sociedade são fatores que devem ser levados em conta; por isso é desejável que sejam organizados exames psicológicos para os candidatos aos cursos normais — no momento em que ingressam e durante o curso — com a finalidade de afastar os que apresentem anomalias de caráter ou de comportamento incompatíveis com o exercício da profissão; as entrevistas com os candidatos, com a finalidade de descobrir sua vocação pedagógica, caso haja possibilidade, e estágios probatórios, constituem outros complementos dos exames de admissão;

27. Convém também que se leve em conta as características mentais, o equilíbrio, afetivo, as preocupações pessoais e as dificuldades de adaptação; e portanto de interesse que todo estabelecimento de formação pedagógica confie a um professor os cuidados de um curso de higiene mental, ao qual os alunos-mestres se encaminhariam para resolver seus problemas de ordem pessoal.

PLANOS DE ESTUDOS

28. Representantes da direção e do corpo docente dos estabelecimentos de formação pedagógica bem como representantes dos professores primários em exercício deveriam associar-se na elaboração e revisão dos planos de estudos e dos programas dos estabelecimentos que asseguram a formação do pessoal docente primário;

29. A duração dos estudos nos estabelecimentos de formação pedagógica depende da natureza do curso que ali se ministre; no caso em que se de conjuntamente a cultura geral e a formação profissional propriamente dita, a duração deve ser mais longa;

30. Nos estabelecimentos de formação pedagógica de nível secundário, convém estabelecer um justo equilíbrio entre a cultura geral e a preparação profissional;

31. A preparação profissional propriamente dita deve compreender não sómente estudos psicológicos e pedagógicos e a prática de ensino, mas também cursos especiais relacionados, por exemplo, no estudo dos fatos sociais, da economia doméstica, da higiene, da educação física, do canto, do desenho, dos trabalhos manuais, da agricultura, etc.;

32. A formação psicológica e pedagógica do corpo docente do ensino primário deve constar do estudo da natureza da criança e de seus processos de aquisição de conhecimentos, do estudo das relações existentes entre a educação e a sociedade, do estudo da didática e do material escolar — devendo-se encarar essas questões tanto do ponto de vista teórico como prático;

33. Os estudos de psicologia exigidos dos alunos-mestres devem tratar da psicologia geral e da psicologia da criança; e de nenhum modo limitar-se às técnicas dos testes, mas sim compreendê-las também como um estudo qualitativo da estrutura do espírito da criança e de seu desenvolvimento; os cursos orais devem ser acompanhados de observações e experiências realizadas por alunos-mestres sobre o comportamento da criança do ponto de vista intelectual e afetiva, individual e social;

34. No plano de estudos pedagógicos, é de utilidade reservar tempo para a pedagogia geral, história da educação e pedagogia comparada, pedagogia experimental, didática das diversas matérias, organização, administração e legislação escolares, e finalmente os problemas de ordem pedagógica típicos do país em estudo;

35. O ensino da pedagogia geral e da história da educação deve ter em mira fazer com que os alunos-mestres aprendam, além das constantes que se notam nas diferentes teorias pedagógicas, a evolução que se produziu tanto do ponto de vista dos princípios como do da organização da escola, a pedagogia comparada deve inculcar-lhes a noção de universalidade de certos problemas educacionais, fazendo-os sentir no mesmo tempo a necessidade de adaptar os princípios gerais às condições especiais de cada meio nacional, regional e local;

36. No esquema de estudos, deve ser reservado lugar para o ensino da didática, tanto do ponto de vista dos métodos ativos como dos das diversas disciplinas, e em particular para a metodologia da leitura, da escrita e da iniciação matemática; este ensino metodológico deve ser dado em estreita correlação com os cursos de psicologia e com a prática do ensino;

37. Os cursos teóricos de ordem pedagógica devem ser acompanhados de trabalhos de seminário, de grupos de discussão, de pesquisas individuais, etc.; com esse fim, os estabelecimentos de formação pedagógica devem estar equipados de material de ensino e de pesquisas psico-pedagógicas e possuir uma biblioteca bem provida de revistas de educação, de obras pedagógicas, clássicas e modernas, de livros de referência e de manuais;

38. Desde que as circunstâncias o permitam, convém incluir no plano de estudos destinado aos alunos-mestres cursos facultativos em que a opção lhes permitisse aprofundar-se em assuntos mais chegados às suas preferências ou gostos pessoais;

39. É conveniente reservar aos estágios a maior parte do tempo destinado aos estudos pedagógicos, pois a formação prática dos alunos-mestres constitui um dos aspectos essenciais da preparação profissional do magistério primário;

40. A formação prática dos alunos-mestres deve ser concebida, de modo a permitir que eles não só assistam às aulas-modelo e se iniciem individualmente e progressivamente na técnica do ensino e nas responsabilidades de uma classe, mas que também vivam a vida da escola em todas as suas manifestações;

41. É indispensável que os estabelecimentos de formação de professores primários tenham sob seu controle uma ou várias escolas, se possível do tipo experimental, onde os alunos-mestres possam completar uma parte de seus estágios práticos;

42. A formação prática dos alunos-mestres não deverá limitar-se às escolas de aplicação; é de utilidade que eles tenham a experiência das escolas primárias do tipo comum, onde as dificuldades (locais, material, número de alunos por classe, meio social, etc.) são do mesmo tipo daquelas que eles encontrarão provavelmente nas escolas para que forem designados posteriormente;

43. Os futuros professores devem ter oportunidade de se exercitarem tanto nas escolas de um professor como nos estabelecimentos de várias classes; há interesse também em que conheçam, na medida do possível, escolas de diferentes meios sociais;

44. Nos países em que os professores primários são designados para o setor de educação de adultos, nos cursos da noite, os alunos-mestres deveriam ser iniciados nos problemas relativos a esse gênero de educação e ter ocasião de praticar nos cursos de adultos ou de educação de base;

45. A formação pedagógica deve igualmente compreender cursos sobre higiene escolar, sobre os cuidados a dar às crianças e sobre as precauções a tomar contra as doenças infeciosas e as epidemias; os professores primários, nomeados para lugares isolados, devem estar à altura de tratar de sua saúde e das de sua família;

46. Em vista do papel social que desempenha o professor, deve ele receber uma preparação teórica e prática a fim de compreender o lugar que lhe é reservado na comunidade; por isso é necessário iniciar-se em atividades como a organização de lazer, de manifestações culturais, de melhoria das condições de higiene da população, do desenvolvimento da produção local, etc.;

47. Convém favorecer o desenvolvimento do senso artístico dos alunos-mestres se se quer que as escolas que lhes sejam confiadas se tornem fontes de influência estética; para isso a localização e o

guarnecimento dos estabelecimentos de formação pedagógica devem ser cuidadosamente escolhidos, e devem ser organizadas manifestações musicais, teatrais, literárias e esportivas quer naqueles estabelecimentos quer nas escolas primárias das imediações;

48. Devem-se oferecer oportunidades para que os alunos-mestres se iniciem nas atividades extra-curriculares (cantinas e vestiários escolares, colônias de férias, movimentos juvenis, associações de pais e mestres, etc.).

49. O comportamento dos alunos-mestres depende, em boa parte, da organização dos estudos, do espírito de que está envolvido o ensino e, quando fôr o caso, das condições de alojamento e de existência; a disciplina deve portanto ter um caráter liberal, apoiar-se no respeito da personalidade e favorecer o desenvolvimento das possibilidades individuais; o ensino deve inspirar-se numa cultura largamente humana e contribuir para desenvolver o espírito cívico e o senso de responsabilidade.

50. Por ser um dos grandes problemas que o homem ainda está por resolver, o das relações com seus semelhantes, é conveniente cultivar no futuro professor, os gostos, as atitudes, os conhecimentos e aptidões necessários para desenvolver boas relações humanas (compreensão mutua, tolerância e solidariedade) na classe, na família e na comunidade, tanto local e nacional como internacional; os estabelecimentos de formação pedagógica deveriam reconhecer a importância capital desse problema e, por uma instrução teórica e prática, preparar os futuros mestres para trabalhar em favor de boas relações humanas e da compreensão internacional.

51. Convém dar atenção especial à escolha dos docentes dos estabelecimentos de formação pedagógica e das escolas de aplicação, pois suas qualidades humanas devem torná-los o protótipo do mestre preposto como exemplo aos alunos-mestres;

52. Os professores de pedagogia e psicologia devem possuir altas qualificações teóricas e práticas; quanto aos professores encarregados do ensino das outras disciplinas, deve-se-lhes exigir não só conhecimento profundo de sua própria especialidade mas que também conheçam os aspectos psicológicos, pedagógicos e sociais do ensino que ministram;

53. O contacto entre os estabelecimentos de formação pedagógica e os alunos-mestres não devia cessar com a obtenção do diploma de conclusão do curso por estes: é conveniente manter-se esse contacto e fazer com que os professores primários se beneficiem em função da irradiação destes estabelecimentos;

54. Devem ser constituídos órgãos de pesquisas psicológicas e pedagógicas para facilitar — em colaboração com os estabelecimentos de formação pedagógica e, quando fôr o caso, com as escolas anexas e de aplicação ou qualquer outra escola primária — o aperfeiçoamento constante dos métodos e a melhoria dos instrumentos de trabalho necessários aos professores primários.

APERFEIÇOAMENTO DOS PROFESSORES PRIMÁRIOS EM EXERCÍCIO

55. Convém tomar todas as medidas para que os professores primários em exercício possam aperfeiçoar-se em todo o decorrer de sua carreira, a fim de ficarem em dia com as novas teorias e as novas técnicas;

56. A organização de um sistema de aperfeiçoamento profissional se faz necessária, sobretudo para os professores primários que receberam uma formação acelerada, portanto sumária e incompleta, e para aqueles que foram nomeados sem os títulos habitualmente exigidos;

57. Além do aumento da eficiência e do encorajamento moral que o corpo docente primário deve usufruir desses cursos de aperfeiçoamento, deve-se aumentar as possibilidades de promoção para aquêles que os cursaram, nos países em que as promoções dependem de títulos e qualificações;

58. Qualquer que sejam os meios empregados para contribuir no aperfeiçoamento do corpo docente primário (conferências, lições-módeos, grupos de discussão, estágios de estudos, cursos de férias, etc.), um papel preponderante devem ter, na organização dos mesmos, a inspecção escolar, a direção do corpo docente dos estabelecimentos de formação pedagógica, e os agrupamentos ou associações do corpo docente primário;

59. Quando as autoridades escolares não encarregam da organização do aperfeiçoamento dos professores primários, devem-se conceder subvenções às associações do corpo docente ou outras instituições e agrupamentos capazes de se desincumbirem a contento dessa tarefa;

60. As maiores facilidades (férias, alojamento, etc.) devem ser concedidas aos professores primários para que possam beneficiar-se das iniciativas realizadas com a finalidade de seu aperfeiçoamento profissional; essas facilidades se fazem mais necessárias ainda quando se trate de aperfeiçoamento de professores que exercem a função na zona rural sem possuir todos os títulos que se exigem;

61. Além das iniciativas realizadas pelas autoridades escolares ou por outras instituições e agrupamentos, com a finalidade de aperfeiçoar os professores primários, deve-se encorajar também estes últimos a constituir em comum os problemas educativos, tanto teóricos como práticos, que os tocam de perto;

62. As viagens de estudo, individuais ou coletivas, tanto no país como no estrangeiro, devem ser consideradas como um dos meios mais eficazes para elevar o nível profissional dos professores, alargando sua visão com respeito aos problemas escolares e estimulando-os a aperfeiçoar seus métodos; por isso deve ser concedido um número suficiente de bônus a professores primários que, em seguida, beneficiarão seus colegas com a experiência adquirida no decorrer das viagens de estudos;

63. Quando as circunstâncias permitem (e o fator linguístico desempenha, a este respeito, um papel de importância inegável), a troca de professores primários de um país para outro deve ser encarada como valiosa contribuição ao aperfeiçoamento dos professores; haverá então oportunidade de se aplicar a Recomendação n.º 39, referente às trocas internacionais de professores, adotada em 1950 pela XII Conferência Internacional de Instrução Pública.

64. Para permitir que o corpo docente acompanhe a evolução das ciências de educação e que e de periódicos que satisfacem as necessidades reais dos professores primários, e que se tomem medidas para lhes facilitar seja a aquisição de obras, seja a consulta por meio de bibliotecas de escola e de bibliotecas circulantes, os estabelecimentos de formação pedagógica, os centros de documentação e os órgãos de pesquisas previstos pelo artigo 54 parecem particularmente qualificados para exercer uma ação cada vez mais eficaz nesse domínio.

FORMAÇÃO INTENSIVA

65. As autoridades responsáveis devem prever o número de professores primários de que terão necessidade no decorrer dos próximos anos, para assegurar em tempo oportuno sua formação por meios regulares. Se no entanto as necessidades imprevistas as fizerem a derrogar as regras habituais de formação de professores primários e levá-las a um

Alegres Andorinhas

Cômodo

VALSA-CANÇÃO

Letra e música de
Otto Erich Meyer
P. Alegre

Só-mos a- le- gres an- do- ri- nhas en-fi-lei-
a-dos no fio; Vi -mos vo- an-do de mui-to lon-ge,
pois não gas- ta-mos do frio Só-mos pe- que-nas, co- ra-gem
te-mos, to-das dis- pos-tas es- tão; sai-bam, que quando a-
pa-re- ce-mos, vol-ta tem- bém o ve- rão!

II

Somos bichinhos bem irrequietos,
Tempo não temos a perder.
Sempre atrás de pequenos insetos —
Tôdas precisamos viver. —

Nossa demora é limitado,
Pois cada ano é assim:
Continuamos na velha estrada
Quando o calor está no fim.

formação acelerada, é preciso que fique patente que este regime não pode ter senão um caráter provisório e que se deve voltar ao regime normal no mais breve prazo possível:

66. Nos casos em que — após um aumento mais ou menos súbito dos efetivos escolares, resultante seja do movimento demográfico, seja de generalização ou do prolongamento da escolaridade obrigatória — o recurso a uma formação acelerada de professores primários parece justificar-se, convém exigir dos candidatos um nível suficiente de cultura geral e de preparação profissional antes de lhes confiar uma classe;

67. Os professores que tiveram formação acelerada e derem prova de aptidão devem poder comple-

tar sua formação profissional para serem admitidos nos quadros do ensino primário.

CONTRIBUIÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

68. É bastante desejável que a UNESCO, as outras instituições especializadas das Nações Unidas e as diversas organizações de caráter regional possam contribuir, com presteza e liberalidade, para auxiliar moral, material e financeiramente os países que têm grandes dificuldades em organizar e estender a escolaridade obrigatória, e sobretudo em formar o corpo docente primário indispensável aquele fim.

DISCIPLINA - O Problema Pedagógico № 1

Pelo Prof. Mário Gonçalves Viana
Diretor do Instituto Nacional de Educação Física (Portugal)

I. EDUCAÇÃO E DISCIPLINA

Quem compra a alta missão de educar tem necessariamente de pensar a sério no problema da educação. Ninguém pode realizar obra alguma nessa sem ter ideias nítidas acerca daquilo que pretende realizar. Se, porventura, as idéias forem vagas e confusas, tudo quanto se fizer, com base nela, será obra manifestamente desordenada e vacilante.

Já Leão XIII declarava, no seu tempo, que da multidão das opiniões se resvala, facilmente, para as hesitações e para a dúvida: ora da dúvida ao erro — quem não o vê? — fácil é a queda. (1)

Eis a grave, a fundamental equação que se põe, inicialmente, a todo o professor, a todo o educador conscientioso.

Qual deverá ser o princípio básico: qual deverá ser a idéia-mestra da Educação e a sua condição sine qua non?

Conforme a escolha inicial que se fizer, assim resultará frutuoso ou infrutuoso, positivo ou negativo o trabalho do mestre.

E se o pedagogo ou o professor não escolher, se ele caminhar à deriva e à mercê das circunstâncias; se cometer tal erro, ele seguirá, no fim de contas, o pior caminho, porque — como acentuam dois eminentes tratadistas — não escolher, desleixar-se de pensar no assunto, é ainda escolher e tomar partido da maneira mais deplorável. (2)

Dois pedagogos belgas observam:

"Todo o educador tem uma opinião acerca da vida. Qualquer que ela seja, reflectir-se-a sobre o ensino. Psicologicamente falando, o ensino pretendemente neutro, é uma coisa insustentável, porque um professor profundamente convencido não pode, nas variadíssimas ocasiões da vida escolar, reprimir a sua vida psíquica íntima, a sua convicção profunda" (*Psychologie Pédagogique et Doctrine Chrétienne de l'Education*, par A. Decoene et A. Staelens-Louvain, 1952).

Para marcar uma diretriz e um ponto-de-mira que permita, ao educador, "trabalhar" com utilidade e eficiência as almas dos educandos torna-se indispensável considerar qual será o elemento humannizador por excelência. Descoberto este, fica, imediatamente, vencida a primeira dificuldade que se lhe antolha.

Mas isto implica um problema filosófico... Mas isto é filosofia, dir-se-á. (3)

Sim, não resta dúvida.

Porém, como acentua Hubert, o problema pedagógico é o problema central de toda a meditação filosófica sobre o homem. (4)

Seria vã tentativa pretender separar a Pedagogia da Filosofia, porque a educação sem uma firme orientação filosófica carece de sentido e de finalidade (5) e porque não há doutrina da educação que se não assente em uma filosofia da vida. (6)

Ora se nos penetrarmos no fundo do problema, se nós considerarmos em que deve consistir, essencialmente, toda a obra formativa e construtora de homens humanos, que compete à Educação realizar, verificaremos, uma vez afastados todos os seus elementos menores e secundários, que um único avulto e se impõe com grandeza e predominância universal: o elemento disciplina.

E' verdade. Educar, considere-se o problema sob que aspecto se considerar, é disciplinar, tanto no domínio intelectual, como no domínio moral, no domínio físico.

Sem disciplina não haverá educação possível. Os antigos usavam o vocabulo disciplina como sinônimo de educação. (7) e, na verdade, para discernir, para pensar, para trabalhar, para viver humana e dignamente torna-se absolutamente necessário obedecer a princípios, normas ou regras, devidamente concatenadas e hierarquizados.

Fullquet não receia proclamar: "Há apenas uma única via para aprender a conhecer o bem: a obediência". (8)

De fato, pergunta-se como poderá haver homem verdadeiramente digno, se não obedecer às leis divinas, naturais e humanas, representadas segundo a teoria tricotómica da lei, de Sto. Tomás, pela:

- Lex aeterna
- Lex naturalis
- Lex humana. (9)

Visto assim o problema, compreender-se-á que só uma disciplina total pode servir a unidade do homem.

- (1) In Leão XIII, *Sobre a Filosofia Cristã* (Acteum Patriarcal, 2^a edição, Rio de Janeiro — São Paulo, 1950).
- (2) J. Leif et G. Rustin, *Pédagogie Générale*. Par l'étude des doctrines pédagogiques. Paris, 1953.
Dois pedagogos belgas observam:
"Todo o educador tem uma opinião acerca da vida. Qualquer que ela seja, reflectir-se-a sobre o ensino. Psicologicamente falando, o ensino pretendemente neutro, é uma coisa insustentável, porque um professor profundamente convencido não pode, nas variadíssimas ocasiões da vida escolar, reprimir a sua vida psíquica íntima, a sua convicção profunda" (*Psychologie Pédagogique et Doctrine Chrétienne de l'Education*, par A. Decoene et A. Staelens — Louvain, 1952).
- (3) Com efeito, na sua concepção mais ampla, Filosofia consiste na formulação de uma concepção do mundo e da vida (Vide David Rubio, *La Filosofía del Quijote*, Valladolid, 1953).
- (4) R. Hubert, *Histoire de Pédagogie*.
- (5) In Huberto Grande, *A Vida, a Cultura e o Direito*, Rio de Janeiro, 1953.
- (6) *Conceitos de Educação*, pelo Dr. João Porot (...), 10 semanas Sociais Portuguesas, o Problema da Educação, Lisboa, 1953.
- (7) A palavra disciplina significativa, em latim, *disciplina* (civium, ciencia, ordem, sistema, principios de moral ou romanos diziam: *disciplina puerilis*; a educação das crianças: *disciplina philosphiae*; sistema de filosofia, etc.)
- (8) Georges Fullquet, *Essai sur l'obligation*, Paris, 1953.
- (9) Vide Eustaquio Gallán y Gutiérrez, *Ins Naturae*, Valladolid, 1954.

Toda é qualquer disciplina parcial ou fragmentária que apenas se dirija a atingir uma parte do homem ou um setor da vida social, será uma disciplina precária e sem valor, porque não é possível haver ordem no todo, sem haver ordem nos elementos componentes desse todo. (10)

Aos fundamentos filosóficos da disciplina, há ainda que acrescentar outros fundamentos de ordem psico-social.

2. PSICOLOGIA E DISCIPLINA

Aquelas que pretendem contrapor a liberdade à disciplina, esquecem que não há autonomia entre estes dois elementos, como acentua Knight: "... na necessidade como na vida, a ordem é tão balhos clínicos realizados com as crianças confirmam o ponto de vista de que a liberdade absoluta é completamente falsa e perniciosa". (11)

A liberdade total e indiscriminada representa um conceito anti-humano e anti-social. Já Pio XI les que, pretendendo libertar a criança da disciplina, da moral e do respeito, nada mais fazem do que paixões desordenadas. (12)

A psicologia ensina que há, no ser humano, um instinto inato de sujeição, que não deve, aliás, confundir-se com o medo. (13) E ensina mais que a subordinação considerada na sua forma mais elevada, de modo algum implica diminuição do valor intelectual, pois a personalidade renasce da comunhão com o superior ou com a lei, tornando-se essa união fonte de prazer e de força para a auto-consciência do subordinado. (14)

Mas há mais: a disciplina implica, ao contrário do que erradamente muitos supõem, uma forte personalidade, porque o homem disciplinado precisa de pôr em movimento todas as suas forças potenciais, para, mediante elas, vencer a apatia, o desinteresse, a preguiça, a falta de persistência, a versatilidade, etc.

Para conseguir libertar-se dos seus vícios, das suas paixões malvadas e dos seus complexos de anarquia e de rebeldia, o homem disciplinado carece de dois elementos substanciais:

- Aptidão para lutar
- Vontade de lutar.

O fenômeno da sujeição implica:

- a) Transmissão de sentimentos e de atitudes
- b) Dilatação do "eu"
- c) Imitação
- d) Respeito ou receio acidental

e) Motivações racionais, com caráter acidental.

A força não está, porém, no homem pretensamente livre ou libertário, (15) mas sim no homem conscientemente disciplinado.

Mas em que consiste a disciplina?

A disciplina consiste no progressivo ajustamento e adaptação do ser humano à sua superior missão de homem, porque como escreve Joseph Duhr — formar a criança é, antes de tudo, ensinar-lhe o seu primeiro e mais essencial ofício: "o seu ofício de homem": "Sózinho, entregue a si própria, a criança não chegará nunca a aprender a fundo o seu primeiro ofício". (16)

Mas, por outro lado, a disciplina consiste na integração permanente, do homem, no domínio interior e exterior, e dentro de um sistema objetivo e normativo de exigências, úteis à sua vida e necessárias ao seu progresso.

Na vida das idéias e na vida ativa, tudo seria confusão sem uma disciplina, porque é preciso disciplina para pensar, para investigar, para descobrir, para trabalhar, para tudo, em suma.

Fora da disciplina, portanto, é impossível qualquer obra educativa digna de tal nome.

Educar é, para e simplesmente, disciplinar. Educar é haver indisciplina ou disciplina fraca, nenhuma houver indisciplina ou disciplina fraca, nenhuma se a própria educação, que tem por base a ordem, o respeito, o método, a sistematização e a progressividade.

Quem se debruçar, conscientemente, sobre a existência social verificará que nada é possível realizar fora da disciplina.

Toda a nossa vida é condicionada por atividades disciplinadas: quando nos alimentamos, quando trabalhamos, quando estudamos, quando discutimos, quando raciocinamos, quando praticamos atividades lucidas, sempre, sempre obedecemos a determinadas regras e diretrizes, sem as quais a vida se tornaria tumultuária e impossível, porque se negaria a si própria.

Na família, na escola, na profissão e na sociedade, a disciplina é o elemento primário, que torna possível a vida dentro destes grupos e as relações entre uns e outros.

O nível e o progresso das sociedades avalia-se através da qualidade da disciplina adotada e através da maneira como ela é cumprida e respeitada nos seus diversos planos.

Assim, temos de considerar duas espécies fundamentais de relações:

- a) relações abstratas
- b) Relações concretas

No que diz respeito ao primeiro aspecto do problema é evidente que o homem tem de obedecer a princípios superiores a ele próprio, que estão acima das pessoas.

No que diz respeito ao segundo aspecto do problema, tem o homem de obedecer aqueles indivíduos que representam a autoridade de jure ou de facto que sejam mais velhos, mais sábios, mais dignos, mais competentes, mais experientes, mais bondosos, mais honestos ou mais compreensivos.

(10) Galet afirma: "Não pode haver ordem na ação individual, sem ordem nos espíritos, e por consequência, em toda a vida social".

(11) Contribuciones de la Psicología a los cambios en la Educación, por A. Rex Knight, Professor de Psicología en la Universidad de Aberdeen, in Escuela. Oviedo, Febrero 1950.

(12) Pio XI Sobre a Educação Cristã da Juventude (Divini illius Magistri), 4.ª edição Petrópolis — Rio de Janeiro — São Paulo, 1950.

(13) Segundo Vierkandt, o instinto de subordinação relaciona-se intimamente com a auto-consciência afetiva, devido à existência de um nexo interior que liga o inferior ao superior, revelando-se essa união de maneira típica, como imitação interna isto é, como vontade de se integrar com a personalidade venerada (Alfred Vierkandt, Gesells Chaftleher, Stuttgart, 1928).

(14) Vide Herbert Baldus e Emilio Willens, Dicionário de Etnologia e Sociologia, S. Paulo, 1930.

O fenômeno da sujeição implica:

- a) Transmissão de sentimentos e de atitudes
- b) Dilatação do "eu"
- c) Imitação
- d) Respeito ou receio acidental
- e) Motivações racionais com caráter acidental

(15) Blaneo Soler afirma avisoadamente:

"No seu afa de liberdade, o homem chega até ao ponto de pretender libertar-se de si próprio. A liberdade humana é perigosa quando se exerce sem ter em linha de conta as leis naturais".

(16) Joseph Duhr, S. J., A Arte das artes, Educar uma criança, Tradução de A. dias da Costa, Lisboa, 1934.

As relações disciplinares implicam, porém, uma idéia indispensável de reciprocidade. Aquela que manda deve ser disciplinador, mas também deve ser disciplinado, isto é, antes de impor preceitos e regras aos outros, deve começar por respeitar, ele próprio, as regras ou preceitos que pretendem impor.

Uma inextricável rede disciplinar envolve as sociedades e os homens. Ninguém pode escapar-lhe porque a disciplina é em todas as idades, a essência e a fonte perene da vida.

3. DISCIPLINACAO DA CRIANÇA

Em face do exposto, não resta dúvida que educar é disciplinar.

E então ocorre uma primeira pergunta: Quando devem começar a ser disciplinadas as gerações imaturas?

Alguns autores irrealistas ou utópicos opõem restrições à criança — na infância — de fortes e bem estruturados reflexos de disciplina, alegando que as crianças só devem impor-se atividades que elas possam compreender.

Este, um dos grandes erros dos sentimentalistas e dos utopistas, dos falsos humanitaristas e dos aduladores da infância. (17)

A criança, nas primeiras idades, não precisa de compreender tudo, nem tudo pode explicar-se-lhe. Não é, pois, indispensável justificar as prescrições da autoridade, o que é indispensável é que essa autoridade seja digna e se exerça dignamente, justificando-se por si própria, pelo interesse do indivíduo e pelo interesse da sociedade.

Tem a criança de adquirir hábitos, porque o homem é um animal de hábitos. Se o educador não lhe impuser, por força de uma sá e sempre vigilante disciplina, bons hábitos de asseio, de ordem, de método, de assiduidade, de pontualidade, de respeito, de morigerão, de virtude, ela adquirirá hábitos contrários, susceptíveis de comprometerem gravemente a sua vida futura. (18)

Um descuido, uma falta de zelo insignificante, uma transigência, um ato de incompreensão ou de covardia podem comprometer a obra educativa aparentemente mais bem conduzida. Pio XII prudentemente avisa: "... aos 12 ou aos 15 anos não poucos rapazes e raparigas são intratáveis — mas por quê? Porque aos dois ou aos três anos tudo lhes foi concedido e permitido, tudo lhes foi perdoado".

Assim, a disciplina pode encarar-se sob mais dois aspectos:

- a) Ação imediata
- b) Ação remota.

Interessa ao educador manter a criança, dentro do respeito e da ordem, no lar, na escola e em toda a parte onde ela se encontre. (19) mas interessa, acima dessa finalidade próxima, conseguir uma finalidade afastada: preparar um homem capaz de cumprir, dignamente, os seus deveres humanos, profissionais e sociais. Nunca se esqueça que educar é realizar uma obra de proteção sobre o futuro: o melhor educador será aquele cuja influência salutar e benéfica se prolongar mais intensa e duradouramente na vida do indivíduo.

Há que impor, portanto, desde cedo uma disciplina definida e firme, sem altos-e-baixos, sem contradições. Esta é a primeira condição. A disciplina oscilante, que se contradiz sem cessar, e que não obedece a uma consciente unidade, nega-se a si própria.

Não se confunda, porém, disciplina com imobilidade e silêncio. A Senhora Montessori afirma que não pode considerar-se como disciplinado o aluno que se tornou artificialmente silencioso como um mudo e imóvel como um paralítico. Esse é um indivíduo aniquilado e não disciplinado.

O que convém é preparar a criança no sentido de lhe ensinar:

1.º — Que cada coisa se quer no seu momento próprio: o brincar, o trabalhar, o estudar, o jogar, etc.

2.º — Que o brincar, o trabalhar, o estudar, o jogar (por exemplo) devem ser disciplinadas, para não se tornarem atividades tumultuarinas, infantis ou até nocivas.

Como acentua Roerich, convém evitar a agitação mais, o barulho irritante, as disputas, as injúrias, os conflitos de inveja. Um professor experiente — acrescenta o mesmo autor — sabe fazer reinar, na escola, a simplicidade, mesmo a ingenuidade, a calma e, principalmente, o bom-humor, o entusiasmo, a alegria saudável.

A criança, por força dos seus instintos e da sua natural exuberância, é um pequeno selvagem, é um pequeno bárbaro.

O educador deve impor-se-lhe sempre com segurança, sim, mas com firmeza e sem vacilações. Isto de se dizer que é necessário respeitar a "personalidade" da criança não passa de uma idéia discutível. Todo o plano educativo — afirma Carreiro — que se limite a estimular o "ego" insociável da criança representará um des-serviço ao indivíduo e à sociedade.

A disciplina junto das crianças, terá, pois, de obedecer aos seguintes princípios:

- 1.º — Deve ser constante
- 2.º — Deve ser equânime
- 3.º — Deve ser compreensiva
- 4.º — Deve ser amorável
- 5.º — Deve ser firme
- 6.º — Deve ser total

Habitos
Deve ser constante, porque a inconstância é desordem, e não pode estabelecer-se a ordem dentro da desordem. Se hoje formos exigentes, e amanhã deixarmos passar, sem emenda, todos os erros, idelicadezas ou rebeldias, seremos maus educadores.

Deve ser equânime, porque nada há que tanto ofenda a criança como a injustiça, como a parcialidade ou o favoritismo.

Deve ser compreensiva, porque urge considerar as diferenças de temperamentos. O Coronel Muniz afirma a este respeito:

"Ha duas maneiras de manter a disciplina: uma consiste em aplicar a todos os homens um tratamento uniforme, em nome da imparcialidade; o outro em adaptar o tratamento à personalidade do in-

(17) Aires Belo escreve: "Há também um erro grave em se pretender que a razão de todas as exigências da disciplina devam ser perfeitamente compreendidas pelos alunos" (Ruy de Ayres Belo, Filosofia Pedagógica, Rio de Janeiro — Porto Alegre — São Paulo, 1946).

(18) Pio XII afirma: "... hábitos puramente orgânicos criados em pequenos, mais tarde tornar-se-ão talvez duro obstáculo para a vida espiritual da alma" (Pio XII, Sobre a Educação da Infância (Alocução Diversa a questa, Petrópolis — Rio de Janeiro — São Paulo, 1950).

(19) Os pedagogos russos salientam a influência, sobre a criança, de uma inadequada atmosfera familiar de ordem, estima reciproca e limpeza. Deve — segundo eles — a educação começar cedo, porque, se é relativamente fácil educar uma criança, torna-se difícil reeduca-la. Os pais devem mostrar-se firmes, mesmo severos, embora bons sem excessos de ternura. (Vide A. S. Makarenko, Lektsii a vospitanii detey. Moskva, 1937; Adademicheskaya pedagogicheskaya kniga, 1949).

dividuo. O primeiro método pode parecer mais equitativo, mas é menos eficaz".

Deve ser amorável, porque os ralhos, os ameaçados educadores medievais (que foram Santos ou fundadores de ordens monásticas) recomendavam a pena de "furme dôcara". S. M. Catarino (que faleceu em 1253) dirigiu mil palavras coevas — nunca se encolerizou, nem proferiu palavras violentas ou inadequadas.

Segundo a Regra dos Premostratenses, (20) o professor das escolas monásticas não devia ser ateu, nem injurioso ou molesto, mas sim bom e afetuoso, para que os alunos tivessem confiança nele, ainda mesmo quando sofresssem castigos.

A disciplina deve ser firme, porque a desculpa e a tolerância sistemáticas são formas de impunidade.

Não é só através das grandes coisas, não é só através dos comportamentos espetaculares, que se atos mais simples, das virtudes mais modestas, dos reflexos mais vulgares. São esses pequenos nadas, são essas atitudes quase imperceptíveis que estruturam o homem moral. Quando ao educador escapam as pequenas desobedientes do educando, os seus gestos de má criação, os seus rompantes súbitos, as suas palavras inconvenientes, os seus amuados ou as suas invejas, ele não cumpre integralmente a sua missão. Referindo-se, especialmente, aos arrufos infantis, pondera Guyau:

O arrufo não é, efetivamente, senão uma primeira manifestação da insocialidade. (...) E' também necessário habituar as crianças a reconciliarem-se com a pessoa que lhes fez alguma observação. (...) E' necessário insistir: ninguém pode fazer-se obedecer de uma criança senão amando-a, e, por outro lado, não se farão amar por ela, senão fazendo-se obedecer sempre que se lhe ordenem coisas racionais. Consentindo que a criança adquira o hábito de arrufar-se, habituá-la a persistir numa falta cometida sem esforço nenhum para a reparar".

A disciplina deve ser total, porque deve dirigir-se à unidade do ser humano, procurando atingir o homem religioso, o homem natural, o homem espiritual, o homem familiar, o homem profissional, o homem pensador, o homem trabalhador e o homem social.

Se qualquer destes setores tiver sido olvidado, resultará, como consequência, um ser desequilibrado e sem unidade.

Por isso mesmo, convém pôr todos em contacto simultâneo com o mando e com a obediência, para que cada um se integre, ainda que momentaneamente, nestas duas posições.

Formulados estes singelos, mas salutares princípios, passemos a indicar algumas regras atinentes à sua consecução.

1. REGRAS FUNDAMENTAIS DA DISCIPLINA

A primeira regra será esta: Criar hábitos moralmente bons e socialmente úteis, porque, em essência, a obediência é a virtude fundamental das crianças e a sua primeira forma de moralidade. Se nós as abandonássemos aos seus instintos e à sua inexperiência, tudo nelas perigaria: vida e saúde. (21)

A este respeito, pode citar-se vantajosamente, Margerie:

"Durante o primeiro período, que vai quase até aos sete anos, a criança não se possue a si própria, e não é uma pessoa moral senão em germe e em es-

perança; sofre as influências internas dos seus instintos e as influências externas da educação, sem compreender umas nem outras; ela não avalia com reflexão nem as suas revoltas, nem a sua obediência. Educar bem uma alma colocada em tais condições, não é tentar dar aos seus atos um valor moral que a razão e a liberdade, ainda adormecidas, só mais tarde poderão comunicar-lhe: é fixar-nela, sãos hábitos, quer lutando contra os seus instintos egoístas quer acrescentando, às suas inclinações retas, o peso do exemplo e do comando dos castigos e das recompensas." (22)

A segunda regra será esta: Antes de se dar uma ordem deve pensar-se nela; depois de dar essa ordem torna-e indispensável fazê-la cumprir sem demoras, porque (como diz um provérbio) "há um amanhã que é o vestíbulo do nunca".

A indisciplina da criança é fruto, não raro, de ordens impraticáveis ou de ordens suspensas, por súbitas contra-ordens ou perdões. As vezes, o educador é vítima das suas próprias ordens imprudentes.

Conta-se que, certo dia, um professor, pouco avisado em questões de psicologia, teria dito a um aluno malcriado, que se recusava a sair da aula:

— Dou-lhe cinco minutos para cumprir a minha ordem.

O aluno, que era insolente e provocador, pôs, na sua frente em cima da carteira, o relógio, e ficou impassível, com um sorriso escarninho nos lábios.

— Então não ouviu? Então persiste em não sair? vociferou o professor, sentindo-se diminuído. E o aluno respondeu:

— O Sr. professor deu-me cinco minutos para sair da aula. E esses cinco minutos ainda não passaram!

Assim, o tremendo erro do professor, sujeitou-o a esses intermináveis cinco minutos de espera, em que o seu prestígio e a sua autoridade, perante a classe inteira, eram reduzidos a zero.

A terceira regra será esta: Para dominar a desordem da classe é preciso firmeza muito calma. E' contraproducente pretender dominar, com berros e socos na secretaria, uma classe agitada ou indisciplinada. O homem encollerizado torna-se ridículo e as crianças sabem descobrir e gozar esse ridículo. Em vez de altear a voz, urge baixá-la; em vez de gesticular muito, há que mostrar domínio pessoal e serenidade. Desde o primeiro dia, à primeira tentativa de desordem, se deve agir desta forma. Quando assim se procede, basta às vezes um gesto ou um olhar para dominar a classe. E por isso que a mesma classe indisciplinada com um professor, é disciplinada com outro professor, com aquél que, desde o primeiro dia se lhes impõe de modo energico e calmo.

A quarta regra será esta: O educador não deve perder de vista o educando. Deve observá-lo com discrição, deve vigiá-lo com tato psicológico. Por

(20) A Ordem dos Premostratenses é uma Ordem de Canegos regulares, também conhecidos por Norbertinos (de S. Norberto de Xanton, seu fundador). A Ordem foi fundada em 1120 e aprovada em 1126, pelo Papa Honório II, pela Bula Apostólica *Disciplinæ*. No fim do sec. XII, a Ordem tinha mais de 1.000 abadias e priorados na Europa. Sob D. Afonso Henriques, vieram, a Portugal, os primeiros premostratenses, que, depois, fundaram o Mosteiro de Irníria (Castro Daire).

(21) Vide *Philosophie de l'Education. Essai de Pedagogie Générale*, por Edouard Roerich. ... Paris, 1910.

(22) A. de Margerie, *De la famille*. Paris, s.d.

vezes, há uma luta silenciosa (de fintas e de artimanhas) entre o vigiado (o aluno) e o vigilante (o professor). Urge que a superioridade e a vitória pertença ao professor; urge que o aluno seja observado quando não se julgue vigiado, porque então é que se lhe podem descobrir as insuficiências, as malícias e as manhas.

A quinta regra será esta: **Ao sistema negativo das proibições** (nem sempre admissível), deve acrescentar-se o sistema positivo da direção, da orientação e da canalização das tendências e dos instintos infantis. Mira y Lopez afirma, a este respeito:

"... em vez de criar inibições (sempre frustradoras), é preferível abrir novas vias de conduta que permitam a descarga do potencial que nutre aquela inclinação considerada má. Dito de outro modo: é mister transformar a torrente devastadora em canal irrigador, o incêndio destruidor em fogo moderador, o impulso pernicioso em criador. A essa tarefa, chamada "sublimação", devem dedicar-se sem descanso todos os que desejam "formar" (sem de-formar ou malformar) seres humanos" (23).

A sexta regra será esta: **Nem sempre a desobediência tem a mesma origem**: para a dominar, torna-se necessário descobrir-lhe as causas, que podem ser temperamentais, afectivas, familiares, escolares, sociais, voluntárias, involuntárias, conscientes, subconscientes, (24) patológicas etc. O mesmo ato de desobediência pode necessitar de correções diversas ou de tratamentos diferentes.

A sétima regra será esta: **Os hábitos de ordem, de método, de perseverança, de honestidade, de respeito, de economia, de previdência, de delicadeza, de higiene devem ser estruturados com firmeza e dignidade, sem explicações excessivas e sem discursos inúteis**. Paulo Janet afirma avisadamente: "É preciso falar discretamente às crianças, e se é muitas vezes útil dissimular a razão com o prazer, se é muitas vezes necessário impô-la por meio da obrigação, importa também habituar gradualmente a criança a receber a razão totalmente nua, e a obedecer-lhe, não porque lhe seja agradável, ou porque a obriguem a isso, mas pelo único motivo de ser razão." (25)

A oitava regra será esta: **"Sempre que possível e nos momentos oportunos, convém esclarecer a consciência moral, pois a disciplina deve começar por ser uma força interior**.

A nona regra será esta: **"A disciplina é um elemento ativo; o homem não é um ser inerte e por isso não é só obedecendo que se é disciplinado, mas sim agindo e trabalhando e tornando iniciativas bem ordenadas e bem orientadas. Ao educador competente, portanto, estimular o trabalho fecundo e eficiente, sempre condicionado pelos princípios basilares das metodologias adaptadas a cada caso.**

A décima regra será esta: **E' preciso ensinar os educandos a formularem juízos de valor corretos, porque com base em juízos de valor errados tudo na vida será confusão e injustiça. Quando se confunde o mal com o bem, o justo com injusto, o honesto com o desonesto, o digno com o indigno, a vida é um ato de completa indisciplina espiritual.**

A undécima regra será esta: **As recompensas e os prêmios devem ser usados com parcimônia e delicado critério psicológico**. Na maioria dos casos premiam-se virtudes passivas (a imobilidade e a inércia) e não se premiam a abnegação, a bondade, o método, o asseio, a coragem, o trabalho obscuro, persistente e digno, fato este que constitui manifestamente um êrro.

Além disso, as recompensas podem ser piores ou melhores conforme se dirigem aos sentimentos interessados, à gula, ao amor próprio, à vaidade, ou aos sentimentos nobres, honrados e espirituais.

A própria maneira de premiar pode contribuir para moralizar ou desmoralizar a criança. Há diferença entre o valor pedagógico da recompensa

que se promete antecipadamente (e que a criança exige quase... como salário) e a recompensa espontânea, que não se anuncia e que assume o carácter de prêmio.

A décima segunda regra será esta: **A sanção, quando usada de modo indiscriminado e abusivo revela-se anti-educativa**. (26) Quando as relações entre o binomio "educador—eduicando" são bem conduzidas, a punição tende a diminuir em quantidade. As sanções, para terem eficiência pedagógica, devem tender a atingir os seguintes objetivos:

- a) Reformar o prevaricador
- b) Modelar-lhe o carácter
- c) Proteger o defender a sociedade.

Há, portanto, que usar moderadamente as sanções e, principalmente, usá-las com mira no aperfeiçoamento futuro do educando, pois como escreve Guyau — o tempo é um factor essencial para a formação da moralidade infantil.

A décima terceira regra será esta: Para que uma criança seja disciplinada, é indispensável que a disciplina em toda a parte. A Escola pouco conseguirá, neste domínio, se os pais não se compenetrem de que também a eles compete um largo quinhão neste trabalho formativo.

O próprio ambiente social pode servir ou deservir a Escola, conforme for bom ou mau. Numa sociedade de vida tumultuária e confusa, perder-se, sem apelo nem agravo, todos os esforços dos professores, e não será justo exigir-lhe responsabilidades que não lhes cabem.

A décima quarta regra será esta: **A disciplina implica espírito de sacrifício e sublimação**. Ponsard afirma:

"A pedagogia, que pretende considerar a felicidade, tal como ela se apresenta, não pode suprimir um certo ascetismo".

Por isso, é preciso mostrar o exemplo da vida perfectível e ascensional dos grandes santos e dos grandes homens, que, de pecadores e de serem indisciplinados, ascenderam às maiores altitudes da virtude e da dignidade humana. Para isso, torna-se necessário ministrar às crianças a lição sempre fecunda das melhores biografias e dos melhores livros cristãos.

Ponsard observa, também:

"É preciso dar um lugar nas nossas escolas à Bíblia, o livro humano por exceléncia; ao Evangelho, o livro do Verbo Incarnado; aos Padres da Igreja, tão profundamente psicólogos, e frequentemente tão sociólogos. Quais são os textos da Antiguidade pagã que podem valer, para revelarem o homem à criança, qualquer página das Confissões de Santo Agostinho; para denunciarem as misérias humanas a compaixão e a justiça do homem qualquer sermões de S. João Crisóstomo?" (27)

E por seu lado, Bastide acentua que a ignorância dos fatos evangélicos nas escolas é um dos

(23) Problemas de Educação Infantil, por Dr. Emilio Mira y Lopez..., in Revista do Ensino, Ano 2, n.º 16 Petrópolis, agosto 1954.

(24) Jo na Imitação de Cristo se salientava que a vida arca dos nossos desejos e das nossas tendências age severamente sobre a nossa vida cognitiva, sobre os nossos estados-de-alma, sobre as nossas exteriorizações.

(25) Paul Janet, A Família, Lições de Filosofia Moral, obra premiada pela Academia Francesa, 31.ª edição revisada da 11.ª edição francesa, Lisboa, 1894.

(26) Liselette Wetzig, Das Problem der Strafe in der Erziehung, Ravensburg, 1949.

(27) Philippe Ponsard, Supérieur du Collège de Juilly, L'Enfant d'aujourd'hui, Paris, 1937.

escândalos da nossa cultura, para o humanismo ocidental, de ser, pelo menos, tão cristão como grego-latino. (28)

5. PALAVRAS FINAIS

A Educação é um esforço fecundo, é um fenômeno de ascensão; e o aperfeiçoamento, a humanização com disciplina e com sacrifício. (29) Afirmou Jorge Hansen que a cultura não é um adorno que possa vestir-se como um traje, em determinadas circunstâncias; é sangue e energia espiritual amarrada pela própria atividade.

O mesmo pode afirmar-se acerca da Educação: Educar é realizar esforços contínuos no sentido de disciplinar o homem total, para que ele — sem ultrapassar os limites do possível, do conveniente, do necessário e do humano — possa:

- Disciplinar os seus defeitos
- Disciplinar as suas tendências
- Disciplinar as suas virtudes
- Disciplinar as suas capacidades
- Disciplinar os seus entusiasmos
- Disciplinar a sua inteligência

A Educação deve ser um fenômeno sintético, exercendo-se sobre a atividade global do educando. E como educar e disciplinar, será indispensável que a disciplina o domine integralmente. Isso implica sacrifício?

Decerto que sim, mas são os sacrifícios que nobilitam o homem e o elevam e dignificam.

Homem educado — quer dizer, — homem disciplinado — é aquele que se liberta dos seus defeitos, dos seus vícios, das suas paixões daninhas. (30) Disciplina é libertação, no passo que indisciplina e escravidão ao mal e ao erro.

A crise hodierna é, fundamentalmente uma crise de disciplina. O homem contemporâneo (cego por uma ciência orgulhosa e unilateral) (31) encontra-se numa encruzilhada terrível; quis libertar-se, e encontrou-se, de repente, em face de um abismo imenso: o abismo de si próprio, o abismo das suas desvairadas forças sem comando e sem direção.

O homem de nossos dias é, assim, um homem marginal: (32) vive entre duas forças contraditórias: a força criadora da disciplina e a força dissolvente e negativa da desordem, que conduz irremediablemente à confusão, à anarquia e ao caos.

Por isso, se mostra o homem atual cada vez mais perturbado e mais desorientado. Mesmo quando recorre, para tentar a salvação, à disciplina usa-a imoderadamente, desumanamente, confundindo disciplinar com crueldade.

Assim acontece sempre na marginalidade social (33): o choque de forças antagônicas produz desequilibrios graves na personalidade individual ou social gerando atitudes que podem atingir formas abusivas, desnorteadas ou até inumanas.

Urge, pois, restabelecer o domínio da disciplina, mas daquela firme, serena e equilibrada disciplina, que a Igreja aponta na sua luminosa visão cristocêntrica de Educação.

Não haja ilusões a tal respeito: a salvação está na disciplina. A História castiga cruelmente — proclama um notável pensador — os povos que não aprendem as suas lições. (34)

Nós acrescentaremos: a ciência, verdadeiramente digna de tal nome, ensina que fora da disciplina o homem nega-se a si próprio.

O ser humano é uma entidade tetrapolar:

- É um ser físico, e como tal vive na natureza e tem de obedecer às leis naturais e biológicas.
- É um ser moral, competindo-lhe aperfeiçoar-se e aperfeiçoar a sociedade; para isso deve obedecer às leis morais.

- É um ser espiritual, cumprindo-lhe aproximar-se de Deus. Para tanto, deve obedecer às leis divinas, às leis religiosas.

Representamos uma civilização cristã e por isso devemos cumprir a disciplina cristã, que é uma disciplina total.

Como proceder para atingir semelhante objetivo?

A esta impressionante interrogação, respondemos com uma singela resposta, dada pelo insigne Professor Paplauskas — Ramunas, da Universidade de Ottawa:

"O que, em nossos dias, necessitamos urgentemente, são: educandos cristãos, educadores cristãos, famílias cristãs, humanidade cristã" (35)

(28) Paul Arboisie Bastide, *L'Humanisme Nouveau*.

(29) O sacrifício implica dor. E como se vence a dor?

"Para suportar a dor, um pouco de coragem vale mais do que muita ciência; um pouco de compaixão vale mais do que muita coragem; e a mínima parcela de amor de Deus vale mais do que tudo o resto" (C.B. Senvis, *O problema da dor*, Lisboa, 1947).

(30) Dois tratadistas escrevem:

A eminent figura de Cristo perdurará até o fim dos séculos para quem procurar não só a verdade, mas também a beleza moral. Torna-se indispensável, todavia, recorrer ao exemplo dos homens como nós, que conheceram as nossas fraquezas e os nossos erros e que deles se libertaram por meio de combate. Por isso, é bom estudar os santos nos seus aspectos humanos, o que constitui, precisamente, um campo novo de investigações e de inquéritos, a psicologia dos Santos".

O fato de os santos terem sido homens como nós dá à sua vida um especial significado pedagógico: por tal fato, eles tornaram-se, por assim dizer, nossos companheiros de vida, e emergem de um mundo quase maravilhoso, nos subtraímos-lhes ainda mais desde que os conhecemos". (*Psychologie Pédagogique et Doctrine Chrétienne de l'Education*, par A. Decoene et A. Staelens).

(31) O erro consiste em a Ciência se afastar, progressivamente, da Filosofia. Pondo este problema, em relação à Idade-Média, escreve um autor de nossos dias:

"Havia, porém, uma coisa em que o esforço científico sobrelevava ao que depois lhe sucederia. Nos tempos medievais, o estudo das ciências não precisava de se desumanizar, para se exercer, porque a ação era vincentemente precedida da contemplação, e a experiência científica supunha, sempre na base, a disciplina da filosofia. Na procura da verdade, hipotecava-se o homem todo, e não um simples elemento parcial, como hoje se faz, nas especializações em série. Se, por um lado, a revolução científica dos tempos modernos foi um avanço, foi por outro lado um verdadeiro atraso. Foi avanço pelo que, no domínio da matéria se adquiriu, e, mesmo, isso, certamente que não se teria adquirido, se não fosse o largo caminho já anteriormente percorrido. Mas foi também um atraso gravíssimo, a conta dos valores espirituais que se deixaram perder..." (A Veloso, *Metafísica e experimentalismo*, in *Bretaria*, Lisboa, Fevereiro de 1935).

(32) Vide Yung, *An Introductory Sociology*, New York, 1934.

(33) Vide Everett Stonequist, *The marginal Man*, University of Chicago, 1930.

(34) Prof. Humberto Grande, *Civis e Militares*, Recife, 1934.

(35) *Modern Philosophies of Education*, by Dr. Anthony Paplauskas — Ramunas, Habana, 1934.

PEÇA DETALHES SÓBRE O III CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES PRIMÁRIOS, DIRIGINDO-SE AO C.P.P.E. — EDIFÍCIO SULACAP — AV. BORGES DE MEDEIROS — PORTO ALEGRE

DANÇA DOS LENÇOS

DANÇA DA BOÉMIA

FORMAÇÃO: Pares dispostos em roda ou espalhados pela sala obedecendo à seguinte posição: os parceiros se colocam à frente seguindo ambas as extremidades apontadas em diagonal de dois lenços.

DESENVOLVIMENTO: Figura 1 — Nesta posição caminham dando 8 passos de valsa (a menina inicia com o pé direito e o menino com o pé esquerdo) movimentando simultaneamente os braços na mesma direção (os meninos caminham para a frente guiando as companheiras). Repetem o mesmo em sentido contrário cabendo

agora às meninas a direção do par (compassos 1-8 repetidos).

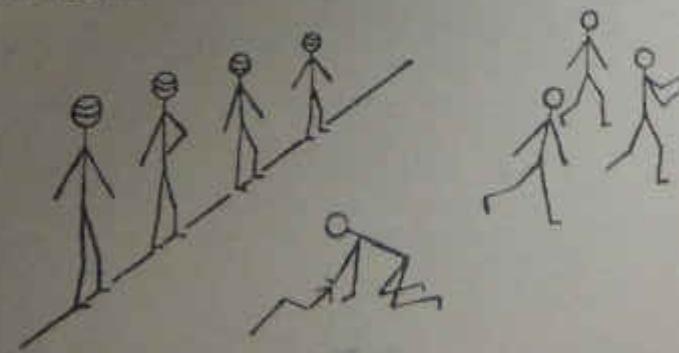
Figura 2 — O menino bate o pé esquerdo enquanto a menina bate o direito e, fazendo uma volta completa por este mesmo lado passam sob o arco formado pelos braços. A seguir dançam três passos de valsa ora para um lado ora para outro balançando simultaneamente os braços (compassos 9-12).

Repetem esses movimentos fazendo a volta pelo lado contrário (compassos 13-16). Durante a repetição dos compassos 9-12, esta figura é executada mais duas vezes.

Pequeno Jôgo

ESQUEMA DAS VOLTAS

Preparação — Os jogadores serão divididos em dois partidos iguais, cada um dos quais escolherá seu capitão.



Desenvolvimento — Enquanto os componentes de um partido, "caçadores", se conservarem no pique, voltados para a parede ou de olhos vendados, os adversários se ocultarão, exceto o capitão, que, uma vez conhecedor do local do esconderijo, voltará e desenhara um esquema das voltas dadas por seus comandados, até onde os deixou. Feito isto, os caçadores sairão à procura dos escondidos e, assim que estes forem descobertos, tanto uns como outros correrão para o pique.

Pontos — Marcará um ponto para seu grupo o jogador que primeiro chegar.

Vitória — Caberá ao partido que conquistar maior número de pontos.

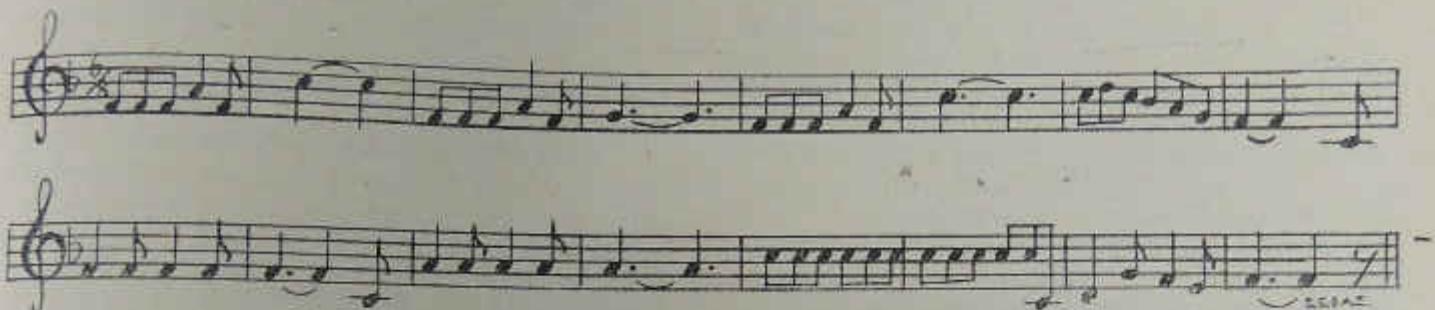
Looby Loo (Lubi Lú)

RODA CANTADA

Formação: Roda.

Desenvolvimento: De mãos dadas, as crianças saltitam para o esquerda, cantando o estribilho. Ao terminá-lo, param, largam as mãos e indicados, isto é, todos, num movimento de rotação, giram o braço direito para o centro da roda e depois, num movimento inverso, trazem-na para fora da roda. No terceiro verso ainda dentro do círculo e fazem uma volta.

Cantam o estribilho como já foi explicado. Na segunda quadra, fazem o mesmo com a mão esquerda. Na terceira, levantam o pé direito, colocam-no fora da roda, agitam-no dentro da roda e fazem a viravolta. Na quinta quadra, fazem o mesmo com o pé esquerdo. Na sexta, flexionam a cabeça para a frente, depois para trás, agitam-na e fazem a viravolta. Na sétima, as crianças dão um pulo para o centro da roda, outra para fora, agitam o corpo e fazem a viravolta.



Estríbilho

IV

Vem dançar Looby Loo
Looby Loo vem dançar
Vai dançar Looby Loo
Que não irás te cansar.

P'ra o centro o pé direito
E zaz o pé tirar
Queira agitar um pouquinho, um pouquinho
E a vira volta dar.

I

Estríbilho

V

P'ra o centro a mão direita
E zás a mão tirar
Queira agitar um pouquinho, um pouquinho
E a vira volta dar.

P'ra o centro o pé esquerdo
E zaz o pé tirar
Queira agitar um pouquinho, um pouquinho
E a vira volta dar.

Estríbilho

Estríbilho

II

VI

P'ra o centro a mão esquerda
E zás a mão tirar
Queira agitar um pouquinho, um pouquinho
E a vira volta dar.

P'ra o centro a cabeça
E zaz a cabeça tirar
Queira agitar um pouquinho, um pouquinho
E a vira volta dar.

Estríbilho

Estríbilho

III

VI

P'ra o centro as duas mãos
E zaz as mãos tirar
Queira agitar um pouquinho, um pouquinho
E a vira volta dar.

P'ra o centro o corpo inteiro
E zaz o corpo tirar
Queira agitar um pouquinho, um pouquinho
E a vira volta dar.

Estríbilho

Estríbilho

VII

LIVROS INFANTIS

Ler todos os dias, não como dever mas como prazer, ler todos os dias com um sentimento de integração do que há de fundamental, representa sem dúvida um marco de superioridade na vida humana.

Prof. MIGUEL REALE.

Título: ARCA DE NOÉ
Editora: MELHORAMENTOS
Autor: WALT DISNEY

Conceito: Conteúdo: bom. Apresentação material: ótima (gravuras belo colorido).

Séries indicadas: Jardim de Infância, 1.º e 2.º séries.

Relacionamento com o programa: Ciências — animais (ótima oportunidade para noções sobre animais selvagens e domésticos).

Livro interessante da esplêndida coleção "Série Ouro". Agrada plenamente a todas as crianças, quer pela sua belíssima ilustração, quer pela linguagem clara e convincente.

A história descreve o episódio bíblico do Dilúvio Universal. Noé consegue colocar na sua Arca um casal de cada espécie animal existente na Terra. Chovera durante quarenta dias e quarenta noites inundando toda a Terra. Sobreviveram somente os que estavam com Noé, conforme os designios de Deus.

O livro poderá ser usado no Jardim de Infância, com uma leve adaptação da linguagem. Ótimo para apresentação no teatrinho de sombras.

Título: PEQUETITA
Editora: MELHORAMENTOS
Autor: ANDERSEN

Conceito — (Conteúdo: bom). (Apresentação material: ótima (gravuras coloridas).

Séries indicadas: 3.º, 4.º e 5.º séries.

Relacionamento com o programa: Ciências: Estações do ano, vida dos animais, vegetais, estudo sobre a vitória régia.

Em linguagem adequada às séries indicadas, a história nos conta a vida de uma menina que não media de altura mais do que a largura de um dedo polegar; daí seu nome "Polegarzinha". História movimentada, onde a cada passo encontramos surpresas, imprevistos. Depois de muitas peripécias para se livrar de indesejáveis pretendentes, Polegarzinha foge nas asas de uma andorinha amiga e encontra finalmente seu príncipe encantado nas pétalas de uma flor.

Cada episódio é motivado pela encontadora ilustração de Renate Eggers.

Título: AMIGOS MARAVILHOSOS
Editora: CONQUISTA

Autor: MALBA TAHAN

Conceito: (Conteúdo: bom). (Apresentação material: boa. (Gravuras em preto e branco).

Séries indicadas: 4.º e 5.º séries.

Relacionamento com o programa: Geografia: Brasil, Estados e Regiões.

Linguagem clara e adequada às séries indicadas.

Malba Tahan narra as aventuras de um menino bom e trabalhador que deixa sua cidade natal, a conselho de sua mãe, para reunir-se a parentes numa cidade próxima. Na viagem trova boas amizades com as quais vive interessantes aventuras. Mais tarde é recompensado pelas belas ações praticadas, reune-se à mãe e formam-se todos felizes. O texto, em estilo agradável, resalta sempre o valor das virtudes e boas ações do herói do livro.

Título: SANTOS DUMONT
Editora: MELHORAMENTOS

Autor: RENATO SENECA FLEURY

Conceito: (Conteúdo: bom.) (Apresentação material: ótima (gravura em preto e branco).

Séries indicadas: 4.º e 5.º séries.

Relacionamento com o programa: Geografia, Estados do Brasil, produções, meios de transporte. Ótima oportunidade para pesquisas sobre trabalhos referentes à aviação. (Ano Santos Dumont).

Biografia do grande brasileiro, escrita em linguagem apropriada e acessível às crianças de 4.º e 5.º séries.

E' notadamente um livro de alto valor educativo, pois informa de maneira simples os feitos do aeronauta patrício.

Os leitores têm nesta obra edificantes exemplos de coragem e perseverança, que a personalidade marcante de Santos Dumont sublinha.

O estilo biográfico, nem sempre do agrado infantil, adquire pela forma amena de Renato Fleury cunho recreativo que mantém a criança interessada até o fim da leitura.

(Conclui na pág. 53)

SER MESTRA

Sinfônica Remedi
Orientadora de E. Primária, Rio G. do Sul

E' sentir, ao mais leve contato com seus alunos, despertar em seu "eu" imbuído de amor verdadeiro, o amor materno, espiritual.

E' ser mãe, cuja felicidade, em bem dos filhos, consiste em:

— Cercá-los de carinho.

— Corrigir-lhes as faltas com brandura e firmeza.

— Estudar-lhes o íntimo a fim de compreendê-los.

— Respeitar-lhes a personalidade.

— Perdoar-lhes as ofensas.

— Zelar pelo seu bem estar material, moral e espiritual.

— Guiá-los ao reto caminho do Bem e da Verdade.

E' fazer de sua vida um holocausto, onde os alunos, na pureza de sua inocência, formem seu caráter pelo exemplo vivo da conduta imaculada de sua mestra que:

— Cumpre com seus deveres.

— É pontual e assídua ao expediente.

— Respeita aos superiores.

— Trata com delicadeza às colegas e às serventes.

— É franca e leal.

— Possui atitudes e hábitos, dentro e fora

da escola, que condizem com o nobre e elevado missão que exerce.

— Tem domínio sobre si.

— Não comenta, de forma pejorativa, assuntos que dizem respeito à escola, às colegas, aos superiores.

— Honra a palavra dada, cumprindo o juramento que prestou com devoção e amor.

E' fazer da Escola um santuário, onde os alunos, ungidos de fé e de confiança, recebam o espírito do sober pella imposição das santas mãos de sua mestra que:

— Prepara sabiamente as lições.

— Ministra aulas vivas e interessantes.

— É justa em suas apreciações.

— Dá assistência intelectual e moral contínua e eficiente a seus alunos.

— Assiste aos alunos na aula, na fila, no recreio, no auditório.

— Não utiliza as horas de expediente em trabalhos pessoais e leituras diversas.

— Amplia, cada vez mais, seus conhecimentos em fontes pedagógicas e científicas.

— Colabora na causa do ensino.

— Faz da Escola o poço de ciências que fará de seus alunos, pequeninos satélites, os futuros luminares da mãe pátria.

LIVROS INFANTIS...

(Conclusão da pág. 52)

Título: PACA TATÚ

Editória: CONQUISTA

Autor: MALBA TAHAN

Conceito: (Conteúdo: bom). (Apresentação material: boa) (gravuras em preto e branco).

Séries indicadas: Jardim de Infância e 1.^a Relacionamento com o programa: Ciências: vida dos animais, fenômenos atmosféricos, luz, calor, estações do ano.

Linguagem clara, adequada às crianças da série indicada, tipo de letra aconselhável.

Paca Tatú é um interessante livro de contos que Malba Tahan dedica à criança brasileira. Em seu estilo atraente e muito pessoal, narra várias histórias que encerram sempre profundos conceitos de valor educativo. Salientamos como das mais encantadoras "Vestido de Ouro e Prata" e "O Arco Iris".

Titulo: O CIRCO ESTÁ NA CIDADE

Editória: MELHORAMENTOS

Autor: ADAPTADO PELA EDITÓRA

Conceito: (Conteúdo: bom). (Apresentação material: ótima (gravuras coloridas).

Séries indicadas: 3.^a, 4.^a e 5.^a séries. série.

Relacionamento com o programa: Ciências, animais.

Com ligeira adaptação de linguagem, o livro interessará bastante às crianças do Jardim de Infância. Letra de tipo pequeno, pouco aconselhada para leitura na 1.^a série.

O livro conta, desfilando em suas páginas os personagens do picadeiro, valorizadas pela ilustração de Manoel Piló, a alegria causada na criançada pela chegada de um grande circo numa cidadezinha.

As ilustrações prestam-se maravilhosamente para uso no flanelógrafo.

A ESCOLA E O TRABALHO

José Maria Gaspar — Professor
da Escola do Magistério Primário de
Coimbra — Portugal.

Depois da última guerra espalhou-se pelo mundo um terrível medo a fome. Contra ele se organizaram instituições para fomento da produtividade e do conhecimento científico dos conceitos e métodos de trabalho.

Em luta aberta contra a rotina, as escolas e as empresas estudaram, teórica e praticamente, a planificação sistemática dos fins a conseguir pelos meios, incluindo nestes o homem. O moderno objetivo técnico e económico é o aumento da produção e do rendimento, numa finalidade social propícia à elevação do nível da vida comum.

A realização eficaz do trabalho e o próprio desenvolvimento orgânico do homem anotam que o ideal seria para toda a gente trabalhadora sujeitarse a boa preparação escolar pré-profissional. Mas, na profissão, há secções e especialidades com exigências peculiares de adaptação. Nos grandes meios industriais há até necessários períodos de adaptação aos progressos técnicos. Mas um bom empregado não ensina sempre bem. Qualquer aprendiz poderia render mais noutras funções, que às vezes só às escondidas vai aprendendo.

A escola é que deveria orientar cada um na aptidão própria, para o ramo compatível com as suas aptidões e compatível também com as necessidades coletivas. É o geral pensamento moderno.

Há hoje grandes obras longe dos centros urbanos e industriais. Para adaptar nelas pessoal especializado vindo de longe gasta-se mais que para habilitar o potencial humano do local.

Com o fim de melhorar sempre a produtividade, que é o cociente da produção pela duração do trabalho e se exprime em "horas-homem", preconiza-se a seleção de um quadro mínimo de profissionais, técnicos competentes, que ensinem bem o pessoal a contratar. Depois, uma seleção psico-fisiológica, mesmo rudimentar, dos que pretendem contratar-se. Os técnicos dirigem os grupos formados, em curtas aprendizagem bem sistematizadas, num estimulante regime de promoção baseado em provas de aptidão.

Os capatazes aprendem as idéias gerais da organização científica do trabalho. Com adequada ação educativa acarinharam-se todas as iniciativas do pessoal. Não deve mesmo faltar uma "caixa de idéias", onde cada empregado vai pondo as sugestões que julgue útilmente viáveis. Livros, rádio, excursões e conferências alargam o horizonte cultural, para ninguém se sentir intelectualmente inferiorizado em relação aos grandes centros e assim

se cria amor ao seu trabalho e gratidão aos dirigentes, ao mesmo tempo que se possibilita numerosas pessoas, antes sem ofício, para ali ou algures ganharem bons salários e prestarem bons serviços. Todos trabalham menos e produzem mais. A alegria das tarefas que se realizam segundo a vocação não se compara com as que se fazem no trabalho constrangido.

Com homens selecionados psico-técnicamente é possível, por exemplo, obterem-se pedreiros num mês, com habilidades e mesmo habilidades surpreendentes, com dupla produtividade horária e metade do cansaço habitual. Escolhe-se gente robusta, com menos de 25 anos, instrução primária geral, inteligência especial, ao menos estática, visão e audição normais e integridade anátomo-fisiológica. Com vista à promoção (canteiros, escudadores, etc.) seguem-se 20 dias de prática presidida por técnicos sob a orientação do psicopedagogo. Ensinase a sistematização do trabalho simplificado e anotam-se resultados: a maior rapidez permite maior remuneração; o artífice pode ganhar mais levando menos pela sua obra, gastando nela menos energias. O interesse nos aprendizes na boa classificação profissional, como resultado da aprendizagem, faz que se esmerem, na qualidade e rapidez do trabalho. Por isso a empresa não perde no tempo que destina à seleção específica.

Simultaneamente oportunamente repete-se o sistema métrico, com exercícios práticos de linhas, superfícies, volumes e pesos, com referência prática à construção. Noções geométricas de verticalidade e horizontalidade, medições de ângulos de desvio, cálculos gerais de volumes cilíndricos, cônicos, etc. Interpretação de desenhos e até de escalas simples completam a preparação. Uns elementos de física, mineralogia e química valorizam extraordinariamente o operário. Onde poderão adquiri-los melhor que no realismo vital das empresas, no ambiente produtor da atividade laboriosa?

O maior ou menor artificialismo das escolas técnicas nunca dispensa adaptação às máquinas desta fábrica, ou à orgânica daquela empresa, ainda que os maquinismos escolares sejam melhores que os outros. Empresas e fábricas são entidades evolutivas: mudam de maquinismos, de administração e até de produção. Precisam, por conseguinte de prevenir adaptações parciais ou totais do pessoal, devidamente estimulado ao acesso pelo aperfeiçoamento profissional. Com base na orientação escolar pré-profissional, seria possível e barato organizar aqueles rápidos cursos nas próprias empresas com o maior proveito.

Com operários sentires de si, no trabalho ci-

tificamente organizado, beneficia o patrão, diminui-se a fadiga; aumentam a felicidade própria e a prosperidade coletiva. Cada um contribui para a melhoria da situação económica nacional. E, se as empresas forem economicamente débeis, podem justificar-se para aquele efeito e pedir o auxílio das federação e outros organismos corporativos. O materialismo eslavo é muito mais radical. Mas não pode fugir-se-lhe ao repto nem se lhe pode ficar atrás.

Pensa-se hoje que a prosperidade geral só pode provir da produtividade individual. O nível da vida nacional depende da respectiva produtividade. Esta assenta no esclarecido aproveitamento das aptidões individuais, perante o progresso permanente das técnicas.

Não se trata de pura mecanização sistemática, que é apenas elemento poderoso de produtividade. Trata-se antes de metódica valorização humana, com tarefas simplificadas por boa orientação profissional, boa organização do trabalho e até melhor conservação de máquinas e melhor aproveitamento de material e ferramentas.

Fator especialmente delicado é criar-se confiança reciproca nos altos e baixos setores da empresa, estabelecendo clima propício a ótimas relações humanas: ter cada um a plena consciência pessoal da sua meritória missão coletiva. A todos os intervenientes na produção deve dar-se a certeza de que a melhoria de resultados comuns resulta, de fato, no aumento de proveitos, no aumento, por conseguinte, do poder de compra. A todos se deve garantir que a demonstração progressiva de capacidade abre promoções até ao mais alto da hierarquia do trabalho. Tal confiança, nunca desmentida, cimenta em ilimitada segurança o futuro nacional e dinamiza harmónicamente o vital espírito novo da produtividade.

A projeção d'este jovem, impetuoso movimento mostra já, no plano supranacional, objetividade filosófica e eficiência técnica. A íntima colaboração construtiva, numa fecunda obra comum, para se alcancarem os melhores resultados técnicamente

possíveis, desperta no operário o desejo incessante de formação profissional e no patrão o interesse crescente de racionalização do trabalho. Já por toda a parte se milita por essas candentes finalidades.

Há, na verdade, propensão para se alargar o ensino técnico e para se estabelecer o ensino pré-profissional já na escola primária. O aprendiz sai assim da escola para entrar numa atividade "certa" e não para ser topa-a-tudo de todos numa oficina. É logo um auxiliar e não "espreita" só, no serviço para que se dirige. A empreza não o deixa perder contato com a escolaridade e a classificação psicofisiológica não o deixava desviar-se. Toda a pedagogia do trabalho redundava nele em formação profissional, caminha certo para o aumento da produtividade pela satisfação no mister.

Numerosas instituições propagam em todo o mundo os princípios que deixamos expostos. Na imprensa e nos congressos fala-se dêles. Há experiências comprovativas já realizadas e em curso. Eminentas personalidades da Indústria e da Pedagogia estudam êstes problemas no campo nacional e no internacional. E' o que se deduz da leitura do boletim da Associação Iberoamericana para a Eficiência e Alegria no Trabalho, a que aderiram numerosos países e em que se encontram inscritos numerosos organismos escolares e industriais de Portugal. Trabalhando de acordo com a Organização Científica Mundial do Trabalho, pretende preparar barreiras sólidas contra a fome em todas as emergências. Mas eleva simultaneamente o nível da vida, a cultura geral e a satisfação de trabalhar, de viver.

Mercece, decerto, ser divulgado tão meritório esforço. Trata-se de um amplo movimento educativo. Se a educação forma caracteres e se o caráter é uma segunda natureza, espera-se que as próximas gerações pisem terreno mais seguro ainda nas estradas e nos caminhos da existência. Com ensino familiar e escolar modelado numa orgânica social de pleno aproveitamento humano, facilita-se a ansiada vitória. Vale a pena combater por ela, a bem dos que no futuro nos hão-de suceder... e julgar.

Respeito aos Ninhos

Mariano de Oliveira

Tirar de uma ave o ninho
é vil e triste ação...
E' ir cravar espinho
num terno coração.

O ninho é doce lar
que abriga vida em flor.
Tirá-lo, é aniquilar
Um inocente amor.

Uma ave implume
o pipilar num ninho,
desperta amor, ciúme,
e zelos e corinho.

Por isso o meigo infante
que vê na rama um ninho,
contempla radiante
o terno passarinho!

Exercícios e Divertimentos

UM INSTRUMENTO DIFERENTE

HARPA

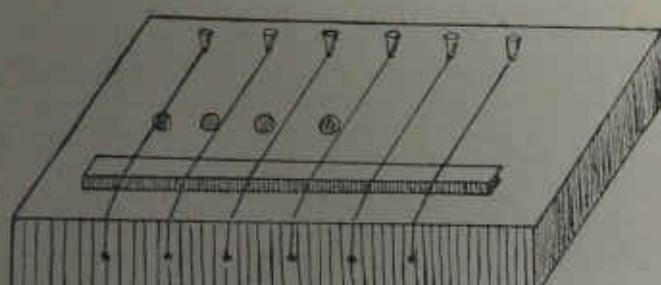
Uma caixa comum de charutos pode ser transformada com pouca causa num instrumento que, em certa época foi muito popular, mas que, atualmente, é raro. Trata-se da **harpa cônica**, tocada não por mãos humanas, mas pelo vento, passando pelas cordas. O som é, geralmente, muito bonito e tem uma tonalidade estranha inteiramente diferente do que é produzido por qualquer outro instrumento.

A tampa da caixa serve como caixa de som, de ressonância da harpa e é preparada para isso fazendo-se quatro orifícios como mostra a gravura. Cada orifício deve ter 2,5 cms. de diâmetro; eles devem ser feitos em uma fileira, um pouco mais para um lado do centro da tampa. Em seguida fazem-se seis buracos menores, de

mais ou menos, 6 mm. de diâmetro, perto da extremidade da tampa que está mais afastada dos orifícios maiores.

Fazem-se seis cravelhos pequeninos, de madeira, para encaixar nos seis orificiosinhos. Preparam-se seis tachinhas enfileiradas, no lado da caixa oposta ao em que estão os pequenos orifícios. Cada tachinha deve ficar diretamente oposta a cada um dos orifícios. Depois corta-se um pedaço de madeira de 12 mm. de largura, 6 mm. de altura e mais ou menos, 2,5 cms. mais curta do que o comprimento da caixa e prega-se na tampa, como se vê na gravura.

Tomam-se seis cordas de bandolim e amarram-se uma das extremidades a uma das tachinhas do lado da caixa e enrola-se a outra extremidade ao redor das cravelhas. Apertando as cravelhas pode-se aumentar ou diminuir a tensão das cordas e assim afinar a harpa. Cada corda deve ser posta em uma tonalidade diferente. Tocase o instrumento, colocando-o de lado em uma janela aberta. O vento, passando pelas cordas, fará soar harmonias muito suaves e de um som musical firme e excepcional.



PALAVRAS NOVAS

Antepónha ou acrescente uma ou duas sílabas ao nome de animal para formar outra palavra de acordo com os sinônimos.

+	(Animal doméstico)	— Riacho
+	(Ave doméstica)	— Prazer
+	(Ave pernalta)	— Epopéia
(Ave palmípede)	+	— Estúpido
Fêmea do touro	+	— Folga
(Roedor)	+	— Rufar

Solução

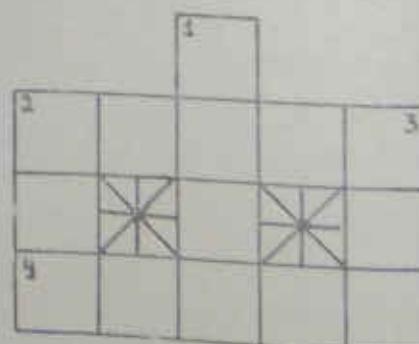
Regata — Regalo — Poema — Patola —
Vacação — Rataplã.

Horizontais

2. logo
4. ave

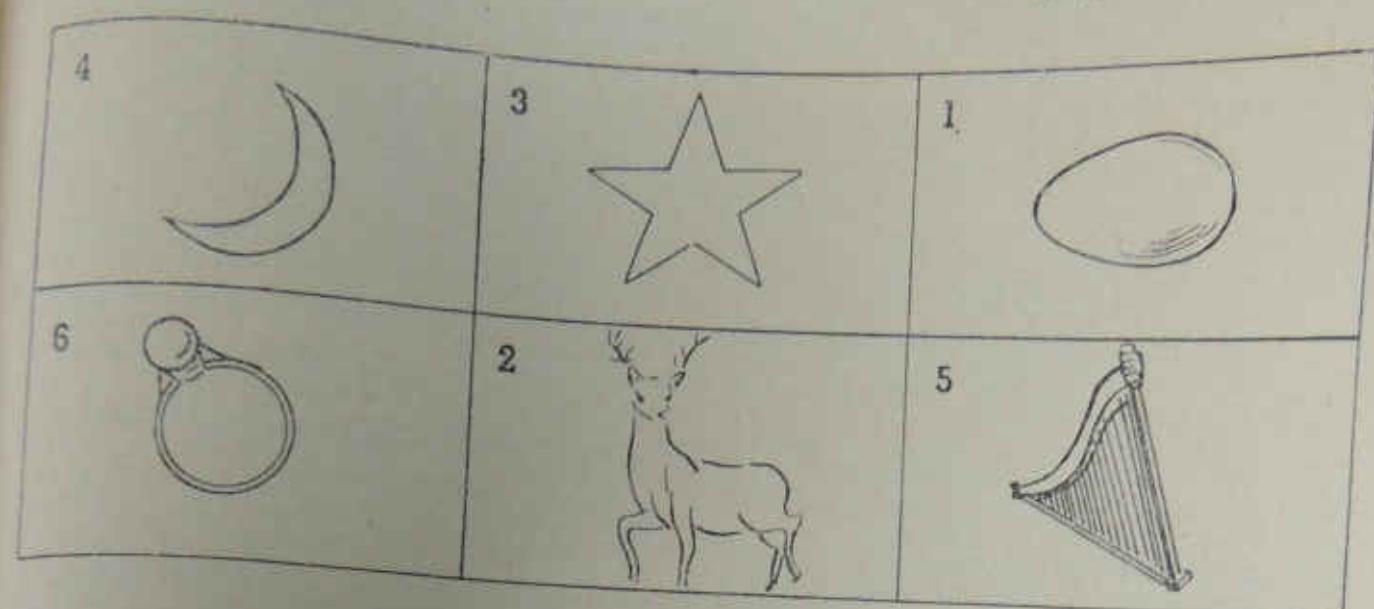
Verticais

1. 3/4 partes da superfície da terra.
2. Satélite da Terra
3. Beira



ESCREVA a primeira letra de cada objeto, observando a ordem numérica e veja que nome formou?

Solução: ovelha



... O M A

Quantas palavras você poderá formar, juntando diferentes iniciais às letras acima?

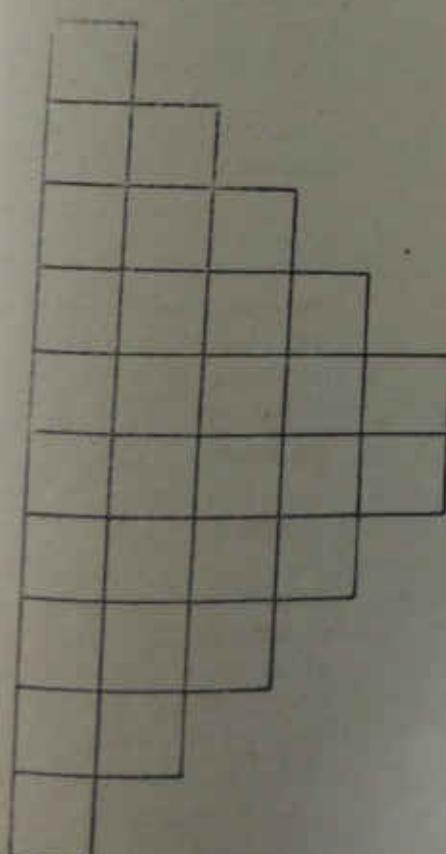
JA ... A

Coloque uma consoante para ler uma palavra, de acordo com a definição.

J A ... A
J A ... A

Carne seca
Balão
Esteira
Mancha
Ilha
Fruta

SOLUÇÃO
Jabá
Jacá
Japá
Jaço
Java
Jaca



FURO DO MAR

Horizontais

Verticais

Preencha os quadros em posição horizontal e encontrará na 1.ª coluna vertical o nome de um Estado do Brasil, que em tupi significa "furo do mar".

Consoante	Solução
Preposição	P
Soberano	EM
Templo	REI
Nitrogenio	NAVE
Universo	AZOTO
Grão	MUNDO
Fruta	BAGO
Cabelo branco	UVA
Vogal	CÃ
	O

Questionário Para Observações das Atividades de uma Escola Rural

Prof.º Carmen Pereira Alonso
Do I.N.E.P. — D.F.

- I. Local da visita
 - A. Nome da escola
 - B. Situação
 - C. Capacidade total
 - D. Capacidade de cada turma
 - E. Meio circulante
 - F. Horário de funcionamento
- II. Planta da escola, indicando as salas, localização e tipo dos aparelhos sanitários, portas externas e janelas, refeitório, varandas, local de recreação e bem assim a localização das diferentes atividades agrícolas ou de criação.
- III. Ornamentação
 - A. Da casa
 1. Tipo
 2. Material utilizado para esse fim
 - B. Das dependências externas (jardins etc.)
 - C. Do refeitório
- IV. Atividades de campo inicialmente planejadas e postas em execução
- V. Atividades atualmente em organização
- VI. Organização das atividades das crianças
 - A. Em grupo?
 1. Número de alunos
2. Sistema de rodízio
3. Funções do chefe do grupo
- B. Em clube?
 1. Diretoria
 2. Direitos e deveres dos sócios
- VII. Uniforme de campo das crianças
- A. Tipo
- Calçado
- VIII. Articulação das atividades de campo com o trabalho de classe
- IX. Articulação das diferentes instituições complementares com o trabalho da escola
- X. Articulação das atividades da escola com a vida da comunidade
 - A. Em que tem a comunidade contribuído para a escola?
 - B. Reação do meio social local
- XI. Instituições complementares em funcionamento (especialmente Merenda, Círculo de Pais e Professores, Caixa Escolar, Museu, Biblioteca, Cooperativa, Pelotão de Saúde)
 - A. Seu funcionamento
 - B. Sua articulação à instituição central

(Continua na pág. 60)

A Refeição Matinal

MARIA EMILIA BRANCO DA COSTA

Ex-orientadora de Jardim de Infância em Belém do Pará e atual Diretora de Grupo Escolar servindo na Inspetoria Geral do Ensino.

Dramatização — Objetos que falam e cantam. Movimento educativo sob a forma de uma aula prática.

A professora — (Explicando) — A Naná é um amor de criança. É estudiosa e, também, muito trabalhadeira: Imaginem que certo dia a empregada esteve doente e a Naná ajudou a mamãe nos trabalhos da casa. Pois bem. Eu agora quero mostrar a vocês como a Naná trabalhou nesse dia. Vamos então, formar uma brincadeira. É a história da Naná com os objetos que falam e que cantam. Quem quer ser a Naná? (Todos vão responder. Eu quero, eu quero). Então, você Ana Maria, vai representar a Naná. Agora, vamos escolher os objetos da mesa do café.

(Um a um vai dizendo o objeto que deseja ser). Esta é a cena da escolha dos personagens que devem interpretar os objetos e também os alimentos próprios, ficando assim, formado, sob a direção da mestra, o conjunto que irá dramatizar a refeição matinal.

A professora (proseguindo) — A Naná vai arrumar a mesa do café e a mamãe ficará contente.

Naná — (Aparece falando com desembaraço) — Ora, a mamãe pensa que eu não sei arrumar a mesa do café! E' tão fácil!

(Retira-se e, logo após, volta, trazendo o primeiro objeto, a toalha.)

A criança que representa esse objeto traz uma toalha e ao entregá-la à Naná fala.

Toalha — Branquinha e bordada.

Por mãos de uma fada.

(Naná recebe-a e vai estendê-la, enquanto a toalha viva (a menina), dirige-se para um lado da cena onde fica esperando os outros objetos que irão formar, depois, a "mesa viva". Segue-se a mesma cena com todos os outros objetos que a Naná irá trazendo um a um e colocando nos lugares respectivos sobre a mesa que está arrumando. Deve para isso mostrarse contente, trabalhar com desembaraço e vivacidade. E assim, na ordem conveniente, temos):

Xícara e Pires — (De braços dados cada qual representando o respectivo objeto).

Sempre juntinhos
Bons amiguinhos

Colher — Sou boa ajudante
E mexo num instante.

Açucareiro — Eu guardo um alimento
Que é mesmo um portento!

Guardanapo — Tão bem dobradinho
Sou o guardanapinho.

Cesta de pão — Bonita e pintada
Do pão sou a criada.

Mantegueira — Da mesa a rainha
Sou a mais gordinha.

Bule — Com orelha e com bico
Eu sou muito rico.

Leiteira — Sou muito faceira
Uma linda leiteira.

Nana — Pronto! Que é que está faltando. Ah! Já sei, é a faca. Vou já buscá-la. (Volta trazendo a faca).

Faca — Gostoso pãozinho
Eu sei bem cortar
E fina manteiga
Também sei passar.

A professora — Nana já arrumou a mesa do café e, muito contente, canta agora uma canção.

Naná (cantando)

Que bom é a gente
Saber trabalhar!
E sempre contente
A mamãe ajudar.

(Falando) — Agora, para que a mamãe fique mais alegre comigo, vou já tomar o meu café com leite, pois tenho de ir para o meu querido Jardim da Infância.

(Senta-se à mesa e começa a servir-se).

A professora (explicando) — Naná senta-se à mesa, desdobra o guardanapo e, à proporção que se vai servindo, vão aparecendo os alimentos.

Açúcar — Lá de Pernambuco.

Eu vim para cá

Café — E eu de São Paulo
Aqui vim parar.

Leite — E eu de bem perto
Vim te completar.

Pão — Da trigo amassado
Sou o pão desejado

Manteiga — E' certo, concordo
Caríssimo amigo,
Ficas mais gostoso
Estando eu contigo

A professora (falando) — E, enquanto a Naná aprecia o seu delicioso café com leite pão e manteiga, os objetos e alimentos vivos vão brincando de roda. (Somente os objetos iniciam o canto. Os alimentos vêm entrando depois, um a um. A música é a "A mão direita").

Côro

Nesta mesinha
Falta o alimento — bis
Para ficar
Aqui no centro — bis

Entrai, entrai
Seu refinado — bis (Açúcar)
Sempre serás
Muito cotado — bis

(Repete o côro — Nesta mesinha, etc.)

Entrai, entrai
Senhor Don Leite — bis
Vá procurar
Quem o aceite — (Leite)

(Repete o côro)

Entrai, entrai
"Seu" Bandeirante
Não há ninguém (Café)
Que lhe suplante — bis

(Repete o côro)

Entrai, entrai
Doutor Pãozinho — bis
Não fique aí (Pão)
Triste e sózinho — bis

(Repete o côro)

Entrai, entrai
Real Senhora — bis (Manteiga)
Pois já chegou
A sua hora — bis

(Os alimentos abraçam os objetos respectivos, o café com o bule, a cesta com o pão, etc. e vão saindo assim abraçados para fora da roda, ficando nesta os demais objetos (xicara e pires, colher, faca, toalha e guardanapo). Então, estes, de um lado e os de mais do outro, formam nova brincadeira com a música do "Bom dia vossa Senhoria".

Os objetos:

Ficamos aqui esperando
Manda o tiro, tiro, lá
Que vocês venham pra cá
Manda o tiro, tiro lá.

Os alimentos e os outros objetos:

Todos vamos para lá
Manda o tiro, tiro lá
Sempre juntos a pular,
Manda o tiro, tiro, lá.

Todos vamos para lá
Manda o tiro, tiro lá
Sempre juntos a pular,
Manda o tiro, tiro, lá.

Todos (pulando):

Passemos a festa juntos
Na mesinha da Naná.

(É justamente o tempo em que a menina acabou de tomar a sua refeição matinal).

A professora (fala) — Naná acabou de tomar o seu café, levanta-se coloca bem direitinho a cadeira e vai pedir a bênção a seus pais para depois ir contente ao seu querido "Jardim", onde é muito estimada pela sua professora e por seus coleguinhas.

QUESTIONÁRIO . . .
(Conclusão da pág. 58)

XII. Equipamento técnico

- A. Tipo
B. Quantidade
C. Procedência

XIII. Recrutamento dos Professores

1. Vantagens
2. Formação especializada?
a. Onde a obteve?

XIV. A escola rural e o problema dos alunos desajustados

A. Como aproveitá-los nas atividades dos clubes agrícolas

XV. A escola rural e o aproveitamento das horas de lazer do estudante

XVI. Outros observações não constantes do presente questionário

Uma Lição Proveitosa

Prof.º Francisca Montilla.

Do Instituto São José de Calazans — Madrid.

No decorrer dos dias e dos meses, distrações e ocupações diversas sucedem-se durante o ano, repetindo-se periódicamente o seu ciclo.

A vida rural vibra ao ritmo das fainas campestres, que interessam a todos.

Aproximadamente na mesma época, principia o trabalho de monda do solo, o qual é preparado com solicitude antes de se lhe confiar o tesouro precioso da semente. A limpeza da terra e a lavragem são as tarefas a que se atende com singular esmero. Aberto o seu seio fecundo, a terra recebe ávida, ao longo dos seus sulcos, o grão que deve germinar em suas entranhas. Muitos serão os esforços que o agricultor lhe consagra antes de vê-lo florescer. Transcorrerão dias e meses até que isso aconteça. Durante esse tempo, o coração do homem passará por alternativa de esperança e desalento, abrigará lisonjeiras ilusões ou sentir-se-á preso de negros pessimismos; chorará algumas vezes, outros rirá; sentir-se-á acovertado aos presságios duma seca ou duma chuva proveitosa, duma tormenta devastadora ou duma tépida carícia primaveril.

Porque o homem, ainda que o ignore, está sujeito à sentença de São Paulo: "É assim, nem o que planta é alguma coisa, nem o que ceifa, mas sim Deus, que é quem faz crescer e frutificar."

Em muitos lugares, o início do curso escolar coincide com essa ativa preparação da terra para que receba em seu seio a semente. Esses labores são vividas em cada lar, e dêles participam os meninos.

Os trabalhos escolares se assemelham a esses que, com tão grande interesse, realiza o agricultor.

Deve iniciar delicada e pacientemente a tarefa de preparar aquelas inteligências tóscas, aquéles corações rebeldes, limpando-os de tudo quanto possa estorvar a sua obra, e logo arrepiar a terra; romper com a relha do arado a superfície dura, pondo a descoberto a cálida entranha que sob ela se esconde. Gratas e como-vedoras descobertas realiza a mestra quando se acha empenhada nessa faina! Às vezes, onde esperava maior resistência, encontra a mais branda docilidade, e por outro lado se vê forçada a intensificar os esforços junto a meninas que pareciam abrir-se espontaneamente à sua insinuação.

O que mais a conforta é comprovar a eficácia dos seus esforços. Afinal, sempre pode contemplar satisfeita a bela perspectiva duns

sulcos que palpita ansiosos de receber a semente de seus ensinamentos, para abrigá-la com o fogo dos corações, fazendo-a germinar.

Que alívio experimenta a mestra agricultora, após a árdua lide de alguns meses, ao perceber que despontam já os primeiros brotos, que é fecundo o solo tantas vezes regado com o suor de seu rosto!

O resto se irá realizando ao longo do curso.

O coração da mestra, como o do agricultor, passará por alternativas de esperança e desalento; abrigará lisonjeiras ilusões e se sentirá presa de negros pessimismos; chorará algumas vezes, rirá outras. Também esse maternal coração da mestra se sentirá encadeado aos presságios duma seca ou duma chuva proveitosa. Aquela menina que resiste a seus chamamentos, que fechou o seu coração de forma que não é possível penetrá-lo, incompreendida e inacessível; sobre a qual resvalam tôdas as advertências, tôdas as solicitudes e falham todos os sistemas que se ensaiam! A seca mais devastadora ameaça inutilizar a sua obra, destruí-la, torná-la infecunda. Em compensação, aquela outra menina privilegiada, dócil, generosa é um receptáculo da graça divina, atraída sobre ela pelas orações de sua mestra, a quem traz consolo e alegria inefáveis mediante a frequente recepção de Sacramentos.

Mas antes que isso aconteça, pressagia-se, pressente-se, espera-se, tal como o temor anuncia a seca do coração inacessível, que traz em si o mais doloroso fracasso da educadora.

Como o agricultor, treme a professora quando percebe cheio de negras nuvens o céu da alma duma menina. Sinal de tormento; despertar prematuro de paixões; ameaça de perigos que podem ser fatais. Amargo e doloroso naufrágio! Mas não faltam à mestra recursos com que conjurar o perigo. Conta com a sua influência; mas possui, sobretudo, o grande recurso da oração.

A rogos seus, ardentes e fervorosos, cairá sobre a alma ameaçada o orvalho vivificador da graça divina e as nuvens se afastarão, ou, se se desfizerem em chuva, empaparão proveitosamente a terra, deixando-a umedecida.

Outras vezes, será uma perspectiva grata e lisonjeira, que compense os seus sacrifícios. Abundante colheita se lhe apresentará em consoladora esperança.

A suave caricia primaveril confortará sua escola. Uma atividade ordenada fará crescer

(Conclui na pág. 62)

A Evolução Musical e a Evolução Social

Prof.º Durvalina Camargo
Catedrática de Música
S. Paulo

A evolução musical está intimamente ligada à evolução social.

Procuraremos demonstrar isso, observando as vários etapas por que passou a humanidade e verificando que a evolução musical é determinada pela evolução social.

Não é sómente pelas particularidades de sua vida, de seus costumes, de sua língua e de suas instituições que um povo ou mais geralmente, um grupo humano se distingue dos outros. É também pelo seu temperamento e caráter coletivo. Esse temperamento se revela quando se estuda a cultura desse povo nas suas variadas formas. É pela arte, em todas as suas modalidades e não sómente pelos documentos literários que se manifesta, de fato, a cultura característica e original de um povo: é na estatuária, na pintura, nas artes decorativas, na arquitetura e na música, que cada povo encontra como uma linguagem, um meio de expressão de pensamento, de suas necessidades e aspirações.

Entre os povos antigos a música era associada às guerras e à religião. Entre os hindus, povo de celebrada civilização e sabedoria, já havia tratados de noções teóricas.

Entre os gregos a música era fator de educação do espírito e formação do caráter. Por exemplo, durante as festas nacionais como a Olímpiada, havia coros grandiosos de elevado grau de perfeição.

No Idade Média excluiu-se a sensibilidade humana. A evolução musical acompanhou essa mentalidade pois a música dessa época era profundamente austera.

No Renascimento a música voltou a ser a linguagem expressiva dos sentimentos humanos.

Com a revolução francesa houve uma profunda modificação nos ideais da humanidade. O fenômeno musical acompanha essa nova maneira de sentir, surgindo também uma música impregnada de sentimentos individuais.

No século atual predomina na sociedade o espírito de pesquisa, assim por exemplo surge a bomba atômica, o avião a jato, etc. e o fenômeno musical dessa época é um retrato fiel desse espírito, pois surge a "música de laboratório": a música atonal, a música palitonial, a música decafônica, surge ainda o semitono temperado, dividido em terças, quartas e sextas partes de tom.

No Brasil a arte musical, como não podia deixar de ser, ficou subordinada a uma multidão de necessidades sociais mais urgentes, dado o progresso extremamente lento que tivemos no domínio das atividades estéticas.

Um povo é a síntese do seu passado. Conhecer gerações anteriores, através de suas manifestações principalmente folclóricas é conhecer verdadeiramente o espírito deste determinado povo.

Na atualidade a música é considerada como um fator socializante de extraordinária importância, pois ao mesmo tempo que promove o desenvolvimento das individualidades, impõe-las a se ajustarem às contingências do meio social.

Fazendo-se um retrocesso de tudo o que foi dito, verificamos o caráter social de que se reveste a música.

Concluímos que o conjunto de fenômenos sociais que harmoniosamente se incorporam no canto coletivo é principalmente no canto orfeônico, onde almas irmanadas entoam unissenso o valor da cooperação da disciplina, do altruísmo e do alevantamento moral e social da pátria comum, influem na educação e no preparo do indivíduo.

UMA LIÇÃO PROVEITOSA...

(Conclusão da pag. 61)

a sementeira com inusitada rapidez, e então a mestra bendirá a Deus em seu coração, porque sabe e não esquece que "nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega; mas sim Deus, que é quem faz crescer e frutificar."

As meninas não são plantas inconscientes e cegas, que ignoram a mão que arroteia a terra e deposita o germe em sua entranya com delicado contato, e que arranca suavemente, para não danificá-la, o brôto maligno, ou que amacia solicita o leito sobre o qual se apoia, para que não a fira.

Mão providente e abnegada que trabalha infatigável, sem esquivar-se aos ardorosos raios do sol nem refugir à úmida chuva.

As meninas são plantas que germinam no conhecimento do benefício que se lhes faz, e no amor da pessoa que o procura.

São, ao mesmo tempo, plantas dotadas dum poder que não possuem os cultivos vegetais. Estão em condições de cooperar para a sua própria formação, associando-se à obra da mestra. Que esta lhes faça ver um simile tão real, recordando-o frequentemente, é coisa muito fácil nos ambientes rurais.

Qual prática e proveitosa será a lição!

Os Direitos da Criança

Pela presente declaração dos direitos da Criança, chamado a "Declaração de Genebra", reconhecendo que a humanidade deve conceder benefício para ela, afirmam como deveres seus, excluída toda a idéia de raça, nacionalidade ou crença religiosa, o seguinte:

CAMINHO DEVE SER RECONDUZIDA A ELE; O ORFÃO E O ABANDONADO DEVEM SER RECOLHIDOS E SOCORRIDOS.

III

A CRIANÇA DEVE SER A PRIMEIRA A RECEBER SOCORROS EM TODA A OCASIÃO DE CALAMIDADE PÚBLICA.

IV

A CRIANÇA DEVE SER PREPARADA PARA GANHAR A SUA SUBSISTÊNCIA E SER PROTEGIDA CONTRA TODA A ESPECIE DE EXPLORAÇÕES.

V

A CRIANÇA DEVE SER EDUCADA, INCLUINDO-SE-LHE O SENTIMENTO DO DEVER QUE LHE ASSISTE DE COLOCAR AS SUAS MELHORES QUALIDADES AO SERVIÇO DE SEUS IRMÃOS.

I
A CRIANÇA DEVE SER COLOCADA EM CONDIÇÕES DE REALIZAR NORMALMENTE O SEU DESENVOLVIMENTO FÍSICO E ESPIRITUAL.

II

A CRIANÇA COM FOME DEVE SER ALIMENTADA; A CRIANÇA ENFERMA DEVE SER ASSISTIDA; A CRIANÇA ATRASADA EM SUA EDUCAÇÃO DEVE SER ESTIMULADA A PROSEGUI-LA; A CRIANÇA DESVIADA DE BOM

PARA TOMAR OU RENOVAR ASSINATURA DA REVISTA DO ENSINO

Corte aqui

Autorizo a renovação de minha assinatura da Revista do Ensino, a contar do nº
inscrição

Para esse fim envio em (cheque bancário, vale postal ou valor declarado)

a quantia de Cr\$ (Porto comum, 1 ano (8 n.ºs) Cr\$ 200,00 — 2 anos (16 n.ºs) Cr\$ 360,00)

Expedida em (Data)

Enderéço: Nome:
(Bem legível)

Rua:
Bairro:
Cidade:
Estado:

Enderéço da "Revista do Ensino":

Avenida Borges de Medeiros, 1224 — 13.º andar — Porto Alegre

Leia Instruções na página seguinte.

Revista do ENSINO

Supervisão Técnica do Centro de Pesquisas
e Orientação Educacionais
da Secretaria de Educação
do Rio Grande do Sul

ADMINISTRAÇÃO:

Diretora: Prof.ª Maria de Lourdes Gastal.
Assistentes: Profas. Generice A. Vieira e
Maria Venina Terra.
Secretário: Yvonne Aydos Krieger.
Redatores: Professores Gilda García Bastos, Corália Ribeiro Porto, Dora Lopes e Astrogildo Fernandes.
Ilustradora: Prof.º Maria Madalena Lutzemberger.

REDAÇÃO

ASSINATURA E VENDA AVULSA

Av. Borges de Medeiros, 1224 — 13.º andar
Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil

Assinaturas: Sob porte simples

1 ANO Cr\$ 200,00

2 ANOS Cr\$ 360,00

Sob porte aéreo, mais Cr\$ 15,30 por exemplar.

A remessa de numerário deve ser feita por
cheque bancário ou valor declarado,
dirigido sempre à "Revista do Ensino".

Não trabalhamos com Reembolso Postal

Esta Revista é publicada em dois períodos
de quatro números: de março a junho e
de agosto a novembro.

NOSSA CAPA

NOSSA CAPA APRESENTA ALUNOS
DO JARDIM DE INFÂNCIA DO INSTI-
TUTO DE EDUCAÇÃO DE P. ALEGRE

LEIA COM ATENÇÃO ESTAS INSTRUÇÕES

Para tornar mais simples e eficiente o trabalho de inscrições e renovações de assinaturas, pedimos aos nossos assinantes que sigam com cuidado as instruções que seguem:

- I — Preencha **tôdas** as linhas da ficha de inscrição.
- II — Onde diz "renovação-inscrição", risque o que **não** é o seu caso.
- III — Quando se tratar de cheque bancário não esqueça que ele deve ser pagável em Porto Alegre.
- IV — Quando se tratar de cheque bancário ou vale postal, remeta-o **junto** com a ficha de inscrição.
- V — Observe que não **trabalhamos** com reembolso postal.
- VI — Se você já é assinante e não necessita desta ficha, ofereça-a a um colega para que se torne assinante.
- VII — Quando, passado o tempo devido, não receber o exemplar a que tem direito, comunique-nos o fato para que lhe façamos nova remessa. Não deixe passar muitos meses.
- VIII — Quando mudar de endereço, avise-nos imediatamente, indicando, também, o antigo endereço.
- IX — Não esqueça de registrar de maneira **legível** o seu nome e endereço, sempre que nos escrever.
- X — Os cheques, vales postais e valores declarados devem ser endereçados sómente à "REVISTA DO ENSINO".

Av. Borges de Medeiros, n.º 1224 — 13.º andar — Porto Alegre
Rio Grande do Sul

EU SOU ASSIM

Letra de Helena Pinto Vieira — Música de Vera Braga Nunes

1. Sou co-mo-a a-ve — fe-liz con- tan-do — No be-lo
2. Sou co-mo-a a-ve — fe-liz con- tan-do — No be-lo
ni-nho — A ba-lan- çar — Eu sou tam- bém — Co-mo-o pei-
sem-pre — A tra-ba- llhar — Vi-en-doa — le-gro — nes-te jo-
xi-nho — na- dan-do a- le-gre — No i-menso mar — Eu sal-to, eu
dim — Que é tam- bém — o nos-so lar.
cor-ro —, Sou co-e- lhi-nho — Mui-to man- si-nho —, sem-pre pu-
lar — Eu sou tam- bém — A for-mi- gu-i-na — Que nun-co
pa-ra — de tra-ba- llhar. Sou tão fe-

Revista do Ensino

Publicação Oficial da

Secretaria de Educação e Cultura

do Rio Grande do Sul



ASSINATURAS ENDERÉÇO

SOB PORTE SIMPLES

1 ANO	Cr\$ 200,00
2 ANOS	Cr\$ 360,00

Sob porte aéreo

Mais Cr\$ 15,30
por exemplar.

As remessas de numerário
devem ser endereçadas a

REVISTA DO ENSINO

Avenida Borges de Medeiros, 1224
— 13º Andar —

Pôrto Alegre — R. G. do Sul

BRASIL